

VOLUME
33

NÚMERO
83

AGOSTO
2022

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO



ARTIGO

Uma leitura histórica sobre Direitos Humanos, normativas e planos de ação sobre envelhecimento

ENTREVISTA

Gilberto Natalini

PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Bloqueadas no rolê durante o isolamento social!



Sesc São Paulo

Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000 São Paulo - SP
Tel.: +55 11 2607-8000
sescsp.org.br

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

VOLUME

33

NÚMERO

83

AGOSTO

2022

ISSN

2358-6362

Produção técnica editada pelo
Sesc – Serviço Social do Comércio

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de
São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Administração Luiz Deoclécio

*Massaro Galina Assessoria Técnica e de
Planejamento* Sérgio José Battistelli

GERENTES

Estudos e Programas Sociais Cristina Riscalla

Madi Adjunta Cristiane Ferrari *Artes Gráficas*

Rogério Ianelli *Adjunta* Karina Musumeci

COMISSÃO EDITORIAL

Neide Alessandra Périgo Nascimento
(coordenação), André Venancio da Silva,
Adriana Reis Paulics, Adriano Alves Pinto
Campos, Danilo Cymrot, Eduardo Lopes
Salomão Magiolino, Fabrício Leonardo
Ribeiro, Fernanda Andrade Fava, Flavia
Rejane Prando, Gustavo Nogueira de Paula,
Jair de Souza Moreira Júnior, Juliana Viana
Barbosa, Julio Cesar Pereira Júnior,
Mariana Barbosa Meirelles Ruocco,
Octávio Weber Neto, Rosângela Barbalacco,
Thais Helena Franco

CONTRIBUÍRAM COM ESSA EDIÇÃO

Aline Modena Couto, Ana Carolina Ferreira,
Andresa Caravage, Camilo Cazonatto,
Débora Carvalho, Flávia Favari, Mariani
Bernardes, Suellyn Camargo

Editoração Thais Helena Franco

Produção Digital Ana Paula Fraay,
Lourdes Teixeira Benedan e Karla Priscila
Vieira Carrero

Ilustrações Capa, pág. 8, 9, 106 a 113:

Luciano Salles

Fotografias pág. 96, 97, 98, 104 e 105: Gilberto

Natalini; pág. 116: Antonieta Marisa

Giglio Bassan, Ilda Saito Obtero, Joana

Cutelli Alves, Luiz Benedito de Paula

Souza, Maria Cecília Vilela e Maria Lúcia

Esteves de Moura; pág. 117: Maria Lúcia

Fim Oliveira, Maria Lurdes Schneider

Cavallari, Rosalva Teixeira e Maria Simon

Ferreira

Revisão Samantha Arana

Projeto Gráfico Marcio Freitas

e Renato Essenfelder

**Artigos para publicação podem ser
enviados para avaliação da comissão
editorial no seguinte endereço:**

revistamais60@sescsp.org.br

Mais 60: estudos sobre envelhecimento /
Edição do Serviço Social do Comércio. –
São Paulo: Sesc São Paulo, v. 33, n. 83,
Agosto 2022 –.

Quadrimestral.

ISSN 2358-6362

Continuação de A Terceira Idade: Estudos
sobre Envelhecimento, ano 1, n. 1, set. 1988-
2014. ISSN 1676-0336.

1. Gerontologia. 2. Terceira idade. 3. Idosos.
4. Envelhecimento. 4. Periódico. I. Título. II.
Subtítulo. III. Serviço Social do Comércio.
CDD 362.604



CAPA

Luciano Salles

Ilustrador, artista e psicanalista.
lucianosalles@me.com

SUMÁRIO

- 1 PÁGINAS DE 8 A 25
Destaque da edição
Uma Leitura Histórica sobre Direitos Humanos, Normativas e Planos de Ação sobre Envelhecimento
por Áurea Soares Barroso
- 2 PÁGINAS DE 26 A 39
A Pessoa Idosa no Combate às Notícias Falsas (Fake News): Uma Questão que Envolve a Todos Nós
por Lina Menezes
- 3 PÁGINAS DE 40 A 55
Ageing in Place – Envelhecimento em Casa e na Comunidade
por António M. Fonseca
- 4 PÁGINAS DE 56 A 73
A Experiência Virtual de um Grupo de Idosos da Baixada Fluminense no Contexto de Isolamento Social
por Carla Luciana Moraes de Souza, Mônica de Assis
- 5 PÁGINAS DE 74 A 89
Promoção do Bem-Estar para Pessoas Idosas no Grupo de Ginástica para Todos (GPT) Durante a Pandemia: Metodologia, Estratégias e Resultados
por Carla Andréia Pereira Silva, Thais Cristina dos Santos Rodrigues
- 6 PÁGINAS DE 90 A 95
Rede Educativa para a Longevidade – Gibi Turma da Longevidade
por Ana Bianca Flores Ciarlini, Fábio Tatsubô
- 7 PÁGINAS DE 96 A 105
ENTREVISTA: Gilberto Natalini
- 8 PÁGINAS DE 106 A 113
QUADRINHOS: Luciano Salles
- 9 PÁGINAS DE 114 A 121
PAINEL DE EXPERIÊNCIAS: Bloqueadas no Rolê Durante o Isolamento Social!
por Paula Bernardo, Sílvia Morello
- 10 PÁGINAS DE 122 A 125
Envelhecimento e Histórias em Quadrinhos
por Fabricio Ribeiro



Direitos das Pessoas Idosas e A Necessidade de Combater Notícias Falsas

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo



Ao mencionar a questão dos direitos — neste caso, das pessoas idosas —, há de se levar em consideração, inicialmente, os direitos humanos. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 10 de dezembro de 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, foi um marco no processo de reconstrução da dignidade humana, com seus 30 artigos que oferecem uma base sólida na vigilância da liberdade e na isonomia.

A partir da década de 1980, é possível observar avanços que tratam das ações relacionadas aos direitos das pessoas idosas, e que vão ao encontro dos Planos de Ação com foco no envelhecimento e na elaboração de normativas

fomentadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização dos Estados Americanos (OEA), além da mobilização da sociedade civil e instituições que atuam com este público.

A Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos (2015) enfatizou a necessidade de reforçar a implementação de políticas públicas, bem como concretizar direitos previstos legalmente. No Brasil o Estatuto do Idoso, aprovado em 2003, é a lei federal que tem como objetivo garantir os direitos e a proteção das pessoas idosas com idade igual ou superior a 60 anos.

Na prática, os direitos e todos os planos de ações que os cercam também precisam corroborar com as questões contemporâneas, que trazem a necessidade da proteção, mas também do acesso ao conhecimento e à informação por parte das pessoas idosas, seus familiares e profissionais da área do envelhecimento e da longevidade.

Nesse contexto, um exemplo recente é a problemática das notícias falsas e seus compartilhamentos na rede. A tecnologia da internet passou a possibilitar a produção de matérias com várias finalidades, e as pessoas idosas estão entre as que mais compartilham conteúdos falsos. No entanto, ao invés de culpabilizar esse público, é importante inseri-lo, cada vez mais, nas diversas esferas de interação interpessoais — incluídos aí os contextos digitais — e, assim, desconstruir preconceitos, estereótipos e a exclusão digital e social.

O Sesc, a partir da sua longa atuação com as pessoas idosas por meio do Programa Trabalho Social com Idosos (TSI), oferece atividades no campo da inclusão digital. Vale destacar o eixo do programa — Sociedade e Cidadania — que contribui com atividades para que as pessoas idosas sintam-se seguras nas redes digitais, saibam onde pesquisar, diferenciem notícias falsas de verdadeiras e utilizem as redes e aplicativos para manter seus laços afetivos.

Ainda sobre a questão dos direitos, a escritora, filósofa e feminista Simone de Beauvoir, em seu livro *A Velhice*, publicado em 1970, destacou:

“...o indivíduo conserva durante toda a sua vida os mesmos direitos e os mesmos deveres. O Código Civil não faz qualquer distinção entre um centenário e um quadragenário”.

Boa leitura! ➡

1

*Artigo
da capa*

Uma Leitura Histórica sobre Direitos Humanos, Normativas e Planos de Ação sobre Envelhecimento

[Artigo 1, páginas 8 a 25]





Áurea Soares Barroso

*Pedagoga, especialista em gerontologia pela Sociedade Brasileira de Gerontologia e Geriatria (SBGG), mestra em gerontologia, doutora em serviço social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e pós-doutora em ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/Cameam). Voluntária na Pastoral da Pessoa Idosa (<https://ppi.org.br>).
barrosoaurea@gmail.com*



RESUMO

Este texto, de cunho reflexivo, tem o objetivo de explicitar normativas e planos de ação sobre envelhecimento, elaborados na contemporaneidade, no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização dos Estados Americanos (OEA), dos quais o Brasil é signatário, em que, por meio de uma revisão narrativa, realiza-se uma análise histórica e social. Os avanços são evidentes, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido na direção da efetivação dos direitos sociais. Trata-se de um ensaio teórico, sem a pretensão do esgotamento da análise dos temas abordados.

Palavras-chave: normativas internacionais; envelhecimento; direitos sociais; pessoa idosa.

ABSTRACT

This text, of a reflective nature, aims to explain regulations, Action Plans on Aging, elaborated in contemporary times, within the scope of the United Nations (UN) and the Organization of American States (OAS), of which Brazil is a signatory. in which, through a narrative review, a historical and social analysis is carried out. The advances are evident, but there is still a long way to go towards the realization of social rights. This is a theoretical essay, without the pretension of exhausting the analysis of the topics covered.

Keywords: international regulations; aging; social rights; older person.

1 Suzana Aparecida Rocha Medeiros (1925–2021) dedicou os seus melhores esforços para a criação dos Programas de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social (1971) e Gerontologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP, 1997). Era assistente social, doutora em serviço social e foi agraciada com o título de professora emérita pela PUC/SP. A autora deste artigo foi sua aluna e organizou diversas atividades acadêmicas junto a ela..

Para Suzana Medeiros¹

***“As pessoas não morrem, ficam encantadas...
a gente morre é para provar que viveu.”***

*João Guimarães Rosa em “Discurso de posse na Academia
Brasileira de Letras (ABL)”, em 16 nov. 1967*

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno contemporâneo. A transição demográfica brasileira, a partir da segunda metade do século XX e primeira década do século XXI, chama a atenção, por um lado, pela diminuição da taxa de fecundidade, que se tem mostrado acelerada e, por outro, pelo aumento da proporção de idosos. “A população brasileira não é mais considerada uma população de jovens, aproximando-se do perfil populacional de países europeus, que levaram muito mais tempo para se chegar a ele” (FALEIROS, 2014, p. 8).

Estudo divulgado em 13 de outubro de 2021 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostra que, em 2010, os idosos representavam 7,3% da população brasileira, cerca de 14 milhões de pessoas. Em 2100, a expectativa é que o país ultrapasse a marca de 60 milhões de idosos, o que retrata um número superior a 40% de todos os brasileiros. E assinala que 40,3% dos brasileiros serão idosos daqui a aproximadamente 90 anos. Nesse cenário, o grupo etário 60 e mais se tornará cada vez mais representativo e o número de jovens diminuirá ao longo dos anos².

Vale lembrar que a expectativa de vida dos(as) brasileiros(as) vinha num crescente desde 1940, e aumentou em 30,8 anos (DÓREA, 2021). Em 2019, a média de vida era de 76,6 anos. Em contrapartida, entre março de 2020 e dezembro de 2021, caiu para 72,2 anos. Nesse período, o(a) brasileiro(a) perdeu 2 meses de vida por mês e foram registrados 450 mil óbitos, sendo 253 mil de pessoas idosas. É o que aponta um levantamento elaborado, pela especialista em demografia do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Ana Amélia Camarano³.

O presente estudo parte da premissa de que o envelhecimento deve ser compreendido no contexto de direito social a ser assegurado pelo Estado. E como um fenômeno biológico, psicológico, histórico, cultural, social, econômico, portanto, complexo, multifacetado e que produz impactos na vida das pessoas em razão da distribuição desigual da riqueza socialmente produzida. Como aponta o relatório da Riqueza Global, publicado anualmente pelo Banco Credit Suisse, a fatia que corresponde a 1% da população mais rica do Brasil detém quase a metade da riqueza nacional (49,6%)⁴.

Assim, concordamos com Teixeira (2008, 2017) quando afirma que é necessário romper com a perspectiva abstrata do envelhecimento e voltar o olhar para a totalidade social, resgatando a historicidade e inserindo o homem na sociedade em que vive. E com visões generalistas que homogeneizam a velhice como um tempo de declínio, decadên-

2 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/estudo-aponta-que-idosos-vao-representar-40-da-populacao-brasileira-em-2100/>. Acesso em: 10 mai. 2022.

3 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pandemia-reduz-expectativa-de-vida-no-brasil-em-44-anos-diz-especialista>. Acesso em: 20 abr. 2022.

4 Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/06/24/distribuiacao-riqueza-nacional---brasil.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 30 abr. 2022.

Artigo 1

Uma Leitura Histórica sobre Direitos Humanos,
 Normativas e Planos de Ação
 sobre Envelhecimento

cia e improdutividade. Alcântara (2021) complementa as reflexões supracitadas quando afirma que é preciso observar o contexto, inverter o olhar sobre o outro – mais do que falar sobre o velho, olhar a sociedade onde ele está inserido e como a coletividade se refere a este sujeito. Embora nos dias atuais a vida vivida demonstre um contexto no qual a população idosa já se engaje em relações impensáveis há décadas:

(...) ainda continua fortemente impregnada, no imaginário social, a figura de velhos e velhas com seus pijamas, na cadeira de balanço, contando histórias para os netos, presos ao passado; enfim, esta é uma representação cristalizada que define um jeito de ser velho como se fosse o único. Urge repudiar modelos pré-concebidos, pois aumentam o preconceito (ALCÂNTARA, 2021, p. 206).

A seguir explicitamos *normativas e planos de ação elaborados no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização dos Estados Americanos (OEA) referentes ao tema do envelhecimento, das quais o Brasil é signatário*, mas antes de apresentá-las, merece ser citada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, um marco no processo de reconstrução dos direitos humanos após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

De acordo com a referida declaração, condição de pessoa é o requisito único para a titularidade dos direitos, considerando o ser humano algo essencialmente moral, dotado de unicidade existencial e dignidade (PIOVESAN, 2007)⁵. Herrmann (2020) pontua que, embora a Declaração Universal dos Direitos Humanos tenha consignado que os direitos previstos são garantidos a todos sem distinção, trata da velhice em apenas uma passagem, no artigo XXV:

Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança, em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, **velhice** ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

Alcântara (2007) faz uma apresentação dos direitos humanos, classificando-os em gerações:

5 A dignidade da pessoa humana, prevista no artigo 1º, inciso III da Constituição Federal, constitui um dos fundamentos do Estado Democrático de Direito, inerente à República Federativa do Brasil. Ingo Wolfgang Sarlet (2001, p. 60) a define assim: “Temos por dignidade da pessoa humana a qualidade intrínseca e distintiva de cada ser humano que o faz merecedor do mesmo respeito e consideração por parte do Estado e da comunidade, implicando, neste sentido, um complexo de direitos e deveres fundamentais que assegurem a pessoa tanto contra todo e qualquer ato de cunho degradante e desumano, como venham a lhe garantir as condições existenciais mínimas para uma vida saudável, além de propiciar e promover sua participação ativa corresponsável nos destinos da própria existência e da vida em comunhão dos demais seres humanos”.

(...) primeira geração – os direitos da liberdade e têm como titular o indivíduo e são oponíveis contra o Estado. É a primazia do indivíduo ante ao poder, agora limitado, do Estado, antes sem limites e todo-poderoso. Direitos de segunda geração – os direitos sociais, culturais, econômicos e os direitos da coletividade. Direitos de terceira geração – o direito ao desenvolvimento, o direito à paz, o direito ao meio ambiente, o direito de propriedade sobre o patrimônio comum da humanidade e o direito de comunicação. Direitos de quarta geração – relacionados aos resultados das pesquisas da engenharia genética, como por exemplo, as manipulações do patrimônio genético do indivíduo; às pesquisas com células tronco (ALCÂNTARA, 2007, p. 24).

Segundo Alcântara (2007), historicamente, o velho é visualizado como sujeito singular de direitos, quando da afirmação dos direitos sociais (2ª geração)⁶.

A necessidade de proteger os direitos das pessoas idosas foi mencionada por ocasião da Assembleia Geral realizada em 1973, pela ONU. Porém, somente em 1982 foi elaborado um documento para balizar as políticas destinadas a esse segmento populacional (MENDONÇA, 2015, p. 77). A partir da Primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, realizada em Viena (Áustria), em 1982, e mencionada anteriormente por Mendonça (2015), o tema do envelhecimento alcança a agenda internacional. A Assembleia de Viena desconstruiu o mito de que o desafio do envelhecimento era mais notado em países – assim chamados – desenvolvidos; em 1975, mais da metade dos cidadãos maiores de 60 anos vivia em países em desenvolvimento. E produziu o primeiro instrumento internacional sobre envelhecimento, guiando entendimentos e formulação de políticas e programas (SILVA, 2007). O Plano de Ação de Viena indicava sete áreas prioritárias para o envelhecimento:

(...) saúde e nutrição, proteção a consumidores idosos, habitação e ambiente, família, bem-estar social, segurança e emprego, educação e representou o marco para a formação da consciência universal de atenção ao longo, ensejando posteriormente a adoção de uma Carta de Princípios da ONU (1991) para as pessoas idosas, a consagração de um Ano Internacional do Idoso (1999) e o Segundo Plano de Ação, de Madrid, para o Envelhecimento (2002) (SILVA, 2007, p. 33).

6 Segundo José Afonso da Silva, “os direitos sociais, como dimensão dos direitos fundamentais do homem, são prestações positivas proporcionadas pelo Estado direta ou indiretamente, enunciadas em normas constitucionais, que possibilitam melhores condições de vida aos mais fracos, direitos que tendem a realizar a igualização de situações sociais desiguais” (SILVA, 2006, p. 286). Os direitos sociais estão dispostos na Constituição Federal de 1988 em seu art. 6º: a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.

Artigo 1

Uma Leitura Histórica sobre Direitos Humanos,
Normativas e Planos de Ação
sobre Envelhecimento

7 A Convenção Americana de Direitos Humanos, conhecida como Pacto de San José da Costa Rica, foi assinada em San José da Costa Rica, em 1969, entrando em vigor em 1978. Em seu texto originário, a convenção não tratou de forma específica de direitos da pessoa idosa (Alcantara, 2007).

Os Princípios das Nações Unidas em Favor das Pessoas Idosas, citados anteriormente (Resolução n. 46/1991) têm como eixos principais a independência, a participação, os cuidados, a autorrealização e a dignidade (ALCÂNTARA, 2007; SILVA, 2007; MENDONÇA, 2015). Somente em 1988, através do Protocolo Adicional à Convenção Americana⁷ referente aos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (Pacto de San José da Costa Rica), denominado também de Protocolo de San Salvador, foram previstas normas de cunho especial referente à proteção das pessoas idosa (MAIO, 2013; MENDONÇA, 2015; ALCÂNTARA, 2007). O referido documento tem caráter juridicamente vinculante para América Latina e Caribe e inclui normas sobre os direitos básicos das pessoas idosas.

(...) obriga os Estados a garantirem progressivamente proteção especial à velhice para que os idosos desfrutem de alimentação e de atenção médica especializada, de execução de programas trabalhistas específicos, que possibilitem a realização de atividades produtivas e a promoção da formação de organizações sociais destinadas a melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas (MENDONÇA, 2015, p. 79).

Maio (2013, p. 34) ressalta que o Protocolo de San Salvador é um instrumento internacional vinculativo, mas pontua que o documento “incorpora, especificamente, alguns dos direitos das pessoas idosa, mas de forma muito tímida”.

Após vinte anos da 1ª Assembleia Mundial, a ONU realizou a 2ª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento no período de 8 a 12 de abril de 2002, em Madri. Mendonça (2015) participou dessa assembleia e afirma ter assistido:

(...) naquela cidade, pessoas idosas protestando nas ruas por não terem sido chamadas ou convidadas a participar de um evento que lhes dizia respeito. Efetivamente, esse é um aspecto que precisa ser considerado pelos promotores dos eventos internacionais para que as suas recomendações incorporem os pleitos de seu público-alvo. Nessa assembleia, pelo que se pôde observar, as organizações não governamentais participaram, sem, contudo, terem direito à voz. Em compensação, elas realizaram o Fórum Mundial das ONGs sobre envelhecimento, nos dias 5 a 9 de abril de 2002, em Madri, e encaminharam os resultados de suas análises e discussões à Organização das Nações Unidas. (...) Dentre as recomendações do referido Fórum Mundial das ONGs, destacam-se: a aplicação da Declaração Universal dos Direitos

Humanos para todos os cidadãos, a plena inclusão das pessoas idosas na vida social e econômica de suas respectivas sociedades, o aproveitamento de suas capacidades e experiências e a defesa de seus direitos diante de qualquer discriminação (MENDONÇA, 2015, p. 79).

Ressalta-se que o Brasil é signatário dos documentos elaborados nas duas assembleias (1982, 2002).

A segunda Assembleia produziu um documento denominado Plano de Ação Internacional sobre Envelhecimento (2003), adotando medidas em três direções prioritárias: idosos e desenvolvimento; promoção da saúde e bem-estar na velhice; e, ainda, criação de um ambiente propício e favorável (MENDONÇA, 2020). De acordo com Maio (2013), o referido plano constituiu-se em um marco fundamental, mas não vinculativo, de caráter orientador e paradigmático, que influenciaria muitas legislações internas dos Estados, nas quais os governos afirmaram o conceito de uma “sociedade para todas as idades”.

Em 2003, em Santiago do Chile, foi realizada a Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento – América Latina e Caribe sob a organização do governo chileno em conjunto com a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal), o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), a Organização Pan-Americana de Saúde (OPS), a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Banco Mundial e o programa sobre envelhecimento das Nações Unidas. Foi a primeira conferência de caráter intergovernamental sobre envelhecimento realizada na região, como instância de análise e de intercâmbio a respeito da situação do envelhecimento e de pessoas idosas. Nessa ocasião, foi acordada pelos países participantes a estratégia regional de implementação do Plano de Ação Internacional de Madri sobre o Envelhecimento (MENDONÇA, 2015, p. 79).

A Segunda Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento na América Latina e no Caribe: Uma Sociedade para Todas as Idades e de Proteção Social Baseada em Direitos e a chamada Madri +5 foi realizada em 2007 no Brasil, que culminou com a denominada Carta de Brasília. Maio (2013) ressalta a importância desse documento produzido na conferência, notadamente em duas questões:

- Acordamos solicitar aos países membros do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas que avaliem a possibilidade de

designar um relator especial encarregado de velar pela promoção e proteção dos direitos humanos das pessoas idosas.

Comprometemo-nos a realizar as consultas pertinentes com nossos governos para incentivar a elaboração de uma convenção sobre os direitos humanos das pessoas idosas no seio das Nações Unidas.

Notari e Fragoso (2011) reiteram as reflexões supracitadas e lembram que aconteceram três reuniões de seguimento com a proposta estratégica para avançar nos conteúdos da Declaração de Brasília. A primeira foi realizada no Rio de Janeiro, em 2008. A segunda, em Buenos Aires, em maio de 2009, e a terceira na cidade de Santiago do Chile, em outubro de 2009.

Durante a primeira reunião de seguimento, a Associação dos Membros do Ministério Público de Defesa do Idoso e Pessoas com Deficiência (Ampid) apresentou uma minuta da Convenção de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa, que foi repassada para a representante do governo da Argentina com o objetivo de dar continuidade às discussões (MENDONÇA, 2020). O resultado da segunda reunião de seguimento foi apresentado “pelo governo argentino ao secretário-geral da Organização das Nações Unidas e dos Estados Americanos, sob forma de documento que tinha como principal justificativa a necessidade de uma convenção” (MENDONÇA, 2016, p. 11). Em 2012, em São José, na Costa Rica foi realizada a Terceira Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento na América Latina e Caribe, tendo como objetivo o tema Envelhecimento, Solidariedade e Proteção Social: O Tempo de Avançar para a Igualdade,

na qual foi analisada a implementação dos compromissos assumidos pelos países da região na Declaração de Brasília, aprovada em 2007 durante a Segunda Conferência, tendo sido reafirmada a necessidade de se adotar, por parte das Nações Unidas, uma convenção internacional com caráter vinculante (MAIO, 2013, p. 37).

Em síntese, percebe-se que a mobilização da sociedade civil, buscando apoio de governos do continente americano, da Cepal e de outros organismos internacionais foi fundante rumo à aprovação de uma convenção dessa natureza jurídica.

A elaboração de planos de ação, normativas elaboradas no âmbito da ONU e OEA merece destaque, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido na direção da efetivação de direitos sociais como destacam Silva e Yazbek (2014) em se tratando das necessidades da

população idosa no Brasil, cujo contingente se tornou bastante expressivo nos últimos anos, conforme dados do IBGE através dos censos.

(...) novos desafios são postos à agenda pública governamental no sentido do atendimento das demandas advindas desta faixa etária. Os programas, serviços e equipamentos sociais disponibilizados pelo poder público nos diferentes níveis de gestão em âmbito federal, estadual e municipal, embora representando avanços institucionais, são ainda insuficientes diante das necessidades crescentes. Esta é uma realidade presente nos demais países do continente latino-americano, o que passa a exigir o planejamento e a adoção de medidas com amplitude de cobertura nas áreas da educação, saúde, assistência social, segurança alimentar, habitação, trabalho e emprego, mobilidade e acessibilidade e que possam atender a urgência desse segmento social em buscar qualificar a trajetória de sua longevidade para esta e para as futuras gerações (SILVA e YAZBEK, 2014, p. 108).

A seguir, algumas considerações acerca da **Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos no âmbito da Organização dos Estados Americanos**.

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.” Guimarães Rosa⁸

No texto base da Segunda Conferência Nacional de Direitos da Pessoa Idosa (2009)⁹, o governo federal brasileiro reconhece a importância de estreitar diálogos mirando a criação de uma convenção sobre a proteção dos direitos da pessoa idosa pela ONU:

A Declaração de Brasília, documento da Segunda Conferência Regional Intergovernamental da América Latina e Caribe (Madri +5), realizada em 2007 no país, recomendou expressamente o início de um diálogo abrangente rumo à construção de uma nova convenção da Organização das Nações Unidas (ONU), voltada à proteção dos direitos da pessoa idosa. Nesse sentido, na reunião de seguimento da Declaração de Brasília, realizada no Rio de Janeiro em setembro de 2008, com a participação de 13 países, propôs-se que os governos solicitem à Comissão de Assuntos Jurídicos do Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos (OEA) uma sessão extraordinária para tratar do tema (VANNUCHI, 2009, p. 9).

8 ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 36ª impressão, São Paulo: Nova Fronteira, 1988, p. 52.

9 Após proferir a palestra magna na Primeira Conferência Nacional de Direitos da Pessoa Idosa (2006), Alexandre Kalache sugeriu que os(as) participantes elaborassem uma moção propondo que o governo federal do Brasil assumisse a liderança no debate na direção da criação de uma Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa Idosa pela ONU. A moção foi elaborada e aprovada na plenária final. Alexandre Kalache reiterou a necessidade da criação de uma Convenção pela ONU em seu pronunciamento na Abertura da Segunda Conferência Nacional de Direitos da Pessoa Idosa (2009). Em tempo, de modo sucinto, moção é um posicionamento individual sobre determinado tema que após ser submetido à votação e aceito por um grupo passa a pertencer ao coletivo que o aprovou.



A elaboração de planos de ação e normativas elaboradas no âmbito da ONU e OEA merecem destaque, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido na direção da efetivação de direitos sociais.

A **Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos (CIPDHI)** foi aprovada em sessão realizada no dia 15 de junho de 2015 em Washington, Estados Unidos, pela Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA). A entrada em vigor do tratado se deu no dia 1º de janeiro de 2017 após o depósito do segundo instrumento de ratificação na Secretaria Geral da OEA (HERRMANN, 2020).

O Brasil foi um dos primeiros países a assinar a convenção, mas ela ainda precisa passar por apreciação no Congresso Nacional. Portanto, há carência de vigência no país (Herrmann, 2020; Mendonça, 2020). Martins e Herrmann (2019) ressaltam que a importância de uma convenção de direitos humanos para o Brasil reside no fato de que uma vez ratificada pelo Poder Executivo federal,

ela passa a produzir efeitos em todo o território nacional. Independentemente da forma como a convenção for internalizada no ordenamento jurídico (a depender do procedimento para a sua aprovação no Brasil, um tratado de direitos humanos pode ter a mesma força que as normas constitucionais)¹⁰ os objetivos, as diretrizes e as obrigações previstos no tratado devem ser levados em conta tanto no momento da elaboração de políticas públicas, como nas decisões proferidas pelos juízes brasileiros. Além disso, os Estados que aderirem aos tratados de direitos humanos ficam submetidos ao controle de órgãos internacionais especialmente criados pelas convenções, cuja finalidade é fiscalizar e exigir o cumprimento das disposições pactuadas. Isto quer dizer, na prática, que o fato de um país ratificar uma tal convenção abre aos seus cidadãos a possibilidade de mais um canal – desde vez internacional – de acesso à justiça (MARTINS e HERMANN, 2019, p. 74).

10 Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, art. 5º [...] § 3º: “os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais”.

Em 18 de dezembro de 2020, o Conselho Nacional dos Direitos Humanos (CNDH) expediu a Recomendação nº 22 à Câmara dos Deputados para que aprove o Projeto de Decreto Legislativo de Acordos, Tratados ou Atos Internacionais (PDC) 863/2017 para continuar a tramitação de internalização da aludida convenção. A seguir alguns aspectos destacados pelo CNDH:

A Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) aprovou parecer do relator pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa do PDC, a considerando “desejável e oportuna”, além de “salutar e necessária, uma vez que o envelhecimento populacional, no Brasil, exige políticas públicas que assegurem os direitos da população idosa”.

O parecer da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa foi aprovado por unanimidade, em que se afirma o “grande avanço” da convenção que, além de salutar e necessária, é urgente, pois dirime “questões que são postas à conceituação diariamente, além de gerar inúmeras proposições legislativas e executivas, que ainda não chegaram a um consenso, como abandono, cuidados paliativos, discriminações, envelhecimento, envelhecimento ativo e saudável, serviços socioassistenciais integrados, dentre outros”.

O tema dos cuidados paliativos citado anteriormente também foi destacado, em razão de ser citado pela primeira vez em um tratado de direitos humanos,

(...) como um direito a ser assegurado ao paciente idoso que, avesso aos métodos obsessivos de tratamento para doenças diagnosticadas sem cura, deve poder optar livremente por mecanismos de alívio e controle da dor (física, psicológica e espiritual) para, juntamente com sua família e demais entes queridos, gozar de dignidade também ao fim da vida (HERRMANN, 2020, p. 181).

São destacados avanços da CIPDHI, eis alguns:

No campo da efetivação das normas, ao contemplar o mecanismo de monitoramento das obrigações contidas no tratado, com a previsão de um sistema duplo de acompanhamento, composto, de um lado, por um órgão representativo dos Estados-partes e, de outro, por um Comitê de Peritos a ser integrado por especialistas no tema do envelhecimento (HERRMANN, 2020, p. 181).

Artigo 1

Uma Leitura Histórica sobre Direitos Humanos,
Normativas e Planos de Ação
sobre Envelhecimento

Também é abordada a relação dos meios de proteção, notadamente no sistema de peticionamento individual:

Significa dizer que, uma vez obrigado ao tratado, o Estado-membro poderá ser instado a cumprir quaisquer direitos previstos na CIPDHIP, mediante a iniciativa direta de indivíduos ou grupo de indivíduos às instâncias interamericanas de proteção. A medida é exemplo da ampliação do acesso à justiça internacional, e é essencial para a concretização dos objetivos da convenção e da própria responsabilização dos países signatários na realização dos direitos humanos (HERRMANN, 2020, p.182).

A convenção desvenda as diversas realidades do envelhecimento na região, numa visão expandida do conceito de pessoa idosa, ancorado na compreensão da heterogeneidade:

(...) abrindo a possibilidade aos Estados-partes de estabelecerem novos marcos etários delimitadores desta fase da vida, inclusive para abaixo dos 60 anos de idade. Aquilo que parece ser um mero pormenor (a fixação cronológica do início da velhice e a sua flexibilização para idades inferiores) é reconhecido neste estudo como mais um instrumento de proteção contra retrocessos em direitos já garantidos (HERRMANN, 2020, p. 180).

Em suma, a referida convenção é um documento avançado sobre a proteção de direitos humanos da pessoa idosa e a sua ratificação desafiara o Brasil a buscar alternativas para assegurar direitos sociais. Assim sendo, “consideram-se urgentes a organização e o fortalecimento da sociedade civil junto aos parlamentares para que seja ratificada a convenção, bem como para que sejam alocados e assegurados recursos para implementação das políticas destinadas às pessoas idosas” (MENDONÇA, 2020, p. 355).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento populacional é celebrado como uma das maiores conquistas da humanidade. A perspectiva do envelhecimento, encarada como vitória da humanidade e não como problema, recupera o papel do Estado como espaço estratégico e equalizador de oportunidades de reinserção da pessoa idosa como sujeito de direitos e como eixo de preocupação das políticas públicas (SILVA e YAZBEK, 2014).



O fato é que a população tem envelhecido de modo heterogêneo. Em alguns países do continente latino-americano, esse processo encontra-se mais avançado do que em outros. Isso requer dos países latino-americanos um esforço maior no redimensionamento da agenda pública de proteção social.

Ao longo deste texto, pontuamos que as questões do envelhecimento não podem ser vistas de modo abstrato, mas na divisão de classes (TEIXEIRA, 2008, 2017). Nesse sentido, concordamos com Haddad (2016), quando afirma que: “O lugar ocupado pelo trabalho durante a vida produtiva é decisivo na qualidade do fim da vida na velhice” (HADDAD, 2016, p. 39).

O fato é que a população tem envelhecido de modo heterogêneo. Em alguns países do continente latino-americano, esse processo encontra-se mais avançado do que em outros. Isso requer dos países latino-americanos um esforço maior no redimensionamento da agenda pública de proteção social. A conformação desta agenda sub-tende o reconhecimento dos direitos à vida, à dignidade e à longevidade como direitos dos cidadãos e dever do Estado (SILVA e YAZBEK, 2014).

Ainda nessa perspectiva, Yazbek (2012, p. 9) afirma que:

(...) de modo geral o padrão de desenvolvimento do sistema de proteção social brasileiro assim como dos países latino-americanos foi bem diverso daquele observado nos países europeus, pois as peculiaridades da sociedade brasileira, de sua formação histórica e de suas dificuldades em adiar permanentemente a modernidade democrática pesaram fortemente nesse processo. Assim sendo, o acesso a bens e serviços sociais caracterizou-se por ser desigual, heterogêneo e fragmentado.

A partir da década de 1980, e da crescente mobilização da sociedade civil, são observados avanços que culminaram na elaboração de normativas e planos de ação com foco no envelhecimento no âmbito da ONU e OEA. Concordamos com Mendonça (2020) quando ele afirma que os três principais atos internacionais – Plano de Ação Internacional de Viena sobre Envelhecimento (1982); Princípios das Nações Unidas em Favor das Pessoas Idosas (1991); Plano de Ação Inter-

Artigo 1

Uma Leitura Histórica sobre Direitos Humanos,
Normativas e Planos de Ação
sobre Envelhecimento

nacional de Madri sobre Envelhecimento, aprovado na II Assembleia Mundial para o Envelhecimento –, embora de *soft law*, trouxeram orientações e diretrizes fundamentais para a proteção dos direitos humanos dessa população, definindo três linhas prioritárias para o atendimento desse objetivo no Plano de Madri. São elas: pessoas idosas e desenvolvimento; saúde e bem-estar na velhice; e entorno propício e favorável (MENDONÇA, 2020, p. 345).

Também concordamos quando Mendonça (2015) afirma que a participação abrangente da sociedade civil é de suma importância para ratificação da Convenção Internacional sobre Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos na perspectiva de reforçar a efetividade da implementação de políticas públicas e a sua possibilidade de concretizar direitos previstos legalmente (MENDONÇA, 2020).

E Gohn (2019) nos ensina que a participação objetiva fortalece a sociedade civil para a construção de caminhos que apontem para uma nova realidade social, sem injustiças, exclusões, desigualdades, discriminações etc. Assim,

o pluralismo é a marca dessa concepção de participação, segundo a qual os partidos políticos não são os únicos atores importantes, pois há de se considerar, também, os movimentos sociais e os agentes de organização da participação social, os quais são múltiplos. Uma gama variada de experiências associativas é considerada relevante no processo participativo, como grupos de jovens, de idosos, de moradores de bairros etc. (...) Os entes principais que compõem os processos participativos são vistos como “sujeitos sociais”, portanto, não se trata de indivíduos isolados (...) (GOHN, 2019, p. 67).

Estamos a caminho da comemoração de 20 anos da aprovação do Estatuto do Idoso, Lei 10.741, sancionada no dia 10 de outubro de 2003, pelo então presidente da república, a partir de intensa mobilização da sociedade civil e de lideranças idosas. No entanto, como diz Ramos (2004), as normas registradas no Estatuto do Idoso,

consoante as quais as pessoas com mais de 60 anos têm direito à vida, à liberdade, ao respeito, à dignidade, aos alimentos; à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à profissionalização, à previdência, à assistência, à habitação e ao transporte, contudo, não são suficientes para garantir-lhes concretamente esses direitos. Se os idosos não tiverem consciência de que esses direitos existem e que as autoridades

e demais cidadãos devem agir no sentido de afirmá-los, de nada terá adiantado todo o esforço para sua elaboração e vigência. A lei por si só não é capaz de mudar a realidade. Ela necessita da disposição de todos no sentido de que seja realmente cumprida (RAMOS, 2004, p. 136).

Assim sendo, que possamos aproveitar esse momento histórico e vivenciá-lo coletivamente, dialogando junto com as pessoas idosas sobre avanços e desafios para efetivação do Estatuto do Idoso, além de propormos uma revisão de normativas brasileiras visando inserir aspectos contemplados na Convenção Interamericana sobre Proteção de Direitos Humanos dos Idosos, inéditos na nossa legislação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. Diálogos com o Estatuto do Idoso e Paulo Freire: a velhice para além do antigamente, uma possibilidade de ser mais. *Revista Kairós-Gerontologia*, 24(1), p. 199-212, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/53938>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira. *O direito fundamental à velhice digna: limites e possibilidades de sua efetivação*. Dissertação de Mestrado (Direito Constitucional). Fundação Edson Queiroz. Universidade de Fortaleza (Unifor), Centro de Ciências Jurídicas. Fortaleza, Ceará, 2007.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 10 mai. 2022.
- BRASIL. Lei 10.741, de 1 de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 10 mai. 2022.
- BRASIL. Declaração de Brasília, Segunda Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento na América Latina e no Caribe: uma sociedade para todas as idades e de proteção social baseada em direitos, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) da Organização das Nações Unidas. Brasília, 4 a 6 de dez. 2007, p. 3.
- CONVENÇÃO Interamericana de Direitos Humanos. Disponível em: http://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_america.htm. Acesso em: 10 jun. 2022.
- DOREA, E. Revolução da longevidade. In: RIOTO, I. A.; BARROSO, A. E. S.; VIANA, E. B. (org.). *Morar 60 mais: revolucionando a moradia em face da longevidade*. 1. ed., v. 1. São Paulo, 2021, p. 27-38.

Artigo 1

Uma Leitura Histórica sobre Direitos Humanos,
 Normativas e Planos de Ação
 sobre Envelhecimento

- FALEIROS, V. P. Envelhecimento no Brasil do século XXI: transições e desafios. *Argumentum* (Vitória), v. 6, p. 6-21, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Sassa/Downloads/Dialnet-EnvelhecimentoNoBrasilDoSeculoXXI-4834947.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- GOHN, M. G. M. *Teorias sobre a participação social: desafio para a compreensão das desigualdades sociais*. Cad. CRH 32 (85), Jan.-Apr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v32i85.27655>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- MAIO, I. G. Os Tratados Internacionais e o Estatuto do Idoso: rumo a uma Convenção Internacional? In: COSTA FILHO, W. M.; MULLER, N. P. (org.). *Estatuto do Idoso: dignidade humana como foco*. 1. ed. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, v. 1, 2013, p. 32-44.
- MARTINS, A. N. E.; HERRMANN, M. E. C. A mediação como instrumento de acesso à justiça nas relações familiares com idosos. *Mais 60: Estudos Sobre Envelhecimento*, v. 29, 2019, p. 68-83.
- MENDONÇA, J. M. B. de. *Políticas públicas para idosos no Brasil: análise à luz da influência das Normativas Internacionais*. Tese de Doutorado [Departamento de Serviço Social] – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- MENDONÇA, J. M. B. de. *Idosos no Brasil: políticas e cuidados*. Curitiba: Juruá, 2016.
- MENDONÇA, J. M. B. de. Direitos Humanos e pessoa idosa: por uma convenção que proteja. In: MUSIAL, D. C.; BARROSO, A. E. S.; MARCOLINO-GALLI J. F.; ROCHA, F. (org.). *Políticas sociais e gerontologia: diálogos contemporâneos*. 1. ed. v. 1, p. 345-367. Maringá: Uniedusul, 2020.
- NAÇÕES UNIDAS. Assembleia Geral. *Plano de Ação Internacional de Viena Sobre o Envelhecimento* (1982). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/e-psico/index.php/plano-de-acao-internacional-de-viena-sobre-o-envelhecimento/>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- NAÇÕES UNIDAS. Assembleia Geral. *Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas*. Adotados pela Resolução 46/91 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 16 de dezembro de 1991. Disponível em: <http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/princ-pessoasidosas.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2018.
- NAÇÕES UNIDAS. *Carta de São José sobre os Direitos dos Idosos de América Latina e Caribe*. Adotada na terceira Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento na América Latina e Caribe. San José de Costa Rica, 8 a 11 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.ampid.org.br/v1/wp-content/uploads/2014/08/cartasanjose-portugues2.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.

- NAÇÕES UNIDAS. *Declaração de Brasília*. Segunda Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento na América Latina e no Caribe: uma sociedade para todas as idades e de proteção social baseada em direitos. Brasília, DF, 4 a 6 dez. 2007. Disponível em: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_informes/11.pdf. Acesso em: 10 mai. 2022.
- NOTARI, M. H. A.; FRAGOSO, M. H. J. M. A inserção do Brasil na política internacional de direitos humanos da pessoa idosa. *Revista Direito GV*, jun. 2011, v. 7, n. 1, p. 259-276. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1808-24322011000100013>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- PIOVESAN, F. *Direitos humanos e o direito constitucional internacional*. São Paulo: Saraiva, 2007.
- RAMOS, P. R. B. O Estatuto do Idoso: primeiras notas para um debate. *Revista de Políticas Públicas*, São Luís, v. 8, p. 135-140, 2004.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 36ª impressão, São Paulo: Nova Fronteira, 1988, p. 52.
- SARLET, I. W. *A eficácia dos direitos fundamentais*. 2ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.
- SILVA, A. C. A. P. O papel da ONU na elaboração de uma cultura gerontológica. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 18, n. 39, p. 31-41, jun. 2007. Disponível em: https://issuu.com/sescsp/docs/a_terceira_idade_n___39_pol__ticas_. Acesso em: 20 mai. 2022.
- SILVA, J. A. *Curso de direito constitucional positivo*. 26. ed. São Paulo: Malheiros, 2006.
- SILVA, M. R. F.; YAZBEK, M. C. Proteção social aos idosos: concepções, diretrizes e reconhecimento de direitos na América Latina e no Brasil. *Revista Katálisis* (impresso), v. 17, 2014, p. 102-110.
- TEIXEIRA, S. M. *Envelhecimento e trabalho no tempo do capital: implicações para a proteção social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.
- TEIXEIRA, S. M. *Envelhecimento na sociabilidade do capital*. 1. ed. Campinas: Papel Social, 2017.
- YAZBEK, M. C. *Sistemas de proteção social, intersetorialidade e integração de políticas sociais*, jan. 2012, 27 p., texto impresso, mimeografado.
- WORLD HEALTH Organization. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Tradução Suzana Gontijo. In: *Revista Portal de Divulgação*. Brasília, Organização Panamericana da Saúde, n. 48, ano VI, mar.-abr.-mai. 2016, 60p.



A Pessoa Idosa no Combate às Notícias Falsas (*Fake News*): Uma Questão que Envolve a Todos Nós

[Artigo 2, páginas 26 a 39]





Lina Menezes

*Formada em jornalismo; diretora da Faz Muito Bem Comunicação, Saúde e Diversidade Etária e do Tudo Sobre Alzheimer. Membro do coletivo Velhices Cidadãs e do Grupo de Referência em Alzheimer (Graz); coautora do livro Direitos e Alzheimer.
linamenezes@fazmuitobem.com*



RESUMO

Vivemos a era da desinformação impulsionada pela internet. Neste mundo digital é preciso saber enfrentar um novo sistema: o das notícias falsas (*fake news*), que são disseminadas na web com finalidades diversas: comercial para venda de produtos e serviços; reforçar um pensamento; disseminar discursos de ódio; fortalecer preconceitos; e até para destruir pessoas, empresas ou marcas. Combatê-las requer reconhecer que são as pessoas idosas as que mais compartilham conteúdos falsos. Mas, responsabilizar o idoso e julgá-lo incapaz para navegar nesse novo mundo interativo apenas reforça o idadismo (preconceito etário) e promove a exclusão digital e social. Propõe-se, portanto, instruir a pessoa idosa com informações básicas que lhe permitam, empoderada, passar a conferir a veracidade das mensagens e saber identificar *fake news* para não mais compartilhá-las e, assim, sair do papel de vítima para a de protagonista. Para tal é necessário que todos e, especialmente, os profissionais que atuam no universo da gerontologia, incorporem essa tarefa de incluir, em seus atendimentos e conversas com pessoas idosas, dicas sobre a importância de combater as notícias falsas, que prejudicam a vida das pessoas podendo, inclusive, levar à morte.

Palavras-chave: *fake news*; inclusão digital; idadismo; protagonismo da pessoa idosa.

ABSTRACT

We are experiencing the age of disinformation driven by the internet. In such a digital world it is necessary to know how to face a new system: the one of fake news, which is disseminated on the web with several purposes: commercial for selling products and services; to reinforce a thought; to disseminate hate speech; to strengthen prejudices; and even to destroy people, companies, or brands.

To combat them requires to recognize that it is the elderly who most share false contents. But blaming the elderly and judging them incapable of navigating this new interactive world only reinforces ageism and promotes digital and social exclusion.

It is proposed, therefore, to instruct the elderly with basic information that allows them to empower themselves, by checking the veracity of the messages, knowing how to identify fake news in order to stop sharing them and, thus, to overcome the role of victim to become the protagonist. In order to happen, it is necessary that everyone, and especially the professionals who work in the universe of gerontology, incorporate this task of including, in their care and conversations with the elderly, tips about the importance of combating fake news, which harm people's lives and can even lead to death.

Keywords: *fake news*; digital inclusion; ageism; protagonism of the elderly.

O Brasil figura em terceiro lugar dentre os 12 países com maior consumo de *fake news* (notícias falsas), atrás apenas da Turquia (1º) e do México (2º), segundo pesquisa do Instituto Reuters de Notícias Digitais¹, realizada em 2018. Constatação que corrobora o levantamento feito por veículos de comunicação, como a *Folha de S. Paulo*², que mostra que as páginas de *fake news* atraem maior participação de usuários de redes sociais do que as de conteúdo jornalístico real. Enquanto veículos de imprensa tradicionais tiveram uma queda de 17%, entre 2017 e 2018, o engajamento cresceu 61% no mercado das notícias falsas.

Com a popularização da internet e, conseqüentemente, das redes e mídias sociais, o poder da comunicação deixou de ser privilégio nas mãos dos grandes veículos de massa (televisão, jornal, revista e rádio). Qualquer pessoa, entidade, governo ou empresa tem, nesse mundo contemporâneo, a oportunidade de ser produtor e propagador de notícia. Se, por um lado, isso democratiza o acesso à informação, por outro, impulsiona o mercado lucrativo e criminoso das *fake news*.

Boatos, mentiras e informações enganosas existem desde o início da civilização, com foco centrado na política. Mas, a popularização do termo *fake news* se deu a partir de 2016, durante a disputa³ na eleição americana, entre os candidatos Hillary Clinton e Donald Trump, quando notícias falsas foram compartilhadas de forma intensa por eleitores. E, no ano seguinte, em 2017, *fake news* foi eleita a palavra do ano pelo Dicionário Collins⁴, definindo o termo: notícias falsas, muitas vezes sensacionalistas, divulgadas sob o disfarce de notícia, são disseminadas pela internet ou por outras mídias.

De lá para cá, a expansão tem sido desenfreada e intensificada a cada eleição e pela pandemia de covid-19 no mundo, que desencadeou a infodemia⁵, termo cunhado pela própria Organização Mundial da Saúde (OMS) para designar excesso de informações, algumas precisas e outras não, o que dificulta o discernimento por parte das pessoas.

Vivemos a era da desinformação, caracterizada pela informação falsa deliberadamente criada ou disseminada com o objetivo expreso de causar dano. E as motivações, além de políticas, são financeiras, psicológicas ou sociais. Nesse contexto, imperioso também mencionar outra palavra cunhada em 2016 pelo Dicionário Oxford: pós-verdade⁶, definida como: relativo ou denotativo de circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública, que se deixa influenciar mais pela emoção e crenças pessoais. Um contexto em que, facilmente, opinião é transformada em verdade, aumentando o desafio no combate às *fake news*. Aliás, um ambiente

1 A confiança e a desinformação no consumo de notícias globais. Instituto Reuters de Notícias Digitais, 2018. Disponível em: <https://www.digitalnewsreport.org/survey/2018/>. Acesso em: 26 mai. 2022.

2 *Fake news* ganha espaço no facebook e jornalismo profissional perde. *Folha de S. Paulo*, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/fake-news-ganha-espaco-no-facebook-e-jornalismo-profissional-perde.shtml>. Acesso em: 25 mai. 2022.

3 Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais? *El País*, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655_450950.html. Acesso em: 30 mai. 2022.

4 Dicionário Collins. *Fake news*. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/woty>. Acesso em: 18 mai. 2022.

5 Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19: kit de ferramentas de transformação digital. *Paho*, 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16 Acesso em: 17 mai. 2022.

6 Dicionário Oxford. *Pós-verdade*. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/post-truth>. Acesso em: 10 mai. 2022.

Artigo 2

A Pessoa Idosa no Combate às Notícias Falsas (*Fake News*):

Uma Questão que Envolve a Todos Nós

7 *Confirmation bias*. Catalogue of Bias Collaboration. Spender EA, Heneghan C. Catalogue Of Bias, 2018. Disponível em: <https://catalogofbias.org/biases/confirmation-bias/>. Acesso em: 03 jun. 2022.

8 Como funcionam os algoritmos das redes sociais? *MM ProXXI*ma, 2020. Disponível em: <https://www.proxxima.com.br/home/proxxima/how-to/2020/10/06/como-funcionam-os-algoritmos-das-redes-sociais.html>. Acesso em: 28 mai. 2022.

9 O que é bot? Conheça os robôs que estão “dominando” a internet. *TechTudo*, 2018. <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/07/o-que-e-bot-conheca-os-robos-que-estao-dominando-a-internet.ghml>. Acesso em: 12 mai. 2022.

propício para a prática do viés de confirmação⁷: quando superestimamos o valor do conteúdo que nos interessa, mesmo configurando apenas suposições e expectativas – que, muitas vezes, são enganosas. Ao mesmo tempo em que subestimamos ou ignoramos informações que não correspondam ao que pensamos ou acreditamos, mesmo que sejam fatos comprovados e/ou com evidências científicas. São casos em que não importa se é *fake news*, pois é conveniente para a pessoa em questão.

Isso também explica a capacidade de persuasão das *fake news*, que se utilizam de recursos psicológicos e emocionais, instigando sentimentos como surpresa ou indignação, e destacam as informações como se fossem conteúdos inusitados ou grandes novidades. São notícias camufladas, tiradas de contexto, com títulos polêmicos, que apelam para a emoção e apresentam, na maioria dos casos, uma característica de urgência ao pedir compartilhamentos. As finalidades podem perpassar por diversos segmentos: comercial para venda de produtos e serviços; reforçar um pensamento; disseminar discursos de ódio; fortalecer pre-conceitos; e até para destruir pessoas, empresas ou marcas.

A produção de *fake news* tem se sofisticado. Alguns produtores compram ilegalmente endereços de e-mail e números de telefone celular, montam perfis falsos nas redes sociais e passam a interagir com as pessoas buscando dar veracidade ao texto. Misturam conteúdos falsos com a publicação de notícias reais, de fontes confiáveis, para conquistar confiança. Criam sites falsos com semelhanças aos reais para atrair público. Após ganharem relevância em plataformas de buscas, as informações falsas são compartilhadas como se fossem reais.

Isso constitui um tipo de máfia que envolve grandes cifras. Nesse mercado das notícias falsas são utilizados os chamados algoritmos⁸, ou seja, fórmulas matemáticas para enviar informações que confirmam o ponto de vista do público-alvo. E por combinar com as próprias crenças, o indivíduo é mais facilmente ludibriado a acreditar tratar-se de conteúdos verdadeiros. Na sequência pedem a ele que compartilhe. A maioria, até por ingenuidade, o faz. E monta-se assim uma rede de pessoas reais compartilhando notícias falsas.

Para disparar um conteúdo falso em curto espaço de tempo para o maior número de pessoas produtores de *fake news* também se utilizam dos chamados bots⁹ (robôs), aplicação de software para simular ações humanas repetidas vezes de maneira padrão.

Somos, atualmente, 5 bilhões de pessoas conectadas no mundo¹⁰. Uma notícia pode viralizar, sem fronteiras, em questão de minutos por

meio do compartilhamento em redes sociais ou aplicativos de mensagens. E o impacto das *fake news* pode ser desastroso em vários setores, caracterizando conteúdos digitais falsos (quando se referem a inverdades), tóxicos (quando podem causar danos à vida de uma pessoa, impactando sua dignidade e/ou reputação) e nocivos (quando podem causar problemas sociais e/ou influenciar, negativamente, na tomada de decisões que impactam a vida em sociedade).

Dentre os alvos preferidos de quem produz notícias falsas por apresentarem um dos grupos que mais compartilham *fake news* estão as pessoas idosas. Adultos com mais de 65 anos compartilham sete vezes mais notícias falsas do que jovens entre 18 e 29 anos, aponta pesquisa¹¹ das universidades de Nova York e Princeton. Há de se considerar que a pessoa idosa de hoje não nasceu conectada. Estava acostumada num padrão fechado em que a notícia chegava somente pelos grandes veículos de comunicação de massa, e sem possibilidade de interação ou compartilhamento. Porém, com a tecnologia da internet todo mundo passou a produzir para todo mundo, alterando profundamente o modo de operação, distribuição de conteúdo e o conceito de comunicação.

Portanto, responsabilizar a pessoa idosa e julgá-la incapaz de transitar nesse novo mundo digital, apenas reforça o idadismo¹² – preconceito etário, nesse caso, contra os mais velhos. É preciso reconhecer o idadista que mora em cada um de nós para ajudar a desconstruir esse preconceito. Globalmente, estudos indicam que uma em cada duas pessoas tem idadismo contra as pessoas idosas.



Empresas e startups que atuam na área do envelhecimento já somam mais de 300 negócios destinados ao público sênior, com uso intenso da internet, aplicativos e redes sociais. Nesse panorama, faz-se urgente intervir junto ao público 60+ para que, melhor instruído, não caia em golpes e evite riscos de prejudicar sua saúde e sua vida por causa de *fake news*.

10 Mundo se aproxima da marca de 5 bilhões de usuários de internet, 63% da população. *Insper*, 2022. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/mundo-se-aproxima-da-marca-de-5-bilhoes-de-usuarios-de-internet-63-da-populacao/#:~:text=E2%A0%80%E2%A0%80%E2%A0%80-,Mundo%20se%20aproxima%20da%20marca%20de%205%20bilh%C3%B5es,de%20internet%2C%2063%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o&text=O%20n%C3%BAmero%20de%20usu%C3%A1rios%20ativos,Report%2C%20publicado%20pelo%20site%20Data-portal.%20Acesso%20em:%205%20mai.%202022.>

11 Idosos compartilham sete vezes mais notícias falsas do que jovens no Facebook, diz pesquisa. *O Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/idosos-compartilham-sete-vezes-mais-noticias-falsas-do-que-usuarios-mais-jovens-no-facebook-diz-pesquisa/>. Acesso em: 24 mai. 2022.

12 Relatório mundial sobre o idadismo: resumo executivo. *World Health Organization*, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/pt/publications/item/9789240020504#:~:text=O%20idadismo%2C%20que%20%C3%A9%20o,causar%20preju%C3%ADzos%2C%20desvantagens%20e%20injusti%C3%A7as.> Acesso em: 2 jun. 2022.

Artigo 2

A Pessoa Idosa no Combate às Notícias Falsas (*Fake News*):

Uma Questão que Envolve a Todos Nós

13 97% dos idosos acessam a internet, aponta pesquisa da CNDL/SPC Brasil. CNDL, 2021. Disponível em: <https://cndl.org.br/varejosa/numero-de-idosos-que-acessam-a-internet-cresce-de-68-para-97-aponta-pesquisa-cndl-spc-brasil/>. Acesso em: 16 mai. 2022.

14 Pesquisa inédita investiga vida digital dos brasileiros maduros. *MindMiners, Hype60+*. Disponível em: <https://laylavallias.com.br/blog/pesquisa-vida-digital-dos-brasileiros-maduros>. Acesso em: 29 mai. 2022.

15 WhatsApp é principal rede de disseminação de fake news sobre covid-19. *Agência Brasil*, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-04/whatsapp-e-principal-rede-de-disseminacao-de-fake-news-sobre-covid-19>. Acesso em: 3 jun. 2022.

16 Terceira idade é o grupo que mais cresce em rede social. *O Globo*, 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/terceira-idade-o-grupo-que-mais-cresce-em-rede-social-23208824>. Acesso em: 22 mai. 2022.

17 Tsunami60+: pesquisa inédita mapeia economia, hábitos comportamentais e de consumo da geração prateada. *Pipe.Social Hype60+*, 2018. Disponível em: <https://laylavallias.com.br/blog/pesquisa-tsunami-prateado>. Acesso em: 25 mai. 2022.

18 Redes, pânico e a “bruxa do Guarujá”. *Observatório da Imprensa*, 2022. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/desinformacao/redes-panico-e-a-bruxa-do-guaruja/>. Acesso em: 10 mai. 2022.

Interromper o ciclo do idadismo no universo também das *fake news* requer valorizar o protagonismo da pessoa idosa e sua capacidade de aprendizado continuado; considerar o crescimento acelerado desse público 60+; e reconhecer que as pessoas idosas acessam a internet e vão continuar a fazê-lo. O percentual de pessoas com mais de 60 anos no país com acesso à rede mundial de computadores cresceu de 68%, em 2018, para 97%, em 2021, aponta pesquisa¹³ realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offer Wise Pesquisas. No Brasil, segundo pesquisa¹⁴ MindMiners e Hype60+, as redes sociais preferidas dos maduros são WhatsApp (88%), Facebook (65%) e Instagram (48%). Entre os principais motivos para a preferência, estão: acesso a novidades, possibilidade de se relacionarem com os amigos, conversar com a família, mostrar o próprio trabalho, facilidade de uso, concentração de amigos e parentes no ambiente virtual, receber fotos e vídeos.

É justamente o WhatsApp o meio mais utilizado para compartilhamento de *fake news*. Segundo pesquisa¹⁵ desenvolvida pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 73,7% das informações e notícias falsas sobre o coronavírus circularam por esse aplicativo de troca de mensagens. Credita-se isso ao fato de que o envio de mensagem por parte de amigos e familiares pressupõe credibilidade em função da intimidade que gera confiança.

O Facebook também cresce entre idosos, com mais de 7,4 milhões de pessoas 60+ conectadas em 2018 em levantamento da SeniorLab¹⁶. E sua característica de curtidas, comentários e compartilhamentos o torna também terreno propício para o disparo de *fake news*.

Os mais velhos configuram um nicho de mercado promissor. Os maduros 55+ movimentam 1,8 trilhão de reais, dados da pesquisa Tsunami60+¹⁷, conduzida pela Pipe.social e Hype60+. Empresas e startups que atuam na área do envelhecimento já somam mais de 300 negócios destinados ao público sênior, com uso intenso da internet, aplicativos e redes sociais. Nesse panorama, faz-se urgente intervir junto ao público 60+ para que, melhor instruído, não caia em golpes e evite riscos de prejudicar sua saúde e sua vida por causa de *fake news*.

Em função de um boato¹⁸ divulgado no Facebook, uma mulher foi linchada e morreu no Guarujá, São Paulo, falsamente acusada de sequestrar crianças para rituais de magia. Na saúde, os prejuízos são incontáveis por negar a ciência, adotar receitas milagrosas e interromper tratamentos prescritos por médicos. As pessoas são bombardeadas



As *fakes news* constituem um real problema de saúde pública. Falsas recomendações de prevenção e promessas de cura contra a covid-19 (94%) predominaram entre as peças de desinformação que foram checadas pela agência Aos Fatos.

por notícias falsas que prometem curas para o câncer e para doenças degenerativas como o Alzheimer.

As *fakes news* constituem um real problema de saúde pública. Falsas recomendações de prevenção e promessas de cura contra a covid-19 (94%) predominaram entre as peças de desinformação que foram checadas pela agência Aos Fatos. Essas publicações¹⁹ traziam, em sua maioria, receitas caseiras que supostamente seriam eficazes contra a doença, como alimentos alcalinos, ingestão diária de vitamina C ou água quente com limão.

A Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIM)²⁰ fez uma pesquisa: apresentou dez afirmações falsas recorrentes sobre vacinas a dois mil entrevistados. A maioria, 67%, reconheceu que ao menos uma das informações era verdadeira. Para 14% — um em cada sete — é correto afirmar que “o governo usa vacinas como método de esterilização forçada da população pobre”, e 12% disseram que “contrair a doença é, na verdade, uma proteção mais eficaz do que se vacinar contra ela”.

Em período de eleições, as notícias falsas viralizam. A manipulação de imagens se intensifica. Em 2018, por exemplo, pessoas trocaram os números de candidatos em suas propagandas partidárias, induzindo o eleitor ao erro. Neste 2022, uma das *fake news* anuncia: “Atenção! Golpe do TSE! Sabia que estão cancelando o título de quem tem mais de 70 anos?”, alegando de forma enganosa uma mensagem que foi compartilhada em 20 grupos de WhatsApp monitorados pela agência de checagem Aos Fatos, que desmentiu a notícia²¹. O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) não suspende automaticamente documentos de pessoas com mais de 70 anos, para quem o voto é facultativo.

E a indústria de notícias falsas afeta também os profissionais, por exemplo, que atuam na área da saúde, tanto famosos quanto anônimos. O médico Drauzio Varella²² é vítima de *fake news* com frequência.

A internet veio para ficar. E apresenta novas formas de se comunicar com o mundo, expressar ideias e desejos e interagir com o meio.

19 Corrente engana ao indicar vitamina C e água quente com limão contra coronavírus. Aos Fatos, 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/corrente-engana-ao-indicar-vitamina-c-e-agua-quente-com-limao-contr-coronavirus/>. Acesso em: 13 mai. 2022.

20 Sete a cada dez brasileiros acreditam em informações falsas sobre vacinação. SBIM, 2019. Disponível em: <https://sbim.org.br/noticias/1139-sete-a-cada-dez-brasileiros-acreditam-em-informacoes-falsas-sobre-vacao>. Acesso em: 14 mar. 2022.

21 Idosos são foco de desinformação sobre título de eleitor em grupos de WhatsApp. Aos Fatos, 2022. Acessível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/idosos-desinformacao-titulo-eleitor-whatsapp/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

22 Fake news: imagem de suposta coluna do dr. Drauzio para Folha de S.Paulo é falsa. Portal Drauzio, 2022. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/pediatria/fake-news-imagem-de-suposta-coluna-do-dr-drauzio-para-folha-de-s-paulo-e-falsa/>. Acesso em: 11 mai. 2022.

Artigo 2

A Pessoa Idosa no Combate às Notícias Falsas (*Fake News*):

Uma Questão que Envolve a Todos Nós

23 Os objetivos do desenvolvimento sustentável no Brasil. *Nações Unidas Brasil*, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs#:~:text=Os%20Objetivos%20de%20Desenvolvimento%20Sustent%C3%A1vel%20s%C3%A3o%20um%20apelo%20global%20%C3%A0%20paz%20e%20de%20prosperidade>. Acesso em: 3 jun. 2022.

24 *Estatuto do idoso* (Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003, artigo 21). BVSMS, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf. Acesso em: 10 mai. 2020.

Cabe, certamente, auxiliar o público sênior a aprimorar a habilidade de comunicação. Afinal, é por meio dela que o indivíduo compreende e expressa seu mundo. Vale salientar que a conduta de criticar a inabilidade do idoso em cair em golpes e *fake news* pode acarretar em perda de independência e sentimento de desconexão.

Estratégia mais adequada implica no fomento ao aprendizado. O que vai na direção do quarto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre educação de qualidade²³: assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. E o idoso, a inclusão digital e a internet estão também contemplados por lei, vide o artigo 21, parágrafo primeiro do Estatuto do Idoso²⁴, Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003.

Dentre um arsenal de atitudes em prol de um envelhecimento ativo, saudável e inclusivo, deve fazer parte educar a pessoa idosa para saber identificar *fake news*. Aos profissionais da gerontologia, sem dúvida, cabe essa tarefa que requer paciência e adequação de linguagem para tornar as informações acessíveis à compreensão das pessoas idosas. Afinal, o que pode ser óbvio para você, não necessariamente o é para o seu interlocutor. Vale, assim, elencar algumas orientações para a suspeita, verificação e identificação de *fake news* que podem, facilmente, ser dispostas em consultas, conversas informais e, inclusive, serem foco em relacionamentos intergeracionais.

Outro instrumento interessante é deixar, na aba de favoritos, alguns sites de agências de checagem de *fake news*, caso da Agência Lupa, Aos Fatos, UOL confere, Boatos.org, E-Farsas, além das plataformas de veículos oficiais de comunicação. Cabe lembrar que o Ministério da Saúde chegou a criar um núcleo de checagem – o Saúde sem Fake News – que funcionava por WhatsApp pelo número (61) 99289-4640 e cumpriu um papel importante de esclarecimento à população, mas que na atual gestão foi descontinuado.



Vale salientar que a conduta de criticar a inabilidade do idoso em cair em golpes e *fake news* pode acarretar em perda de independência e sentimento de desconexão.

As *fakes news* são obstáculos que devem ser enfrentados pela sociedade moderna, tanto através do fortalecimento da relação de médicos e profissionais da gerontologia com as pessoas idosas, quanto pelos veículos de comunicação e mídias sociais. Reconhecer a existência das *fake news*, saber identificá-las, manter-se atualizado sobre a diversidade de formatos (memes, vídeos, podcast etc.) que circulam na web e ter consciência de que nem toda informação tem compromisso com a verdade são metas essenciais para consolidar a pessoa idosa como protagonista de um processo de mudança tão necessário.

É inspirador quando atuamos no universo do envelhecimento e, ao difundir orientações, presenciamos uma pessoa idosa dizer que, empoderada, vai passar a conferir a veracidade das mensagens que recebe antes de compartilhá-la em suas redes.

Por fim, considerando que até 2050 a expectativa é de saltarmos de 14% para 31% da população com 60+, e compreendendo que os jovens de hoje serão os idosos do futuro, esta é uma pauta que deve fazer parte em nossas intervenções sociais, da escola aos núcleos de atendimento e acolhimento às pessoas idosas.

Felizmente, percebe-se que, de fato, a pessoa idosa pode ser protagonista na desconstrução das *fake news* e no combate ao idadismo. Tanto é que, nesses tempos modernos, vemos, cada dia com mais destaque, influenciadores digitais maduros, com milhares de visualizações e seguidores nas redes sociais no mundo digital.

Artigo 2

A Pessoa Idosa no Combate às Notícias Falsas (*Fake News*):
Uma Questão que Envolve a Todos Nós

Algumas dicas para combater as *fake news*:

- Leia a notícia inteira. É comum o uso de títulos polêmicos desconectados do conteúdo da notícia.
- Notícia falsa costuma não ter autoria; observe se a fonte de informação é confiável. Se desconfiar, faça buscas sobre o mesmo assunto em outros sites. Em geral, se for um fato estará exibido em fontes reais pela internet.
- Atente-se para a data: a notícia pode ser antiga e divulgada como se fosse atual, enganando o leitor.
- Se conter muitos erros de português, desconfie.
- Suspeite sempre de conteúdos que anunciam soluções milagrosas pois, em geral, são falsos, com intenção de faturar em cima da pessoa desavisada.
- Não clique em quaisquer links, pois podem ser golpes para roubar dados pessoais ou bancários. Se quiser checar, entre em contato direto com o banco para averiguar.
- Observe se a mensagem não é uma piada, um tipo de “meme” – os mais desavisados podem julgar como verdadeiro um conteúdo estranho e irreal.
- Suspeite de notícias em tom de denúncia ou conspiração, pois costumam ser *fake news*.

- Desconfie de comunicados de alertas ou soluções de saúde recomendados por não especialistas. Consulte-se diretamente com o médico ou profissional da equipe de saúde que costuma lhe atender.
- Verifique se há embasamento científico em fontes seguras, como sociedades médicas e de pesquisa.
- Também é possível averiguar a URL da página: costumam ser confiáveis as que terminam em “.com”, “.net”, “.org” e “.gov”. Domínios como “wordpress” ou “blogger”, por exemplo, costumam ser publicações pessoais, portanto, são opiniões. Cada um pode ter a sua, mas isso não a torna um fato verdadeiro com embasamento científico. Avalie e pesquise quando suspeitar de uma informação.
- Lembre-se de ser isento ao ter contato com uma notícia. Julgá-la considerando apenas suas próprias crenças podem levá-lo a compartilhar *fake news*.
- Suspeite quando a mensagem apela para o lado emocional e pede compartilhamento urgente. Na maioria dos casos são notícias falsas para gerar lucro para sistemas duvidosos.
- Mesmo que a mensagem lhe chegue por amigos, desconfiou, pergunte a fonte de origem e se a pessoa checkou a informação.
- Na dúvida, não compartilhe. E se identificar que é *fake news*, não tenha vergonha, alerte quem compartilhou.

Artigo 2

A Pessoa Idosa no Combate às Notícias Falsas (*Fake News*):
 Uma Questão que Envolve a Todos Nós

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA Brasil. *WhatsApp é principal rede de disseminação de fake news sobre covid-19*, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-04/whatsapp-e-principal-rede-de-disseminacao-de-fake-news-sobre-covid-19>. Acesso em: 3 jun. 2022.
- AOS FATOS. *Corrente engana ao indicar vitamina C e água quente com limão contra coronavírus*, 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/corrente-engana-ao-indicar-vitamina-c-e-agua-quente-com-limao-contra-coronavirus/>. Acesso em: 13 mai. 2022.
- AOS FATOS. *Idosos são foco de desinformação sobre título de eleitor em grupos de WhatsApp*, 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/idosos-desinformacao-titulo-eleitor-whatsapp/>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- CATALOGUE of Bias. *Confirmation bias*. Catalogue of Bias Collaboration. Spender EA, Heneghan C. Catalogue Of Bias, 2018. Disponível em: <https://catalogofbias.org/biases/confirmation-bias/>. Acesso em: 3 jun. 2022.
- CNDL. *97% dos idosos acessam a internet, aponta pesquisa da CNDL/SPC Brasil*, 2021. Disponível em: <https://cndl.org.br/varejosa/numero-de-idosos-que-acessam-a-internet-cresce-de-68-para-97-aponta-pesquisa-cndl-spc-brasil/>. Acesso em: 16 mai. 2022.
- DICIONÁRIO Collins. *Fake news*. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/woty>. Acesso em: 18 mai. 2022.
- DICIONÁRIO Oxford. *Pós-verdade*. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/post-truth>. Acesso em: 10 mai. 2022.
- EL PAÍS. *Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais?* 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655_450950.html. Acesso em: 30 mai. 2022.
- INSPER. *Mundo se aproxima da marca de 5 bilhões de usuários de internet, 63% da população*, 2022. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/mundo-se-aproxima-da-marca-de-5-bilhoes-de-usuarios-de-internet-63-da-populacao/#:~:text=E2%80%A0E2%80%A0E2%80%A0,Mundo%20se%20aproxima%20da%20marca%20de%205%20bilh%C3%B5es,de%20internet%2C%2063%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o&text=O%20n%C3%BAmero%20de%20usu%C3%A1rios%20ativos,Report%2C%20publicado%20pelo%20site%20Datareportal>. Acesso em: 5 mai. 2022.
- LAYLA Vallias. Pesquisa inédita investiga vida digital dos brasileiros maduros. *MindMiners, Hype60+*. Disponível em: <https://laylavallias.com.br/blog/pesquisa-vida-digital-dos-brasileiros-maduros>. Acesso em: 29 mai. 2022.
- LAYLA Vallias. *Tsunami60+*: pesquisa inédita mapeia economia, hábitos comportamentais e de consumo da geração prateada. Pipe.Social Hype60+, 2018. Disponível em: <https://laylavallias.com.br/blog/pesquisa-tsunami-prateado>. Acesso em: 25 mai. 2022.
- M&M Proxima. *Como funcionam os algoritmos das redes sociais?* 2020. Disponível em: <https://www.proxima.com.br/home/proxima/how-to/2020/10/06/como-funcionam-os-algoritmos-das-redes-sociais.html>. Acesso em: 28 mai. 2022.

- MINISTÉRIO da Saúde. *Estatuto do idoso* (Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003, artigo 21). BVSMS, 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf. Acesso em: 10 mai. 2020.
- O ESTADO de São Paulo. *Idosos compartilham sete vezes mais notícias falsas do que jovens no Facebook, diz pesquisa*. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/idosos-compartilham-sete-vezes-mais-noticias-falsas-do-que-usuarios-mais-jovens-no-facebook-diz-pesquisa/>. Acesso em: 24 mai. 2022.
- O GLOBO. *Terceira idade é o grupo que mais cresce em rede social*, 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/terceira-idade-o-grupo-que-mais-cresce-em-rede-social-23208824>. Acesso em: 22 mai. 2022.
- OBSERVATÓRIO da Imprensa. *Redes, pânico e a “bruxa do Guarujá”*, 2022. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/desinformacao/redes-panico-e-a-bruxa-do-guaruja/>. Acesso em: 10 mai. 2022.
- OMS. *Relatório mundial sobre o idadismo*: resumo executivo, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/pt/publications/i/item/9789240020504#:~:text=O%20idadismo%2C%20que%20%C3%A9%20o,causar%20preju%C3%ADzos%2C%20desvantagens%20e%20injusti%C3%A7as>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- ONU. *Os objetivos do desenvolvimento sustentável no Brasil*. Nações Unidas Brasil, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs#:~:text=Os%20Objetivos%20de%20Desenvolvimento%20Sustent%C3%A1vel%20os%C3%A3o%20um%20apelo%20global%20%C3%A0,de%20paz%20e%20de%20prosperidade>. Acesso em: 3 jun. 2022.
- ORGANIZAÇÃO Pan-Americana de Saúde. *Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19*: kit de ferramentas de transformação digital, 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16. Acesso em: 17 mai. 2022.
- REUTERS INSTITUT. *A confiança e a desinformação no consumo de notícias globais*, 2018. Disponível em: <https://www.digitalnewsreport.org/survey/2018/>. Acesso em: 26 mai. 2022.
- SBIm. *Sete a cada dez brasileiros acreditam em informações falsas sobre vacinação*, 2019. Disponível em: <https://sbim.org.br/noticias/1139-sete-a-cada-dez-brasileiros-acreditam-em-informacoes-falsas-sobre-vacinacao>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- TECHTUDO. *O que é bot? Conheça os robôs que estão “dominando” a internet*, 2018. <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/07/o-que-e-bot-conheca-os-robos-que-estao-dominando-a-internet.ghtml>. Acesso em: 12 mai. 2022.
- UOL. *Fake news ganha espaço no Facebook e jornalismo profissional perde. Folha de S.Paulo*, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/fake-news-ganha-espaco-no-facebook-e-jornalismo-profissional-perde.shtml>. Acesso em: 25 mai. 2022.
- UOL. *Fake news: imagem de suposta coluna do dr. Drauzio para Folha de S.Paulo é falsa*. Portal Drauzio, 2022. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/pediatria/fake-news-imagem-de-suposta-coluna-do-dr-drauzio-para-folha-de-s-paulo-e-falsa/>. Acesso em: 11 mai. 2022.



Ageing in Place – **Envelhecimento em** **Casa** **e na Comunidade¹**

[Artigo 3, páginas 40 a 55]





António M. Fonseca

Licenciado em psicologia e doutorado em ciências biomédicas pela Universidade do Porto. Membro efetivo da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Professor associado de psicologia na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (UCP). Membro integrado do Centro de Investigação em Desenvolvimento Humano (CEDH-UCP). Consultor do Programa Gulbenkian Desenvolvimento Sustentável (área do envelhecimento) da Fundação Calouste Gulbenkian. Autor de livros, capítulos de livros e artigos científicos, publicados em Portugal e no estrangeiro, nas seguintes áreas: desenvolvimento psicológico, psicologia do envelhecimento, bem-estar psicológico, saúde e qualidade de vida.

afonseca@ucp.pt



RESUMO

Ageing in place significa a capacidade de continuar a viver em casa e na comunidade ao longo do tempo, com segurança e de forma independente. A promoção e valorização de modalidades de envelhecimento em casa e na comunidade onde ela se insere é um modelo de intervenção social privilegiado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Neste texto, apresentaremos os principais dados resultantes do trabalho que realizamos nos últimos anos explorando o modo como o conceito de *aging in place* é operacionalizado, com especial enfoque na realidade portuguesa. Numa perspetiva integrada, a possibilidade de envelhecer em casa e na comunidade deverá ser privilegiada no sentido de facilitar às pessoas mais velhas, que assim o desejarem, a possibilidade de envelhecerem em casa e na sua comunidade, preservando dessa forma a sua identidade e assegurando um sentido de continuidade no seu ciclo de vida.

Palavras-chave: *ageing in place*; envelhecimento; Portugal.

ABSTRACT

Ageing in place means the ability to continue to live at home and in the community over time, safely and independently. The promotion and valorization of modalities of ageing at home is a model of social intervention privileged by the World Health Organization. In this text, we will present the main data resulting from the work that we have been carrying out in recent years, exploring the way in which the concept of ageing in place is operationalized, with a special focus on the Portuguese reality. In an integrated perspective, the possibility of ageing at home should to be privileged in the sense of making it easier for older people, who so wish, to grow old at home and in the surrounding community, thus preserving their identity and ensuring a sense of continuity in their life cycle.

Keywords: *ageing in place*; ageing; Portugal.

1 Este texto resume as principais ideias da obra de Fonseca, A. M. (2021). *Ageing in place. Envelhecimento em casa e na comunidade*. Modelos e estratégias centrados na autonomia, participação social e promoção do bem-estar das pessoas idosas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em <https://gulbenkian.pt/publication/ageing-in-place-estudo/>. Acesso em: 30 mai. 2022.

INTRODUÇÃO

Em Portugal, apesar de a larguíssima maioria dos portugueses envelhecer nas suas casas, as medidas de promoção de *envelhecimento em casa e na comunidade* – *ageing in place* – continuam a ter uma fraca visibilidade pública quando comparadas com a atenção que se atribui a soluções institucionais, nomeadamente ao papel das estruturas residenciais. Opondo-se a uma visão convencional de assistência à população idosa por via da resposta institucional, a valorização de respostas de *ageing in place* significa responder às necessidades das pessoas mais velhas a partir dos contextos onde elas vivem, procurando respostas articuladas através de uma integração progressivamente mais alargada de serviços – de âmbito local, regional e nacional. Na prática, isso significa não retirar a pessoa do local onde ela vive para lhe proporcionar o que ela necessita, mas criar condições para que as suas necessidades sejam satisfeitas.

O *Guia de Boas Práticas de Ageing in Place*², publicado em 2018, permitiu efetuar um levantamento de iniciativas inovadoras, implementadas em Portugal, visando promover e facilitar um envelhecimento em casa e na comunidade baseado na autonomia, na participação social e na promoção do bem-estar individual. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o conceito de *ageing in place* traduz o objetivo preferencial de se poder viver e envelhecer em casa e na comunidade, com segurança e de forma independente, o que implica a necessidade de adaptação do ambiente físico e social à vida cotidiana à medida que se envelhece.

Segundo dados de 2011 (EUROSTAT, 2012), nos então 28 países da União Europeia, aproximadamente nove em cada dez pessoas com 65 ou mais anos residentes na Alemanha, França, Finlândia e no Reino Unido viviam de forma independente nas suas próprias casas. Na Holanda, essa percentagem era ainda maior (95%). Por outro lado, nos países do Sul e Leste da Europa, como Chipre, Espanha, Portugal e Estónia, esse valor era mais baixo. Para além de pessoas idosas viverem de modo independente, encontramos no espaço europeu outro tipo de soluções residenciais decorrentes de influências culturais e de opções sociopolíticas: pessoas que vivem junto de filhos e familiares (na Romênia, Polónia e nos Estados Bálticos, mais de 10% da população idosa estava neste grupo, solução rara nos países nórdicos e no Reino Unido) e pessoas residentes em Instituições de Longa Permanência (ILPI).

Em Portugal, não obstante a taxa de ocupação das Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPIS) apresentar valores próximos dos

² Disponível em: <https://gulbenkian.pt/publication/boaspraticasdeageinginplacedivulgarparavalorizar/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

Artigo 3*Ageing in Place* – Envelhecimento
em Casa e na Comunidade

100% (e frequentemente com listas de espera), outras respostas sociais procuram garantir a manutenção da pessoa idosa no seu domicílio e na comunidade onde ela se insere. Com este propósito, o Serviço de Apoio Domiciliário (SAD) vem fazendo seu caminho, sendo mesmo a resposta social que apresentou maior crescimento desde o início do século. O investimento realizado nos últimos anos, tendo em vista a sua disseminação por todo o país e a diversificação dos serviços prestados aos usuários, tem contribuído para a manutenção de um número considerável de pessoas idosas no seu meio habitual de vida, retardando ou evitando mesmo a institucionalização.

O CONCEITO DE AGEING IN PLACE

O rápido envelhecimento da população tem suscitado nas sociedades ocidentais o desenvolvimento de novos conceitos, programas e serviços capazes de responder aos anseios e às necessidades da população idosa. Askham, Cameron e Heywood (MEANS, 2007) constataram que as pessoas mais velhas que optam por permanecer nas suas próprias casas o maior tempo possível o fazem porque consideram essa a melhor resposta face às suas necessidades individuais, preferindo viver num ambiente com o qual estão familiarizadas. Milligan (2009) defende que a vida independente contribui para manter um sentido de autoconfiança, autocontrole e autoestima positiva, pelo que os idosos devem poder viver de forma independente desde que a sua situação de saúde lhes permita fazê-lo e disponham de uma residência e apoio social adequados. Van Dijk e colaboradores (2015) concluem que a ideia subjacente ao conceito de *ageing in place* é que viver num ambiente familiar tem um impacto positivo no bem-estar das pessoas em geral, contribuindo para que as pessoas mais velhas possam continuar a ter experiências positivas na fase mais avançada da vida.

Quando se pergunta “qual é o lugar ideal para envelhecer?”, as pessoas mais velhas tendem a responder “aquele que eu já conheço!”. Envelhecer no lugar onde se viveu a maior parte da vida, e onde estão as principais referências dessa vida, constitui uma vantagem tanto para a manutenção da independência e autonomia como para o desempenho de papéis sociais nos locais onde se vive. À medida que envelhecemos, a possibilidade de viver em casa pelo máximo de tempo que for possível e de estender essa vida à comunidade ao redor implica na consideração de diversos fatores suscetíveis de maximizar a funcionalidade: a habitação e o espaço envolvente, a existência de serviços e recursos

indispensáveis à vida cotidiana, a concretização de oportunidades de âmbito social, cívico e econômico, a participação em funções úteis e socialmente reconhecidas, a adesão a programas e serviços que estimulem um envelhecimento participativo na vida das comunidades.

O conceito de *ageing in place* representa um desafio acrescido atendendo à diversidade das necessidades individuais. Num plano individual, falamos de *ageing in place* quando nos referimos à permanência da pessoa idosa na sua casa e na sua comunidade pelo máximo de tempo possível. Mas *ageing in place* é também um conceito utilizado no âmbito das políticas de envelhecimento, focadas tradicionalmente nas questões da habitação e da criação de ambientes “amigáveis” para as pessoas idosas. O modo como a vida cotidiana é organizada e gerida (*living arrangements*) é um elemento-chave para o envelhecimento ativo e saudável. Destacar a importância da habitação para as pessoas idosas vai muito para além da respectiva dimensão física. Para além de ser um abrigo para fazer face aos elementos da natureza e a base para a realização de atividades básicas e instrumentais de vida diária, a “casa” encerra uma vida inteira de memórias, confere uma sensação de segurança inigualável e permite aos indivíduos sentirem que controlam a sua vida, algo que nunca será possível experimentar numa instituição. Finalmente, o local onde a casa se situa é igualmente relevante, pois abrange proximidade e acessibilidade a transportes, lojas, serviços sociais e de saúde, espaços culturais e recreativos, locais de culto etc.

Embora os primeiros programas públicos de apoio ao domicílio para pessoas idosas tenham surgido na década de 1930 nos Estados Unidos (KLIMCZUK, 2017), o uso do termo *ageing in place* remonta apenas aos anos 1980, tendo ganho progressiva popularidade a partir dos anos 1990, em especial na Europa, nos Estados Unidos e na Oceânia (Austrália e Nova Zelândia) (PANIHARREMAN et al., 2020). Desde então, o conceito de *ageing in place* tem servido de abrigo à adoção de políticas relativas à habitação, à prestação de cuidados domiciliários e à disseminação de serviços de natureza social dirigidos às pessoas idosas que envelhecem nas suas casas (FERNANDEZCARRO, 2013). O objetivo comum dessas políticas é auxiliar as pessoas mais velhas a permanecer nas suas residências pelo maior tempo possível, enfatizando os benefícios desta solução para a sua qualidade de vida ao impedir a disrupção causada pela institucionalização, tanto na vida social como ao nível da identidade pessoal. Para Iecovich (2014), *ageing in place* apresenta várias dimensões relacionadas entre si: uma dimensão fi-



De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o conceito de *ageing in place* traduz o objetivo preferencial de se poder viver e envelhecer em casa e na comunidade, com segurança e de forma independente, o que implica a necessidade de adaptação do ambiente físico e social à vida cotidiana à medida que se envelhece.

sica (a casa, a aldeia, o bairro, a cidade onde se vive), uma dimensão social (envolvendo relacionamentos e contatos interpessoais), uma dimensão emocional e psicológica (que tem a ver com um sentimento de pertencimento e ligação a um lugar) e uma dimensão cultural (ligada a valores, crenças e significados que as pessoas atribuem a um determinado espaço). Assim, quando falamos em *place* nos referimos a todo um contexto que permite que a pessoa mais velha preserve os significados da sua vida, incluindo uma identidade social que pode ser mantida mesmo quando a pessoa se torna incapacitada. Nesta perspetiva, o “lugar” (tradução literal de *place*) reflete uma extensão da identidade pessoal, permitindo a preservação da integridade do *eu* e promovendo um sentido de continuidade entre as diferentes etapas do ciclo de vida.

Devido ao seu efeito positivo no bem-estar numa fase avançada do ciclo de vida, o recurso ao conceito de *ageing in place* como um instrumento político assume que este é o modo de vida mais desejável no decurso do envelhecimento. Em 1994, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 1994) declarou a importância das políticas de *ageing in place* ao definir uma agenda de estímulo de medidas visando a expansão de tais políticas. Essas medidas deveriam facilitar a permanência das pessoas nas suas casas, mesmo se adquirissem alguma incapacidade ou experimentassem um declínio na sua funcionalidade. Ao longo dos anos 2000, a OCDE continuou a encorajar essa linha de ação, incorporando nas suas preocupações a importância dos avanços tecnológicos que podem ser utilizados para responder às necessidades dos respectivos residentes. A Segunda Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, realizada pela ONU em Madri, em 2002 (coincidente com o lançamento do paradigma de envelhecimento ativo), assinalou a importância da promoção do *ageing in place*, sublinhando um conjunto de preocupações relacionadas com este objetivo: criação de comunidades onde as necessidades dos mais idosos sejam atendidas de modo particular,

incentivo ao investimento em infraestruturas locais de natureza multigeracional, estabelecimento de parcerias multissetoriais entre diversos agentes comunitários, criação de serviços de apoio social para pessoas idosas, intervenção direta nas residências da população mais idosa. Neste sentido, foi apontado como objetivo prioritário a adoção de um modelo de *ageing in place* que prestasse especial atenção às preferências individuais que dizem respeito às opções residenciais em idade avançada. Finalmente, em 2015, no relatório do 2º Fórum Global da Organização Mundial de Saúde sobre Inovação para Populações Envelhecidas, são identificadas as cinco principais áreas de intervenção no processo de *ageing in place* (no original, “*the 5 P’s – people, place, products, personcentered services, policy*”): (i) pessoas (*people*) a quem se apoia e se presta cuidados; (ii) prestação de serviços integrados de saúde e de cuidado pessoal (*personcentered services*) que promovem a capacidade funcional das pessoas mais velhas; (iii) lugares (*places*) e ambientes amigos das pessoas idosas; (iv) produtos e equipamentos (*products*) que representam novas soluções (principalmente tecnológicas) para responder a problemas decorrentes do envelhecimento (da falta de mobilidade à solidão); (v) políticas inovadoras (*policies*) para a introdução de sistemas de suporte dirigidos às pessoas mais velhas.

Para Fernández Carro (2013), a expressão *ageing in place* pode adquirir uma dupla aplicação: designar uma política para as pessoas idosas e designar um processo sociorresidencial. Por um lado, é verdade que o conceito de *ageing in place* remete para uma série de medidas institucionais destinadas a promover uma vida independente na população idosa enquadrada pelo paradigma de envelhecimento ativo. A popularização do termo é, aliás, resultado dessa abordagem. Por outro lado, a aplicação científica do conceito levou ao desenvolvimento de variadas perspetivas – do plano social ao urbanístico – sobre como promover o melhor ambiente possível para a população idosa. Trata-se, assim, de um processo multidimensional, dependente de uma série de adaptações mútuas e contínuas entre dois principais agentes: os indivíduos idosos, por um lado, e o ambiente em que vivem, por outro lado, compreendendo as seguintes quatro dimensões: individual, doméstica, sociocomunitária e estrutural.

O conceito de *ageing in place* apresenta igualmente limitações. Desde logo, a habitação poderá não estar adaptada às necessidades das pessoas mais velhas que lá vivem, ou porque é desconfortável ou porque está repleta de barreiras arquitetônicas que dificultam a mobilidade. Outra limitação prende-se com as diferenças sentidas entre

Artigo 3*Ageing in Place* - Envelhecimento
em Casa e na Comunidade

ambiente urbano e rural, pois este último tende a ser caracterizado por um acesso limitado a serviços e infraestruturas, por exemplo, transportes e tecnologias. Finalmente, os Serviços de Apoio Domiciliários (SAD), muitas vezes indispensáveis numa fase mais avançada da vida, são prestados frequentemente por profissionais pouco qualificados ou até indiferenciados, ao contrário do que sucede em unidades residenciais para idosos. Assim, apesar de globalmente considerar-se benéfico o *ageing in place* pelos efeitos positivos da vida independente na satisfação com a vida no decurso do envelhecimento, uma análise científica ao conceito *ageing in place* tem questionado a avaliação das suas vantagens efetivas. Há situações em que permanecer em casa corresponde efetivamente a um envelhecimento mais satisfatório, sobretudo quando a vida independente garante a privacidade e permite a continuidade do controle sobre a vida pessoal, mas noutras situações permanecer em casa nem sempre é sinónimo de qualidade de vida, isso quando os indivíduos estão confinados a um ambiente inapropriado, situação que pode ter efeitos contraproducentes como isolamento, solidão e desconexão com o ambiente social ao redor. Envelhecer em casa, por si só, não significa necessariamente a garantia de independência e consequente satisfação com a vida, pois depende significativamente do grau de funcionalidade que o indivíduo apresenta e do maior ou menor ajustamento entre as necessidades individuais e o contexto. Quando o contexto não responde às necessidades, acarreta-se geralmente um aumento de vulnerabilidade e fragilidade, com inevitável comprometimento do bem-estar.

As diversas perspetivas que relacionam ambiente e envelhecimento sublinham a importância de que o contexto físico e relacional se reveste para o maior ou menor sucesso adaptativo ao processo de envelhecimento (PAÚL, 2005). O melhor lugar para se envelhecer será, fundamentalmente, aquele que proporcionar a relação mais adequada e favorável entre a pessoa idosa e o contexto que a rodeia. Mas o sucesso do *ageing in place* requer algumas pré-condições específicas, como por exemplo uma habitação adequada e uma rede de apoio formal e informal ativa; caso contrário, podem surgir riscos substanciais de isolamento social e físico para idosos frágeis. Em síntese, *ageing in place* é uma expressão comum no pensamento e práticas atuais sobre políticas de envelhecimento, significando genericamente viver em casa e na comunidade com algum nível de independência, mantendo a autonomia e fomentando uma vida socialmente participativa. Envelhecer em casa também promove e facilita as ligações sociais com

familiares e amigos. Embora as condições objetivas da comunidade onde se vive e a capacidade funcional individual sejam importantes, os sentimentos subjetivos sobre essa comunidade podem ser uma fonte significativa de satisfação, independentemente de aspetos objetivos de adequação ou segurança. Para auxiliar o envelhecimento em casa e na comunidade, é necessário ter em conta não apenas as opções de habitação, mas também transporte, oportunidades recreativas e serviços que facilitem a atividade física, a interação social, o envolvimento cultural e a educação contínua.

O nosso ponto de vista é que o *ageing in place* seja visto como a primeira opção, uma “opção natural”, dadas as vantagens de inclusão social e de recompensa emocional que traz associadas. Envelhecer no lugar onde se viveu a maior parte da vida e onde estão as principais referências dessa vida constitui uma vantagem em termos de preservação da identidade, de um sentido para a vida e da promoção de sentimentos de segurança e familiaridade. Isso é alcançado tanto pela manutenção da independência e autonomia como pelo desempenho de papéis nos locais onde se vive. Assim, o *ageing in place* atua de múltiplos modos, que precisam ser tidos em conta na definição de ações e políticas dirigidas aos mais velhos. Os desafios do *ageing in place* referem-se a necessidades relativamente comuns a todos os idosos e que devem ser atendidas através de um planeamento adequado de acordo com os requisitos de cada um e com as características do local onde se vive, considerando aqui tanto a residência como o espaço ao redor em constante mudança. Pensando em algumas das mudanças características do processo de envelhecimento, logo verificamos o impacto que elas poderão ter numa série de atividades comuns do dia a dia: conseguir viver na própria casa; sair e voltar para casa sem incidentes; dirigir com segurança e sem ansiedade; usar transportes públicos com facilidade e sem contratempos; participar de eventos



***Ageing in place* é também um conceito utilizado no âmbito das políticas de envelhecimento, focado tradicionalmente nas questões da habitação e da criação de ambientes “amigáveis” para as pessoas idosas.**

sociais sem dificuldades; manter a casa limpa e arranjada; cuidar do jardim; ser capaz de levantar ou carregar coisas mais pesadas; tratar das finanças pessoais, pagar contas e assegurar o cumprimento de outras tarefas administrativas; cuidar de si próprio, o que inclui ser capaz de fazer tarefas como ir às compras ou assegurar uma alimentação saudável; e cuidar da saúde, o que inclui ir ao médico e tomar medicação corretamente, mas também fazer atividade física com regularidade. Planejar um *ageing in place* que garanta uma qualidade de vida satisfatória exige planejar com antecedência como irá ser o desenrolar do cotidiano por forma a que essas mudanças (e outras porventura mais incapacitantes que venham a surgir) não afetem significativamente a autonomia e preservem a funcionalidade indispensável à vida independente.

DESAFIOS PARA O AGEING IN PLACE

Quais são, então, os principais desafios para o *ageing in place* e que, ao mesmo tempo, se constituem como recomendações principais para a sua implementação?

Preservação da Independência – para que seja possível envelhecer em casa é necessário manter um elevado nível de controle sobre a vida pessoal, satisfazendo necessidades básicas de forma autônoma e administrando essas necessidades de forma independente.

Manutenção de um Estilo de Vida Desejado – envelhecer em casa e na comunidade deverá permitir que cada um continue a desfrutar o que mais valoriza, de acordo com os seus próprios gostos e preferências, constituindo um fator acrescido de bem-estar e de resiliência face ao avanço da idade.

Manutenção de Ligações com a Comunidade – é fundamental que a vida de todos os dias continue a ser o mais parecida possível com aquilo que sempre foi. Amizades, participação em atividades culturais, lúdicas e de aprendizagem, e outras interações sociais significativas devem continuar a fazer parte do cotidiano.

Gestão do Orçamento Pessoal – fazer e ser capaz de gerir um orçamento que contemple os custos de habitação, saúde e outras necessidades (incluindo um eventual apoio domiciliário regular) constitui uma tarefa prioritária na planificação e implementação de um envelhecimento em casa.

Fazer Modificações na Habitação – escadas, acesso dificultado a banheiras, cozinhas antiquadas, corredores estreitos e vários outros obstáculos constituem um risco para a mobilidade, por isso é importante avaliar o nível de segurança da habitação e prever a necessidade de efetuar modificações.

Adaptar Comunidades Inteiras – são necessários consideráveis avanços no sentido de motivar comunidades inteiras a um esforço coletivo de adaptação aos desafios colocados por um envelhecimento em casa e na comunidade, transformando os espaços públicos em bons locais para se envelhecer e contando com o envolvimento dos mais velhos nessa transformação.

Apoiar os Cuidadores – muito do sucesso de um envelhecimento em casa dependerá do trabalho de cuidadores informais que asseguram a permanência no domicílio daquelas pessoas idosas que, apresentado algum tipo de incapacidade (física ou mental), se veriam forçadas de outro modo a recorrer a uma institucionalização permanente.

Combater o Isolamento Social – a experiência de se viver só numa idade mais avançada, apesar de comum, não deixa de ser ameaçadora para o bem-estar individual e para a saúde psicológica, sobretudo quando acompanhada de isolamento social, isto é, da ausência efetiva de contatos com as pessoas que formam parte do cotidiano de cada um.

Reforço do Papel das Tecnologias – a utilização de dispositivos tão diversos como comunicações móveis, *social media*, realidade virtual e aplicações de diferentes tipos revelam-se úteis para que as pessoas possam continuar a viver com segurança nas suas residências e contribuam para a melhoria da qualidade de vida.

Reforço do Apoio Domiciliar – é fundamental o reforço da prestação de cuidados domiciliares a pessoas mais velhas, centrando-os nas características e necessidades da pessoa que é cuidada e explorando formas alternativas de prestação de cuidados que contribuam para incrementar a qualidade de vida.

Adequação dos Centros de Dia e Centros de Convívio – Centros de Dia e Centros de Convívio podem ser auxiliares preciosos para que as pessoas mais velhas continuem a residir nas suas casas e encontrem nesses locais espaços autênticos de interação social e de estímulo em diversos níveis: físico, sensorial, cognitivo e emocional.



O melhor lugar para se envelhecer será, fundamentalmente, aquele que proporcionar a relação mais adequada e favorável entre a pessoa idosa e o contexto que a rodeia

Reforço da Participação Social – é necessário manter as pessoas mais velhas não apenas “ocupadas”, mas igualmente participantes ativas nas suas comunidades, estando amplamente documentado os benefícios para a saúde e para o bem-estar que resultam do envolvimento em atividades sociais, culturais e recreativas.

Fomentar a Aprendizagem ao Longo da Vida – é importante generalizar ofertas de programas educacionais para populações mais velhas, seja por instituições educativas formais (universidades) ou informais (universidades/academias de terceira idade), bem como por outras entidades.

Incrementar Novas Modalidades de Habitação – tudo o que tem a ver com a habitação está diretamente implicado na promoção de um envelhecimento em casa e na comunidade. Enquanto alguns optarão por continuar a residir nas suas casas, recebendo, eventualmente, algum suporte externo para o poderem fazer de forma independente, outros vão preferir recorrer a soluções habitacionais inovadoras, como o *cohousing*, em que os residentes são participantes ativos no contexto onde vivem.

Dar Atenção à Saúde, Nutrição e Atividade Física – a saúde é uma área fundamental da qualidade de vida, particularmente para os idosos. Em face da evidência de que as pessoas vivem mais tempo e que esse ganho de longevidade tem de ser acompanhado por um ganho em saúde (física e mental), a saúde e o que para ela contribui constituem uma questão central para as próximas décadas.

Dar Atenção à Segurança – falar atualmente em segurança como condição subjacente a um envelhecimento em casa significa fundamentalmente falar em modalidades tecnológicas (teleassistência,

telessaúde, automação residencial) suscetíveis de apoiar os mais idosos a agir preventivamente face ao risco ou possibilitar uma ajuda rápida em caso de emergência.

Garantir a Mobilidade das Pessoas que Vivem nas Suas Casas – assegurar a mobilidade no decurso do envelhecimento é essencial em qualquer política e programa de envelhecimento em casa e na comunidade, principalmente quando pensamos na importância dos fatores ambientais implicados no deslocamento das pessoas mais velhas pelos diferentes espaços das suas vidas, seja a pé, dirigindo seu próprio carro ou utilizando o transporte público.

Implementar Medidas Políticas – envelhecer em casa e na comunidade abrange vários domínios e jurisdições; não apenas a residência e o meio ao redor, mas também o ambiente social, a prestação de cuidados, o desenho urbano, as políticas de habitação e transportes, o uso de espaços e equipamentos, a disponibilidade e acessibilidade a serviços sociais e de saúde.

Realizar Estudos – é preciso conhecer o que é que os idosos que envelhecem nas suas casas realmente necessitam para que tal objetivo seja exequível, com o máximo de qualidade de vida possível. A investigação neste domínio pode ter várias expressões, ora de tipo mais biográfico, ora mais organizacional, centrado na sustentabilidade do próprio conceito de *ageing in place*.

Preparar Profissionais de Ageing in Place – escolas superiores e universidades poderão oferecer oportunidades de formação para profissionais de gerontologia que pretendam especializar-se na promoção de um envelhecimento em casa e na comunidade junto de adultos e pessoas mais velhas.

CONCLUSÕES

As implicações diretas que estas recomendações poderão ter ao nível do bem-estar e da qualidade de vida podem ser constatadas tendo em consideração o modo como a pessoa idosa que vive na sua própria casa lida com as exigências inerentes às atividades de vida diária (cuidados consigo mesma relativos à alimentação ou à higiene), às atividades instrumentais da vida diária (ir às compras, ao médico) e às atividades por ela valorizadas e que possam ficar comprometidas pelo surgimento de incapacidades (como passear ou socializar). Uma das grandes valias do *ageing in place* é seguramente a possibilidade de a pessoa

idosas continuar a ter uma vida “normal” e desse modo poder continuar a realizar livremente atividades por ela valorizadas. É por isso que políticas, programas, serviços e soluções que promovam o *ageing in place* devem ter uma visão integrada que responda às necessidades das pessoas à medida que envelhecem, valorizando uma visão holística e não tanto clínica. Isto é, as pessoas mais velhas não deverão ser encaradas como tendo problemas a que os serviços sociais e de saúde respondem, mas sim necessidades a que esses mesmos serviços deverão responder de forma diferenciada, por exemplo, em termos da sua condição de saúde ou do ambiente (rural ou urbano) em que vivem.

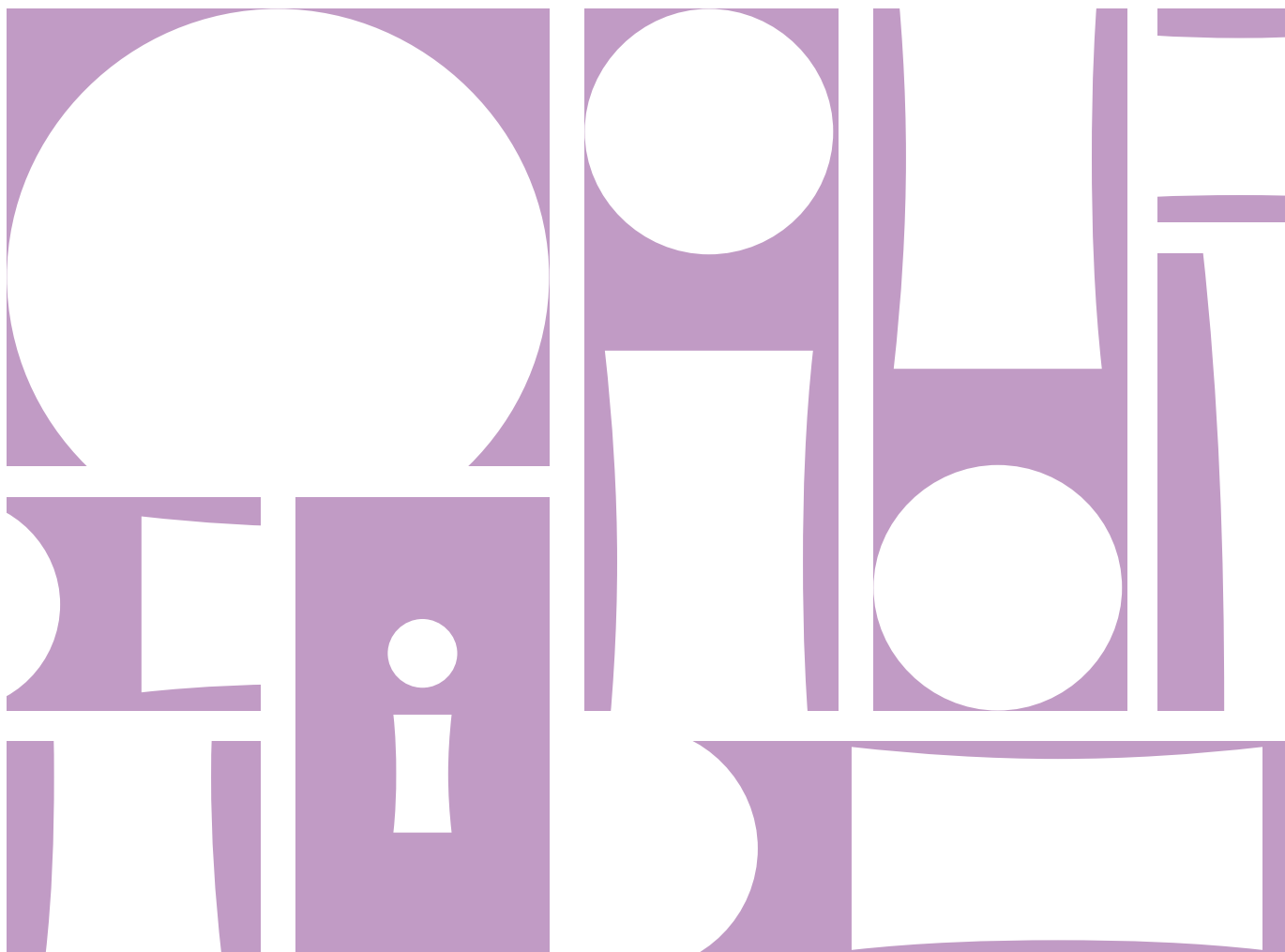
Olhando para além das necessidades imediatas, de natureza básica ou instrumental, qualquer modelo que vise a promoção do bem-estar e da qualidade de vida das pessoas idosas através do *ageing in place* tem de focar a sua atenção numa perspetiva comunitária, desde logo para contrariar um dos riscos frequentemente associados ao *ageing in place*, o isolamento social. Qualquer esforço para auxiliar as pessoas a envelhecer em casa e na comunidade terá de passar, assim, pela sua capacitação para o estabelecimento de relações sociais significativas: os idosos correm menos riscos de experimentar isolamento social quando se sentem incluídos nas suas comunidades, onde possam concretizar um determinado “estilo de vida” de acordo com as suas preferências e com aquilo que valorizam. No fundo, as mulheres idosas e os homens idosos têm os mesmos direitos que qualquer outra pessoa, independentemente da sua idade e/ou condição funcional (mais ou menos autônomos ou dependentes), devendo ser-lhes dadas condições para que possam continuar a viver nas suas casas e nas suas comunidades pelo maior tempo possível, suprimindo as suas necessidades e respeitando os seus interesses e expectativas.



Políticas, programas, serviços e soluções que promovam o *ageing in place* devem ter uma visão integrada que responda às necessidades das pessoas à medida que envelhecem, valorizando uma visão holística e não tanto clínica.

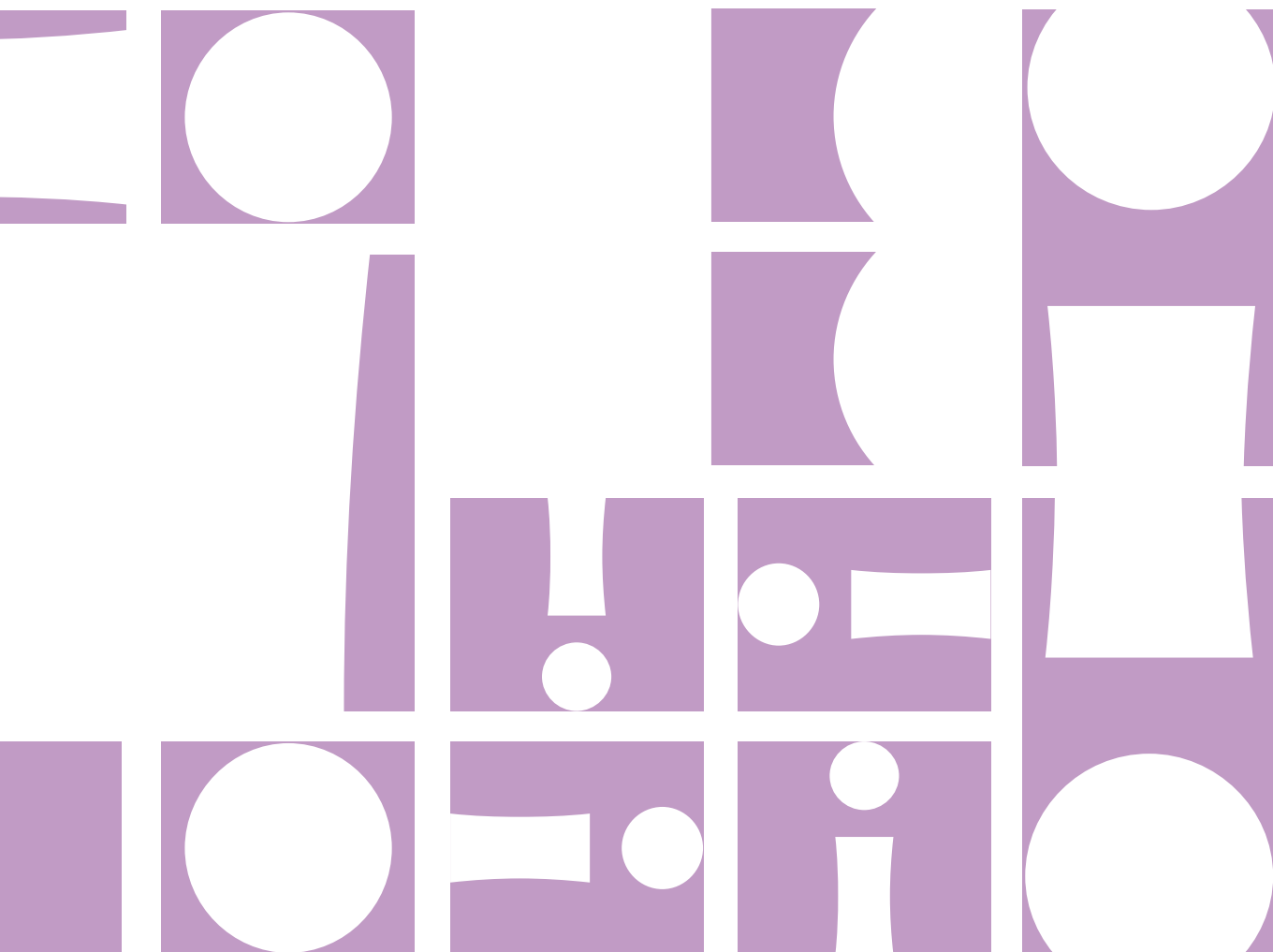
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EUROSTAT. *Active ageing and solidarity between generations: a statistical portrait of the European Union 2012*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2012.
- FERNÁNDEZ-CARRO, C. *Ageing in place in Europe: a multidimensional approach to independent living in later life*. Barcelona: University of Barcelona, 2013.
- IECOVICH, E. Aging in place: from theory to practice. *Anthropological Notebooks*, 20(1), p. 2132, 2014.
- KLIMCZUK, A. *Economic foundations for creative ageing policy*, v. II. New York: Palgrave Macmillan, 2017.
- MEANS, R. Ageing in place and vulnerable older people in the UK. *Social Policy & Administration*, 41, p. 6585, 2007.
- MILLIGAN, C. *There's no place like home. Place and care in an ageing society*. Farnham, UK: Ashgate, 2009.
- OECD. *New orientations for social policy*. Paris: Organization for Economic Cooperation and Development (Social Policy Studies), 1994.
- PANI-HARREMAN, K.; BOURS, G.; ZANDER, I.; KEMPEN, G.; VAN DUREN, J. Definitions, key themes and aspects of 'ageing in place': a scoping review. *Ageing & Society*, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0144686X20000094>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- PAÚL, C. Envelhecimento e ambiente. In: L. SOCZKA (org.). *Contextos humanos e psicologia ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 247268, 2005.
- VAN DIJK, H.; CRAMM, J.; VAN EXEL, J.; NIEBOER, A. The ideal neighbourhood for ageing in place as perceived by frail and nonfrail communitydwelling older people. *Ageing & Society*, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0144686X14000622>. Acesso em: 13 jun. 2022.



A Experiência Virtual de um Grupo de Idosos da Baixada Fluminense no Contexto de Isolamento Social

[Artigo 4, páginas 56 a 73]



Carla Luciana Moraes de Souza

Assistente social e analista de projetos sociais do Sesc Rio de Janeiro.
carlalms@yahoo.com.br

Mônica de Assis

Sanitarista e professora da Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UnATI/UERJ).
monassis.mm@gmail.com

Artigo 4

A Experiência Virtual de um Grupo de

Idosos da Baixada Fluminense no

Contexto de Isolamento Social

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar a experiência virtual do grupo de idosos do Sesc+Vida de São João de Meriti durante a pandemia de covid-19. Foram realizadas atividades por meio dos aplicativos WhatsApp, Zoom e Google Meet. Observou-se que muitos idosos superaram desafios tecnológicos e conquistaram seu espaço no ambiente virtual. A experiência possibilitou manter a interação com os idosos e dar seguimento à proposta de promoção do envelhecimento saudável mesmo durante o isolamento social.

Palavras-chave: idoso; covid-19; inclusão digital.

ABSTRACT

The purpose of this article is to present the virtual experience of the elderly group from Sesc+Vida, in São João de Meriti, during the Covid-19 pandemic. Activities were carried out through the WhatsApp, Zoom and Google Meet apps. It was observed that many elderly people overcame technological challenges and conquered their space in the virtual environment. The experience promoted interaction with the elderly and the follow up of healthy aging program even during social isolation.

Keywords: elderly; Covid-19; digital inclusion.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional brasileiro vem mudando o perfil da sociedade e mostrando, cada vez mais, a presença dos idosos em nosso meio. De acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2020, o Brasil tem mais de 28 milhões de pessoas acima de 60 anos (13,67% da população do país), com projeção de chegar a cerca de 64 milhões idosos em 2050 (IBGE, 2018).

No Brasil, os direitos dos idosos vêm sendo estabelecidos desde a Constituição Federal (1988) e teve como marcos a Política Nacional do Idoso, instituída pela Lei 8.842/94 e regulamentada pelo Decreto 1.948/96, e o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003), que especificou novos direitos, determinando meios específicos de proteção, desde a prioridade no atendimento até à inviolabilidade física, psíquica e moral (FERNANDES e SOARES, 2012).

Iniciativas no campo social vêm sendo implementadas para a população idosa ao longo das últimas décadas e o Serviço Social do Comércio (Sesc) é pioneiro no atendimento a esse público, desenvolvendo ações socioeducativas, culturais e de lazer desde a década de 1960 através do Trabalho Social com Idosos (TSI). Por meio de grupos de convivência formados em todo o país, a instituição promove ações de valorização, socialização e protagonismo do público idoso (SESC, 2010; MARTORELLI, 2020).

No estado do Rio de Janeiro, o TSI é desenvolvido pelo projeto Sesc+-Vida em todas as 20 unidades operacionais do Sesc Rio de Janeiro. As atividades são baseadas na metodologia da escuta ativa (MORAN, MASETTO & BEHRENS, 2013), ou seja, o idoso contribui a partir dos seus interesses, sendo protagonista dessa construção. Assim, programações como danças populares, corais, palestras, dramatização, oficinas de artes manuais e de estímulo cognitivo, reuniões de convivência, encontros dançantes, entre outras, ocorriam até o fechamento das unidades devido às medidas de isolamento social impostas pela pandemia da covid-19, em março de 2020, após a confirmação do primeiro caso (FAUSTINO, LEÃO & FERREIRA, 2020).

A pandemia forçou a busca de novas formas de relacionamento social, principalmente para os idosos. Esse público, em sua grande maioria, teve que interromper sua rotina e atividade social para permanecer em casa como medida preventiva, visto possuir maior risco de morte, especialmente quando portador de doenças crônicas (ZHANG, 2020). Diante deste cenário, as atividades do TSI migraram dos espaços físicos (unidades operacionais) para a forma remota por

Artigo 4

A Experiência Virtual de um Grupo de Idosos da Baixada Fluminense no Contexto de Isolamento Social

meio dos aplicativos de comunicação (WhatsApp, Zoom e Google Meet) e das redes sociais (Facebook, Instagram e YouTube). O acompanhamento passou a ser por meio virtual ou por contato telefônico, realizado pelos próprios técnicos que conduziam as atividades presencialmente nas unidades.

A inclusão digital e a participação de idosos nas redes sociais vêm sendo estudadas por autores que destacam as contribuições da internet, analisando a acessibilidade e os benefícios para a saúde do idoso, bem como a utilização e a motivação para o uso das redes sociais (DELLAMERLIN, BALBONOT & FROEMMING, 2017; SALES, SOUZA & SALES, 2020; RAIMUNDO, 2021). Observa-se que ainda há barreiras a serem superadas, principalmente no que tange ao acesso a essas ferramentas que possibilitam a interação virtual, bem como a hesitação de parte dos idosos para utilização desses instrumentos.

Tendo em vista a necessidade de registro da intensa e inovadora experiência do TSI como memória e reflexão sobre as ações mediadas pelas atuais tecnologias de comunicação, o objetivo deste artigo é apresentar a experiência virtual do grupo de idosos do Sesc+Vida de São João de Meriti, município da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, durante a pandemia de covid-19. O relato baseia-se na vivência da autora principal como coordenadora do grupo, utilizando os relatórios mensais de atividades, produzidos a partir de março de 2020, e o diálogo com a literatura.

O GRUPO VIRTUAL DE IDOSOS

No período de março a dezembro de 2020, o Sesc São João de Meriti desenvolveu diversas atividades para o grupo de idosos do projeto Sesc+Vida, sendo o WhatsApp o principal meio de interação. O grupo de WhatsApp dos idosos participantes do programa Sesc+Vida, em São João de Meriti foi formado em 2018 e tinha como objetivo apenas divulgar informações específicas de interesse dos participantes. Em março de 2020, com a pandemia, esse grupo passou a ser o principal meio para esclarecimentos, orientações, trocas de informações e realizações de atividades.

Cerca de 240 idosos participavam das atividades presenciais do projeto, dos quais 134 (132 mulheres e 4 homens) se integraram ao trabalho por meio virtual. Destaca-se que havia dois idosos do sexo masculino casados com idosas que estavam no grupo e que preferiram não entrar individualmente, participando do grupo pelo



A inclusão digital e a participação de idosos nas redes sociais vêm sendo estudadas por autores que destacam as contribuições da internet, analisando a acessibilidade e os benefícios para a saúde do idoso, bem como a utilização e a motivação para o uso das redes sociais.

WhatsApp das esposas. O acompanhamento dos demais idosos que não estavam no grupo virtual foi mantido através de contato telefônico ou mesmo pelo WhatsApp de familiares ou colegas do grupo que moravam próximos.

Com base no levantamento realizado pela responsável técnica do grupo em entrevistas nos meses de fevereiro e março de 2020, antes do fechamento das unidades, observou-se que os participantes do grupo têm de 57 a 86 anos (média de 72 anos), sendo a maioria (80%) na faixa de 60 a 75 anos e independentes. A maioria (68%) mora com cônjuge, filhos, netos ou demais parentes. Dentre os que moram sozinhos, alguns relataram ter familiares como vizinhos próximos. Quanto à escolaridade, 60% dos participantes do grupo virtual possuíam ensino fundamental (incompleto ou completo), 37% ensino médio (incompleto ou completo) e 3% curso superior.

Devido à baixa escolaridade e às dificuldades iniciais para lidar com o ambiente digital, houve, em princípio, necessidade de um tempo maior para que os idosos pudessem assimilar as funcionalidades e o manuseio dos aplicativos utilizados. Assim, foram produzidas cartilhas e vídeos explicativos como estímulo à prática das atividades, incentivando a escrita e o envio de áudios, além de atendimentos individuais pelo WhatsApp. Vários fatores contribuem para que os idosos tenham dificuldades no acesso aos dispositivos tecnológicos:

No Brasil, as barreiras à inclusão digital são inúmeras, como baixa escolaridade, falta de projetos e programas sociais de inclusão digital, espaços de acesso aos computadores e internet oferecidos de forma gratuita, que podem ser mais graves, dependendo da região do país em que o idoso se encontra (CASA DEI, BENNEMANN, & LUCENA et al., 2019).

Artigo 4

A Experiência Virtual de um Grupo de Idosos da Baixada Fluminense no Contexto de Isolamento Social

Apesar do receio dos participantes, da falta de contato com as novas tecnologias e de alguns limites dados pelas alterações fisiológicas comuns ao processo de senescência, muitos idosos ousaram superar essas dificuldades a partir do interesse despertado pelo período de isolamento. As atividades desenvolvidas no grupo virtual ocorriam de terça a sábado, preferencialmente no período da tarde, possibilitando a continuidade da rotina das atividades presenciais realizadas anteriormente. Além das atividades no grupo de WhatsApp, foram realizadas também interações pelo aplicativo Zoom e outros meios virtuais, como Google Meet, Instagram e YouTube. A programação foi bastante variada e incluiu as seguintes atividades:

- Cafés virtuais: encontros on-line com a utilização de aplicativos de chamada, como Zoom e Google Meet. Nesses encontros foram abordados temas de interesse do grupo com a participação de profissionais de diversas áreas, como educação em saúde, nutrição, meio ambiente e artesanato, entre outros.
- Bailes temáticos: apresentação musical com a participação de instrutores de dança. Essa atividade era desenvolvida pelo aplicativo de vídeo Zoom.
- Vídeos e cartilhas de exercícios para o cérebro desenvolvidos e divulgados nos canais do Sesc Rio de Janeiro.
- Atividades nas áreas de esporte, lazer e cultura desenvolvidas no grupo de WhatsApp com profissionais dessas áreas.
- Atividades de educação em saúde e saúde mental, com exercícios de estímulo cognitivo. Foram formadas seis turmas no segundo semestre de 2020. Nesses encontros foram abordadas dicas para exercitar a memória e estimular o cérebro.

A programação on-line oferecida impulsionou uma mudança no perfil do público, permitindo que os idosos passassem a ver na tecnologia uma forma alternativa de socialização, estabelecendo novos hábitos e rotinas.

O acompanhamento diário do grupo possibilitou levantar informações específicas, que contribuíram para direcionar as ações desenvolvidas. Assim, os idosos foram atuantes nas indicações da programação e não somente participantes das atividades.

A presença dos idosos em aplicativos de videochamada (Zoom e Google Meet, por exemplo) ocorreu a partir de abril de 2020. Aos poucos, cada vez mais idosos começaram a participar desses encon-



A programação on-line oferecida impulsionou uma mudança no perfil do público, permitindo que os idosos passassem a ver na tecnologia uma forma alternativa de socialização, estabelecendo novos hábitos e rotinas.

tros. Dentre os 134 participantes do grupo do WhatsApp, cerca de 40 idosos aprenderam e participaram das atividades desenvolvidas com esses aplicativos. Os demais, de acordo com o relato dos idosos, não tinham condições de baixar o aplicativo devido ao celular não comportar, não terem pacotes de dados ilimitados ou wi-fi que permitissem esse acesso ou simplesmente não tinham interesse em participar de ações com chamada de vídeo.

O WhatsApp foi, por essa razão, a ferramenta preferencial para comunicação e interação dos participantes, principalmente pela facilidade de uso. Durante as conversas no grupo, os idosos reportaram a preferência por esse aplicativo em função de possuir recursos mais simples e facilitar a comunicação.

Mensalmente, foram realizados relatórios de todas as atividades desenvolvidas no grupo. Nesses relatórios constam a quantidade de idosos que visualizavam e participavam das atividades, o período de realização e a descrição da proposta com registros através de *prints*. Alguns idosos realizavam as atividades sugeridas em caderno, batiam fotos e postavam no grupo para correção, principalmente nos casos de atividades para exercitar a memória e o raciocínio.

O grupo virtual para os idosos passou a ser um meio efetivo de divulgação e informação sobre diversos temas, bem como uma forma de lazer e uma ferramenta importante para minimizar os efeitos do isolamento social e da solidão, estimulando também a atividade cerebral. A prática com o uso do aplicativo possibilitou, ainda, ampliar a comunicação, não somente entre os participantes do grupo, mas também com familiares e amigos distantes, entre outros.

Conforme ilustram os depoimentos a seguir, com a identidade preservada, a maioria dos idosos avaliaram positivamente as alternativas de atividades on-line oferecidas pela instituição como forma de manter o trabalho durante a pandemia.

Artigo 4

A Experiência Virtual de um Grupo de Idosos da Baixada Fluminense no Contexto de Isolamento Social

“Estou feliz em participar do grupo do Sesc São João, pois levantou minha autoestima. Eu cuidava da única filha e do marido com câncer. Deus levou minha filha e sigo cuidando do meu marido. Faço atividades no grupo do Zap, pois estão sendo de grande importância para a minha saúde. O que seria de mim, nesse período de pandemia sem o grupo do Sesc?” (Rosa, 67 anos)

“Eu aprendi novas tecnologias e a interagir pelo celular. Tenho feito também muitas receitas saborosas e nutritivas! Adorei a aula sobre como ativar a mente com exercícios que estimularam as nossas capacidades. É com grande prazer e dedicação que parablenizo a todos do Sesc, que têm sempre paciência e preocupação em saber se estamos bem.” (Margarida, 66 anos)

“O Sesc representa saúde, bem-estar e alegria na minha vida. Estou triste e com saudades do Sesc. A saudade não está pior, pois estamos tendo atividades on-line de terça a sábado. Fico feliz quando chega o horário das atividades, pois ajudam a alegrar minhas tardes. Se não fossem essas atividades, não sei como seria essa quarentena. Que bom que o Sesc existe e que todos que lá trabalham pensam em nós.” (Flora, 69 anos)

“Com o isolamento social, o Sesc está sendo fundamental. Temos atividades virtuais, onde podemos até nos ver. Muitos, como eu, tinham dificuldades em usar aplicativos, mas com as orientações, conseguimos aprender. Isso nos fortaleceu, pois muitas vezes nos encontramos tristes e sozinhos. Além disso, através do grupo, procuramos entrar em contato telefônico com colegas que não tem Zap. Isso é valioso para mim, pois me sinto útil e grata por contribuir. Agradeço ao Sesc e aos profissionais que estão fazendo o melhor nesse momento tão difícil.” (Jasmim, 66 anos)

INCLUSÃO DIGITAL DOS IDOSOS E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO

O uso de computadores e da internet vem se tornando, a cada dia, essencial e significativo para o convívio social. Com os idosos cada vez mais ativos e buscando se inserir nos meios virtuais, essas ferramen-

tas acabam possibilitando benefícios para a autoestima e a memória desses indivíduos, além de serem um campo de novos aprendizados e relações sociais e afetivas.

No contexto da pandemia, o meio virtual passou a ser um aliado para que o público idoso não se sentisse isolado da sociedade. A necessidade de se promover outras formas de interação foi intensificada durante as medidas de isolamento social na fase inicial da pandemia de covid-19:

Vê-se necessária a intervenção quanto às medidas de atuação a respeito da saúde do idoso no período pandêmico, fornecendo opções da continuidade da qualidade de vida e possibilidades de comunicações seguras com a rede de apoio à pessoa idosa, tendo a tecnologia como seu maior aliado (SILVA et al., 2020, p. 39).

A internet introduziu uma nova forma de adquirir conhecimento e informação, contribuindo para o acesso à comunicação e ao lazer, bem como para uma participação mais igualitária de todos que estejam, naquele momento, interagindo.

No campo gerontológico, as novas tecnologias têm como desafio incluir os idosos em práticas que permitam a este público diferentes formas de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades, valendo-se do máximo possível que essas ferramentas podem proporcionar. De acordo com Miranda & Farias, a utilização da internet pelos idosos possibilita importantes benefícios para a sociabilidade e a saúde:

Certos aspectos psicossociais negativos, comuns na velhice (como solidão, isolamento social, alienação), podem ser minimizados com o apropriado uso da internet. O idoso usuário da rede mundial de computadores tem benefícios psicológicos importantes, tais como: prevenção da depressão e do isolamento social, especialmente os limitados fisicamente, e manutenção dos níveis cognitivos. (MIRANDA & FARIAS, 2009, p. 385).

A interatividade proporcionada pelas novas tecnologias, seja por meio de um celular, computador ou notebook, apresenta-se como um recurso significativo para os idosos, especialmente no atual contexto de pandemia. Problemas como a solidão, que já era relevante nessa

Artigo 4

A Experiência Virtual de um Grupo de
Idosos da Baixada Fluminense no
Contexto de Isolamento Social

faixa etária, ganhou uma perspectiva mais sombria durante a pandemia, visto que os idosos tiveram que evitar ou reduzir contatos presenciais, inclusive com familiares, e interromper suas atividades sociais de rotina devido às medidas de distanciamento social. Dellarmelin, Balbonot & Froemming (2017) corroboram que a interação realizada pelos meios virtuais fortalece a socialização, reduzindo o isolamento e abrindo novas possibilidades:

[...] a tecnologia pode possibilitar aos idosos estarem mais integrados em uma comunidade eletrônica ampla, colocando-os em contato com parentes, amigos e outros indivíduos em um ambiente virtual de troca de ideias e informações e reduzindo, assim, o isolamento por meio da experiência comunitária (DELLARME LIN et al., 2017, p. 178).

Primo (2007) fez uma análise em relação à interação virtual e propôs dois tipos de interação: a mútua e a reativa. Ambos os tipos de interação foram observados no trabalho desenvolvido no TSI do Sesc Rio de Janeiro. A interação mútua baseia-se na participação dos envolvidos, que foram responsáveis pela relação construída, e foi percebida em bate-papos, videochamadas e conversas em grupo. A interação de caráter reativo é mais limitada, estabelecida por interações determinadas de estímulo e resposta, como clicar em um vídeo, em um link específico ou jogar um jogo. Já a interação mútua está em constante construção, ou seja, um sujeito influencia o comportamento do outro, fazendo com que cada relação seja específica e única.

Com as inúmeras atividades que passaram a ser desenvolvidas em diversos meios virtuais, o Sesc Rio de Janeiro enfrentou algumas barreiras para a inclusão digital, que não estão relacionadas somente com possuir ou não equipamentos eletrônicos e de comunicação, mas também com a habilidade de saber utilizar essas tecnologias. O processo de inclusão digital não é algo simples, pois depende de fatores pessoais, culturais e sociais.

As dificuldades que os idosos encontram em relação ao uso das tecnologias contribuem para propagar preconceitos, como o etarismo (ou ageísmo). O etarismo é a discriminação contra o indivíduo devido à sua idade. Esse tipo de preconceito considera que os idosos são

incapazes de aprender novas tecnologias ou não possuem interesse em usá-las, contribuindo para ampliar o estigma de que a pessoa idosa não consegue aprender novas tarefas (RAIMUNDO, 2019). No entanto, com a progressiva adesão às atividades desenvolvidas em aplicativos e redes sociais virtuais, o trabalho social com idosos mostrou que a realidade pode ser bem diferente.

A interação sistemática com esse público realizada por profissionais especializados abriu uma nova perspectiva de atuação, instrumentalizando os idosos para o ambiente virtual, antes desconhecido ou pouco acessado por esse segmento populacional. O público idoso participante do TSI se percebeu como agente atuante e se apropriou desse espaço para agregar conhecimento. Ao se sentirem cada vez mais confiantes com as novas formas de interação, os idosos se tornaram mais receptivos às informações e às atividades propostas, se habilitando também ao uso de possibilidades contemporâneas mediadas por tecnologia de informação e comunicação, como pagamentos de contas on-line e utilização de outros canais virtuais, dentre outras.

Políticas públicas no campo do envelhecimento populacional devem promover a inclusão digital para que o idoso tenha acesso à convivência social pelos diversos meios disponíveis, sendo este um direito garantido pelo Estatuto do Idoso. Conforme o Artigo 21 (capítulo V), os cursos especiais para idosos devem incluir conteúdos relacionados à computação e às novas tecnologias para melhor integrá-los às exigências da sociedade atual:

O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados. Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos para sua integração à vida moderna (BRASIL, 2003).

O uso apropriado das redes contribui positivamente para o bem-estar do idoso, tanto pelo seu perfil informativo quanto pelo seu uso como processo de aprendizagem. Além disso, oferece apoio social e sentimento de pertencimento, mesmo havendo desigualdades no acesso ou no entendimento da utilização dos meios virtuais e digitais.

Artigo 4

A Experiência Virtual de um Grupo de Idosos da Baixada Fluminense no Contexto de Isolamento Social

APRENDIZADOS E DESAFIOS

A suspensão das atividades presenciais dos grupos e demais programações com idosos, em cumprimento às medidas de isolamento e distanciamento social durante a pandemia, demandou um intenso período de adaptações e inovações, tanto para as equipes quanto para os idosos integrantes do trabalho.

O home office instaurado a partir de março de 2020 exigiu que a equipe estivesse em constante aprendizado para reprogramar as atividades para o meio virtual com qualidade e de forma sistemática. A troca de experiências e de ideias foram fundamentais para manter o acolhimento e acompanhamento dos idosos nesse período, mesmo que a distância.

No processo de reformulação para que o trabalho com os grupos permanecesse, a equipe teve que superar desde as adversidades referentes à adaptação ao home office até momentos de ansiedade e incerteza com potencial de impactar negativamente a saúde mental dos técnicos. As reuniões virtuais de equipe, que ocorriam de forma sistemática, possibilitaram as trocas e o apoio mútuo necessários para superar tais dificuldades.

O desafio da inclusão digital dos idosos também foi sentido nessa experiência. Muitos fatores contribuíram para que nem todos os idosos conseguissem participar dos grupos virtuais e das atividades propostas. Como a mudança do meio presencial para o virtual ocorreu de forma brusca e o aprendizado nesse grupo requer um tempo maior, nem todos os idosos conseguiram se adaptar e assimilar as novas práticas em um curto período, apesar do suporte oferecido. Além disso, a equipe se deparou com a necessidade de ensinar os participantes a utilizar as ferramentas virtuais a distância, no mesmo momento em que também estava em processo de aprendizagem. Segundo Casadei, Bennemann & Lucena (2019):

Deve-se levar em consideração que a inclusão digital dos idosos compreende um processo diferente quando comparados a crianças e jovens adultos, já que geralmente os idosos necessitam de tempo maior para manusear e assimilar as funcionalidades dos dispositivos tecnológicos (CASADEI, BENNEMANN & LUCENA, 2019, p. 4).

As barreiras tecnológicas enfrentadas pelos idosos variaram de um grupo para outro nas diferentes regiões do estado do Rio de Janeiro onde o Sesc está presente. As dificuldades enfrentadas pelos idosos do município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense, diferem de regiões como Copacabana, na zona sul da capital. Conforme análise recente do perfil de participantes, os idosos atendidos pelo Sesc Copacabana estiveram mais presentes nos grupos virtuais, bem como nos aplicativos de videochamada.

A partir das informações dos idosos atendidos nas unidades, observou-se que a escolaridade e a renda são as variáveis mais desiguais entre as duas unidades citadas. Em Copacabana, 45% dos idosos participantes de forma presencial concluíram o ensino superior e, em São João de Meriti, cerca de 50% dos idosos do grupo não concluíram o ensino fundamental. Em relação à renda, 80% dos idosos de São João de Meriti possuem renda de até dois salários-mínimos nacionais, provenientes de aposentadorias, pensões ou Benefício de Prestação Continuada. Mais de 50% dos idosos atendidos pelo Sesc Copacabana possuem renda acima de cinco salários-mínimos, oriunda principalmente de pensões ou aposentadorias (SOUZA, CASTRO & BLINI, 2019).

Apesar dessas diferenças, em todas as unidades houve empenho e dedicação para que a maioria dos idosos pudesse participar das atividades e dos grupos virtuais, garantindo a continuidade do programa. De acordo com informações levantadas no site do Sesc Rio de Janeiro, mais de 4 mil idosos, em 2020, participavam de ações diárias por meio de grupos de WhatsApp, de Facebook, *lives*, salas do Zoom e vídeos no Youtube. Esse movimento ocorreu em todo o Brasil (MARTORELI, 2021), acelerando um gradual processo em curso de crescente utilização de tecnologias de informação e comunicação pela população idosa (SALES, SOUZA & SALES, 2021) por um motivo inesperado.



As barreiras tecnológicas enfrentadas pelos idosos variaram de um grupo para outro nas diferentes regiões do estado do Rio de Janeiro onde o Sesc está presente. As dificuldades enfrentadas pelos idosos do município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense, diferem de regiões como Copacabana, na zona sul da capital.

Artigo 4

A Experiência Virtual de um Grupo de Idosos da Baixada Fluminense no Contexto de Isolamento Social

O aprendizado por nós obtido nesse período de pandemia em que se fez uso de atividades virtuais é que o público idoso possui particularidades únicas, além da heterogeneidade do envelhecimento humano. Mesmo com os desafios impostos pelas dificuldades de acesso aos recursos tecnológicos e limites para ambientação com os dispositivos móveis (SILVEIRA, PARRIÃO & FRAGELLI, 2017), muitos idosos conseguiram superar essa barreira e participar das programações virtuais, bem como interagir on-line com outras pessoas, sejam familiares ou amigos.

A participação do grupo virtual do Sesc+Vida proporcionou aos idosos ampliar sua rede social, adquirir novos conhecimentos, desfrutar de momentos de lazer, convívio e estímulo cognitivo, evitando o sentimento de isolamento. O grau de envolvimento, participação e o feedback positivo dos participantes confirmam os efeitos positivos da inserção digital na saúde e qualidade de vida dos idosos, conforme reportados em estudos nacionais (CONCEIÇÃO & BIFANO, 2020).

Foi de suma importância rever e adaptar as formas de atuação junto ao grupo de idosos no período de pandemia, para que houvesse opções de continuidade das atividades que proporcionassem bem-estar para esse público, por meio da comunicação e da rede de apoio social, tendo a tecnologia como uma aliada.

Reforça-se a necessidade de que, nesse cenário de rápidas transformações sociais, as peculiaridades dos idosos possam ser contempladas em termos de usabilidade dos dispositivos eletrônicos como um facilitador no processo de inclusão digital (SALES, SOUZA & SALES, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de covid-19 impôs a urgência de adaptação das atividades presenciais desenvolvidas pelo Sesc com grupos de idosos. Buscou-se, neste artigo, apresentar o trabalho desenvolvido nos meios virtuais pela unidade de São João de Meriti e suas contribuições e desafios no processo de inclusão digital da população idosa.

Observou-se que as dificuldades vivenciadas no início da reformulação das atividades do projeto Sesc+Vida foram sendo gradativamente superadas, tendo sido possível manter o acompanhamento e desenvolver uma programação variada envolvendo a maioria dos participantes. A experiência mostrou uma crescente participação dos idosos nos meios virtuais, motivados tanto pela necessidade de interação no contexto de isolamento e distanciamento social, quanto pela crescente demanda no uso de tecnologias no dia a dia.

Àqueles que acreditam que a pessoa idosa não tem habilidade ou interesse em estar nas redes sociais compartilhando suas opiniões, assistindo a vídeos, sendo influenciadores, cabe reconhecer que há muitos idosos interessados e buscando na internet novas possibilidades de aprendizado e interação.

O relato aqui apresentado reforça a importância do trabalho social com grupos de idosos que, mesmo em meio às adversidades e adaptações necessárias impostas pela pandemia, pôde transmitir confiança e ser mantido como suporte de interação social e aprendizagem, ao mesmo tempo em que impulsionou processos inovadores de inclusão digital.

Artigo 4

A Experiência Virtual de um Grupo de Idosos da Baixada Fluminense no Contexto de Isolamento Social

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

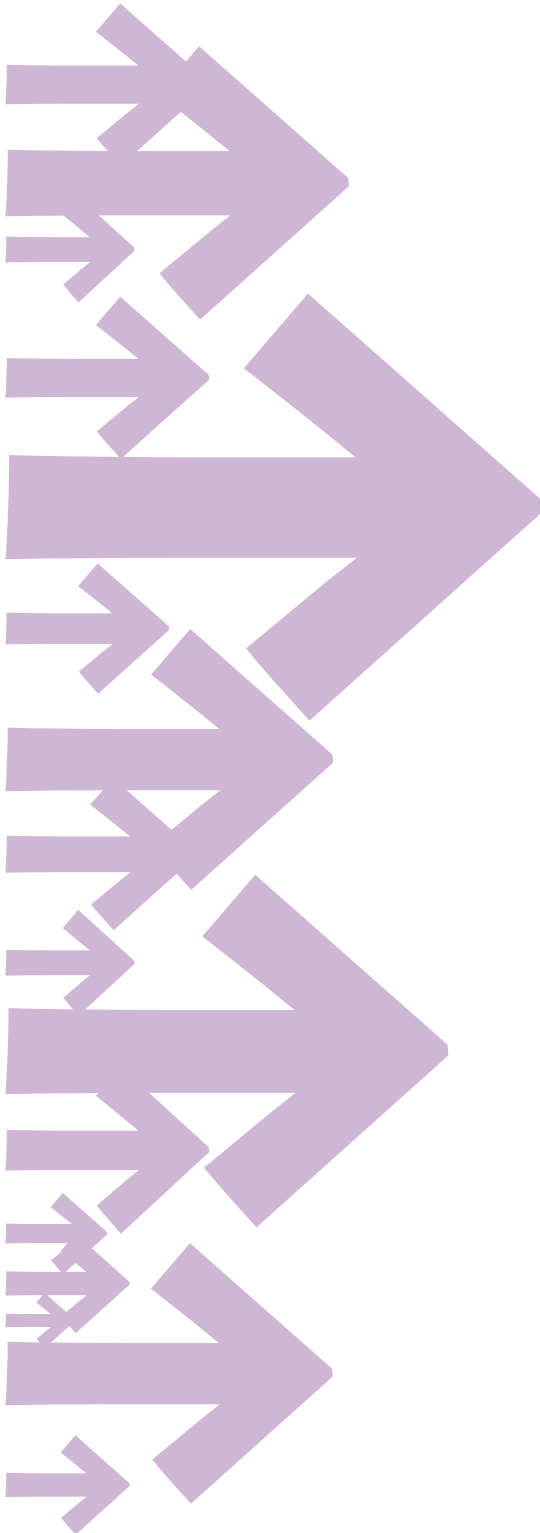
- CASADEI, G. R.; BENNEMANN, R. M.; LUCENA, T. F. R. Influência das redes sociais virtuais na saúde dos idosos. *Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer*, 16(29), 2019. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2019a/sau/influencia.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2021.
- CONCEIÇÃO, L. R.; BIFANO, A. C. S. A pessoa idosa e as tecnologias digitais: o que a bibliografia revela no caso do Brasil de 2007 a 2017. *Revista Kairós-Gerontologia*, 23(2), p. 625-642, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/54166>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- DELLAMERLIN, M. L.; BALBONOT, V. A.; FROEMMING, L. M. S. Análise do comportamento e utilização das redes sociais pelos idosos. *Revista Sociais & Humanas*, 30(1), p. 174-184, 2017.
- FAUSTINO, A. M.; LEÃO, L. R. B.; FERREIRA, V. H. S. O idoso e a pandemia de covid-19: uma análise de artigos publicados em jornais. *Braz. J. of Develop.*, 6 (7), 45, p. 123-145, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/12947>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- FERNANDES M. T. O.; SOARES, S. M. O desenvolvimento de políticas públicas de atenção ao idoso no Brasil. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 46(6), p. 1.494-1.502, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/6DXDrLCthSrj5r9V7KHm5Nq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- FERREIRA, M. C.; TEIXEIRA, K. M. D. O uso de redes sociais virtuais pelos idosos. *Estud. Interdiscipl. Envelhec.*, 22(3), p. 153-167, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/74595>. Acesso em: 8 ago. 2020.
- HAMMERSCHMIDT, K. S. de A.; SANTANA, R. F. Saúde do idoso em tempos de pandemia covid-19. *Cogitare enferm.*, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72849>. Acesso em: 8 ago. 2020.
- INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. *Projeção da população do Brasil por sexo e idade – 1980-2050*. Rio de Janeiro, IBGE, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=284787>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- MARTORELI, R. Isolamento social da população idosa durante o enfrentamento da pandemia de covid-19. *Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento*, 31(78), p. 58-57, 2020. Disponível em: https://www.Sescsp.org.br/online/artigo/15002_
- ISOLAMENTO+SOCIAL+DA+POPULACAO+IDOSA+DURANTE+O+ENFRENTAMENTO+DA+PANDEMIA+DE+COVID19. Acesso em: 11 ago. 2021.

- MIRANDA, L. M.; FARIAS, S. F. As contribuições da internet para o idoso: uma revisão de literatura. *Comunicação, Saúde e Educação*, v. 13, n. 29, p.383-394, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/gk6cQKbbGkhDkH5JsnnSLTH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. São Paulo: Papirus, 2013.
- PRIMO, A. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- RAIMUNDO, T. Caminhos para a inclusão digital de idosos. *Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento*, 30(74), p. 22-37, 2021. Disponível em: <https://www.Sescsp.org.br/files/artigo/a9b48922/8aca/48fd/9187/d46cd01a53ce.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- SALES, M. B.; SOUZA, J. J.; SALES, A. B. Idosos, aplicativos e smartphone: uma revisão integrativa. *Revista Kairós-Gerontologia*, 22(3), 131-151, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/47150>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- SERVIÇO Social do Comércio. *Módulo político do Trabalho Social com Idosos*. Rio de Janeiro: Sesc-DN, 2010.
- SILVA, M. V. S.; RODRIGUES, J. A.; RIBAS, M. S.; SOUSA, J. C. S.; CASTRO, T. R. O.; SANTOS, B. A.; SAMPAIO, J. M. C.; PEGORARO, V. A. et al. O impacto do isolamento social na qualidade de vida dos idosos durante a pandemia por covid-19. *Enfermagem Brasil*, v. 19, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.portatlanticaeditora.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/4337>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- SILVEIRA, B. O.; PARRIÃO, G. B. L.; FRAGELLI, R. R. Melhor idade conectada: um panorama da interação entre idosos e tecnologias móveis. *Revista Tecnologias em Projeção*, 8(2), p. 42-53, 2017. Disponível em: <http://revista.faculadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao4/article/view/1004/836>. Acesso em: 8 ago. 2020.
- SOUZA, C. L. M.; CASTRO, T. M.; BLINI, P. Sesc+Vida, o Trabalho Social com Idosos no Sesc Rio de Janeiro. Uma análise comparativa entre dois perfis de grupos de idosos. *II Congresso Internacional sobre Envelhecimento – Ageing Congress*, Coimbra, Portugal, 2019.
- ZHANG, W. *Manual de prevenção e controle da covid-19 segundo o Doutor Wenhong Zhang*. São Paulo: PoloBooks, 2020. Disponível em: https://www.dfl.com.br/especiais/wp-content/uploads/2020/04/manual_prev_covid19_17_04_2020.pdf. Acesso em 29 ago. 2020.

5

Promoção do Bem-Estar para Pessoas Idosas no Grupo de Ginástica para Todos (GPT) Durante a Pandemia: Metodologia, Estratégias e Resultados

[Artigo 5, páginas 74 a 89]



Carla Andréia Pereira Silva

Educadora de atividades físico-esportivas do Sesc Belenzinho, pós-graduada em saúde do idoso (Unifesp) e fisiologia do exercício (UGF) e graduada em educação física (USJT).

carla.andreia@sescsp.org.br

Thais Cristina dos Santos Rodrigues

Educadora de atividades físico-esportivas do Sesc Belenzinho, pós-graduada em dança e consciência corporal (FMU) e graduada em educação física (Unicastelo).

thais.cristina@sescsp.org.br

RESUMO

A pandemia de covid-19 provocou alterações no formato das aulas presenciais, que foram adaptadas a uma nova realidade, com aulas remotas, dentro de um contexto considerado desafiador para as pessoas idosas. **Objetivo:** o presente estudo teve como objetivo apresentar estratégias metodológicas das aulas on-line desenvolvidas durante o período de isolamento social com o grupo de Ginástica para Todos (GPT) – de pessoas idosas - do Sesc Belenzinho. **Metodologia:** a construção de um planejamento de maneira participativa levou em consideração as expectativas e necessidades do grupo. O foco foi na educação integral, nos aspectos cognitivo, físico, social e afetivo, sempre pautado nas diretrizes da Federação Internacional de Ginástica (FIG), no documento norteador do Programa Sesc de Esportes (PSE) e nas necessidades das pessoas idosas. As atividades denominadas de "desafios ginásticos e criativos" foram enviadas pelo aplicativo WhatsApp aproximadamente duas vezes por semana, além dos encontros virtuais realizados semanalmente via aplicativo Zoom. **Resultado:** quanto à aderência, houve a participação de 18 alunos, ou seja, 75% (n=24) do grupo realizaram as atividades de modo assíduo. Segundo relatos dos alunos, na medida do possível, eles conseguiram manter a capacidade funcional preservada e diminuir a sensação de angústia, estresse e solidão através da rede de apoio socioafetiva. **Conclusão:** as atividades propostas impactaram positivamente no bem-estar integral das pessoas idosas durante o isolamento social.

Palavras-chave: envelhecimento; pessoas idosas; depressão; institucionalização; ILPI.

ABSTRACT

The covid-19 pandemic caused changes in the format of face-to-face classes, which were adapted to a new reality, with remote classes, within a context considered challenging for the old people. Objective: the present study aimed to present methodological strategies of online classes developed during the period of social isolation with the group Gymnastics for All (GPT) - for old people - from Sesc Belenzinho. Methodology: the construction of planning in a participatory way took into account the expectations and needs of the group. The focus was on comprehensive education, in the cognitive, physical, social, and affective aspects, always guided by the guidelines of the International Gymnastics Federation (FIG), the guiding document of the Sesc Sports Program (PSE), and the needs of the old people.

The activities called "gymnastic and creative challenges", were sent through the Whatsapp application approximately twice a week, in addition to the virtual meetings held weekly via the Zoom application. Result: as for adherence, 18 students participated, that is, 75% (n=24) of the group performed the activities assiduously. According to the students' reports, as far as possible, they managed to keep their functional capacity preserved and reduce their feeling of anguish, stress, and loneliness through the socio-affective support network. Conclusion: it is concluded that the proposed activities positively impacted the integral wellness of the old people during social isolation.

Keywords: aging; old people; depression; institutionalization; ILPI.

INTRODUÇÃO

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a ocorrência de uma pandemia pelo novo coronavírus, sendo uma doença de rápida disseminação e de difícil contenção. Como a principal forma de contágio da covid-19 acontece pelo contato próximo, uma das medidas de contenção da disseminação da doença foi o isolamento social.

O isolamento social é definido como a falta generalizada de contato ou comunicação social, de participação em atividades sociais ou de contato com um confidente. Comumente associada ao isolamento social, a solidão emocional é uma experiência pessoal de falta de contatos significativos, que dá origem a sentimentos negativos como desinteresse, tédio, fadiga e apatia, além de provocar a potencialização de dores, problemas de sono, perda de apetite e inatividade física (MENEZES, 2020).

Com as medidas de distanciamento social, o isolamento físico e os sofrimentos mentais tornaram-se um importante problema de saúde pública, especialmente em pessoas idosas em todo o mundo (WONG et al., 2020).

A OMS define como envelhecimento saudável processos de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permitem que a idade avançada seja vivida da melhor forma possível (DÉCADA, 2020). A prática de atividade física regular é fundamental para prevenir e controlar diversas doenças crônicas, promovendo também melhora significativa nos sintomas de depressão e ansiedade, e também a melhora da memória e saúde mental, mantendo a autonomia do indivíduo durante o envelhecimento. Em relação ao ambiente social, a OMS aponta que a solidão e o isolamento social são fatores comuns nesta fase e podem influenciar na diminuição da saúde da pessoa idosa. Logo, a promoção de redes de contato social deve compor as estratégias que objetivam o envelhecimento ativo (OMS, 2005; 2015). No decorrer da pandemia de covid-19, dentre diversos impactos ocasionados, observou-se que houve a diminuição da atividade física e do exercício físico, mesmo com todos os seus benefícios na capacidade funcional, como a redução dos níveis das taxas que favorecem a análise de uma homeostasia do organismo e depressão, e a melhora das funções cognitivas, musculares, cardiovasculares e imunológicas, que são indispensáveis para a conservação da saúde em tempos de pandemia (MATOS et al., 2020). Observa-se, portanto, que práticas corporais associadas à socialização podem se configurar como uma forma de promover o bem-estar integral durante o processo de envelhecimen-

Artigo 5

Promoção do Bem-Estar para Pessoas Idosas no
Grupo de Ginástica para Todos (GPT)
Durante a Pandemia: Metodologia, Estratégias e Resultados

to. Dentre diversas práticas corporais possíveis ao público idoso, destacamos a GPT (Ginástica Para Todos), como uma alternativa que atende às necessidades desse público.

A GPT é classificada como uma prática livre e está voltada para o lazer, a vivência corporal, a criatividade e a diversidade, características que a tornam apropriada à promoção da saúde, priorizando a elaboração coletiva de coreografias, elementos gímnicos e culturais de forma lúdica e cooperativa, contribuindo no aumento do nível de atividade física e promoção da saúde. Logo, a coletividade e a interação social correspondem a aspectos bastante evidenciados nesta prática corporal, independentemente do público ao qual se destina (MENEGALDO; BORTOLETO, 2020). O trabalho grupal é o que caracteriza a GPT, pois é por meio da interação pessoal que o conhecimento é construído e que as experiências são compartilhadas (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016).

De acordo com a Federação Internacional de Ginástica (FIG), órgão que a criou, reconheceu e renomeou, a GPT é uma prática que oferece uma variedade de atividades adequadas para todos os gêneros, grupos etários, habilidades e experiências culturais. Ela contribui para a saúde pessoal, o condicionamento e o bem-estar – físico, social, intelectual e psicológico (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2019).

O isolamento social gerou novas demandas que se tornaram possibilidades virtuais. Segundo Meisner et al. (2020), os espaços de comunicação virtual, como chats de vídeo, ganharam destaque no contexto da pandemia e auxiliaram no controle dos níveis de depressão. As tecnologias digitais têm sido fortes aliadas no enfrentamento da solidão e do isolamento social, e uma alternativa à forma como a atividade física era praticada, uma vez que, durante a pandemia, os vários locais de prática estavam fechados. De acordo com os principais guias de orientação, a atividade física on-line é uma estratégia para manter pessoas idosas fisicamente ativas (OMS, 2020), além de proporcionar um espaço de interação social contribuindo para a saúde mental do grupo.

Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo apresentar as estratégias metodológicas das aulas on-line desenvolvidas durante o período de isolamento social com o grupo GPT – Idosos do Sesc Belenzinho.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois visa a descrição, compreensão e interpretação do fenômeno em estudo (GODOY, 2005). Tem capacidade de descrever em profundidade e procura compreender as experiências vividas no cotidiano. Como instrumento utilizamos um questionário com perguntas abertas, em que o sujeito responde livremente usando linguagem própria. Marconi e Lakatos (2003) definem um questionário como sendo um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador, possibilitando respostas mais ricas e variadas.

A amostra deste estudo foi composta de 18 alunos com média etária de 75 anos, praticantes de GPT – Idosos na unidade do Sesc Belenzinho, cidade de São Paulo. Com a paralisação das aulas presenciais, surgiu a necessidade do seu desenvolvimento de forma on-line, no qual além dos conteúdos da GPT, atividades intelectuais e sociais foram inseridas como forma de amenizar os efeitos do isolamento social, visto que muitos alunos relataram morar sozinhos. As aulas tiveram início em março de 2020 e foram mantidas até outubro de 2021, data em que os alunos retornaram às atividades presenciais.

No início do programa de aulas on-line, a grande maioria dos alunos apresentava dificuldades no uso das tecnologias e, para possibilitar o acesso por maior parte do grupo, foram enviados tutoriais ensinando como utilizar o WhatsApp, filmar, realizar videochamadas e se conectar ao aplicativo Zoom. A didática escolhida para o momento teve como objetivo proporcionar o desenvolvimento físico, possibilitar a socialização e a inclusão das pessoas idosas de uma forma mais ampla. Para isso, o planejamento das aulas foi dividido em atividades físicas, atividades reflexivas, atividades criativas e atividades em vídeo, possibilitando aprofundar o conhecimento da modalidade, seja no contexto histórico, na promoção de debates e na qualidade de vida através de temas transversais que fizessem o aluno refletir e se desenvolver integralmente.



A prática de atividade física regular é fundamental para prevenir e controlar diversas doenças crônicas, promovendo também melhora significativa nos sintomas de depressão e ansiedade, e também a melhora da memória e saúde mental durante o envelhecimento.

Artigo 5

Promoção do Bem-Estar para Pessoas Idosas no

Grupo de Ginástica para Todos (GPT)

Durante a Pandemia: Metodologia, Estratégias e Resultados

Tabela 1 – Conteúdo das atividades

Físicas	Reflexivas	Criativas	Vídeo
Abdominal/Core	Amigo secreto virtual	Biofilia	Aprender a filmar
Amplitude articular	Atividade intergeracional	Composições coreográficas	Assistir a lives sobre AF
Automassagem	Áudio meditativo	Confecção de materiais	Como usar o Zoom
Caminhada coletiva	Caça-palavras sobre GPT	Fotos criativas da GPT	Coreografias on-line
Circo	Competências socioemocionais	Livro de receitas FIT	Dia do Desafio
Coordenação motora	Dia da Família	Oficinas	Festival virtual de GPT
Danças	Isolamento social	Origami coletivo	Filmes sobre envelhecimento
Elementos ginásticos	Mapa antiquedas	Personalidade do traço	Filmes sobre ginástica
Equilíbrio	Música que mais gosta		Gymnaestrada
Expressão corporal	Nível de atividade física		Processo coreográfico
Flexibilidade	Palavras- cruzadas sobre saúde		Semana de Prevenção de Quedas
Força	Quiz sobre GPT		Sarau virtual I
Ginástica aeróbica	Quiz sobre saúde		Sarau virtual II
Ginástica artística			
Ginástica rítmica			
Manifestação popular			
Meditação			
Musicalidade			
Yoga			

O planejamento das aulas foi construído de maneira participativa através da escuta dos alunos e das suas expectativas, sempre levando em consideração a complexidade do momento e do contexto pandêmico. Os temas apresentados foram de encontro às necessidades e características do grupo, além de estarem pautados nas diretrizes da FIG, nos princípios que direcionam a prática da GPT (*fun, friendship, fitness e fundamentals*), nos seus conteúdos e no documento norteador do PSE que usa o esporte como fator de desenvolvimento humano respeitando cinco princípios básicos: inclusão, construção coletiva, diversidade, educação integral e autonomia.

Para a realização das aulas foram utilizados recursos tecnológicos pessoais (celular e notebook) e os aplicativos WhatsApp e Zoom, sendo um recurso para ampliar o acesso e a participação dos idosos. As atividades foram enviadas através dos aplicativos duas vezes por semana, além de haver encontros virtuais síncronos realizados semanalmente. Durante a realização de cada ação, os alunos foram incumbidos de tirar fotos e fazer vídeos das práticas. Logo após, respondiam a alguns questionamentos como forma de avaliação sobre a atividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aderência às atividades propostas durante a pandemia foi bastante significativa, já que participaram 75% do grupo. No decorrer das aulas, foi nítido o progresso na demonstração de engajamento nas atividades.

Os programas de atividades físicas que podem ser realizados em casa são considerados eficientes, de fácil acesso e seguros, e quando executados de forma adequada, de acordo com cada indivíduo, podem promover aptidões físicas direcionadas à saúde e às habilidades, o que impacta de forma positiva na funcionalidade e na qualidade de vida (MATIAS, et al., 2018; SOUZA, et al., 2019).

Segundo Wang (2020), com o fechamento momentâneo de locais específicos para a prática de exercício físico, as pessoas necessitaram se adaptar a esta nova realidade e limitar suas atividades ao seu ambiente domiciliar, interferindo nos fatores motivacionais para a prática. Para McDonough et al. (2021), as mudanças geradas pela pandemia também acarretaram o surgimento de novas barreiras para a participação das pessoas idosas em programas de exercícios físicos.

A utilização das tecnologias durante o contexto da pandemia demonstra um cuidado com a saúde no envelhecimento, proporcionando atividades que concedem autonomia e melhorias no cotidiano

Artigo 5

Promoção do Bem-Estar para Pessoas Idosas no
Grupo de Ginástica para Todos (GPT)
Durante a Pandemia: Metodologia, Estratégias e Resultados

de pessoas idosas (SOARES, et al., 2021). Por isso, o foco foi trabalhar com diferentes tipos de atividades, sendo elas: **físicas, reflexivas, criativas e com vídeo**.

Atividade Física – As pessoas idosas beneficiam-se de uma forma geral, especialmente com exercícios para melhoria da postura, mobilidade e eutonização da musculatura, respiração e resistência, aumento dos reflexos, da coordenação e equilíbrio. Com o advento da pandemia de covid-19, programas de exercícios domiciliares no formato on-line, com essas características, trazem estratégias para a redução das perdas de aptidão física e inatividade das pessoas idosas (CHAABENE et al., 2021).

De acordo com os principais guias de orientação, o exercício físico (atividade física regular, planejada e supervisionada) on-line é uma estratégia para manter as pessoas idosas fisicamente ativas. A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020) indica a realização de exercício físico on-line, assim como o Colégio Americano de Medicina Esportiva (ACSM, 2020).

Corroborando com essa ideia, um estudo apresentou os benefícios de se manter ou elevar o nível de atividade física durante a pandemia de covid-19, destacando o controle do risco cardiovascular, a manutenção da capacidade física e funcionalidade, a atenuação de sintomas e distúrbios mentais e o aumento da qualidade de vida geral (PINTO, DUNSTAN, OWEN, BONFÁ & GUALANO, 2020). Por isso a necessidade de apresentar diferentes tipos de exercícios físicos, sempre de forma prazerosa e com o propósito de estimular o sistema neuromotor.

Atividades Reflexivas – possibilita a descoberta de novas habilidades, aumentando a percepção de si mesmo, para que reconheça e utilize suas habilidades (emocional, cognitiva e comportamental). Os exercícios cognitivos para as pessoas idosas são responsáveis por estimular as atividades mentais do cérebro, como a atenção, memória, linguagem e percepção, reduzir os impactos das doenças mentais, melhorar o controle emocional e promover um impacto positivo psicologicamente.

O declínio cognitivo ocorre como um aspecto normal do envelhecimento. Segundo estudos, declínios nas habilidades cognitivas de idosos levam a um aumento no risco de dificuldades no desempenho de atividades instrumentais de vida diária (STUCK, 1999; ROYALL, 2005). Esta redução pode comprometer o desempenho noutros domínios cognitivos, tais como exercer uma influência negativa nas competências sociais que dependem da capacidade de comunicação e interação com os outros. Por isso, o estímulo à realização de exercícios mentais e físicos está intrinsecamente relacionado à longevidade e à qualidade de vida.

Pesquisas sobre intervenções cognitivas apontam que o treino cognitivo pode aumentar as habilidades cognitivas de idosos normais (WILLIS, 2006). A implementação de estratégias de preservação ou promoção de uma boa função cognitiva no envelhecimento deverão ser assumidas como uma prioridade.

Atividades Criativas – estimulam a imaginação, o pensamento lateral, o surgimento de novas ideias, a capacidade de ser flexível e encontrar novas alternativas para um mesmo problema. Pouco se fala sobre a importância da criatividade para o idoso. Através da arte, o idoso é convidado a se expressar e a perceber lembranças e desejos, colocando suas habilidades em prática. No entanto, para desenvolver a criatividade e aprender algo novo na velhice é fundamental que a pessoa encontre satisfação e, principalmente, o sentido de autorrealização e protagonismo.

De acordo com Godoy (1996), a criatividade se manifesta em todas as áreas da atividade humana, entre elas as relações interpessoais, o desempenho no trabalho, a participação social, a busca espiritual e a educação. Relatos sobre o desempenho criativo na meia-idade e velhice são encontrados na literatura internacional, bem como sua relação com saúde mental e satisfação com a vida (AADLANDSVIK, 2007). Procura-se, então, promover o engajamento em uma atividade que estimule a criatividade e ative os sentimentos positivos. Estudos confirmam a ligação entre expressão criativa e bem-estar geral. As pessoas reduzem seu estresse quando têm alguma forma de dar vazão à sua criatividade.

Yassuda e Silva (2010) encontraram relação entre o desempenho cognitivo, o humor e a satisfação com a vida para pessoas idosas participantes de programas de terceira idade. Como consequência dessas atividades, ocorre melhora na comunicação, no relacionamento com os outros, na articulação, na emoção e no pensamento.

Atividades com Vídeo – importante ferramenta para favorecer a expressão e comunicação no grupo. É fundamental incentivar as pessoas idosas a praticarem atividades que exijam mais de sua capacidade intelectual, preservando e melhorando suas funções cerebrais, seja para aprender, se desenvolver e/ou refletir sobre um tema relevante. Os alunos puderam assistir a vídeos sobre a modalidade GPT e seus conteúdos, vídeos institucionais que trouxeram mensagens e dicas de segurança, atividade física e autocuidado para pessoas idosas, tutoriais em que aprenderam a filmar e gravar vídeos, além de participarem de videochamadas em grupo.

Artigo 5

Promoção do Bem-Estar para Pessoas Idosas no
Grupo de Ginástica para Todos (GPT)
Durante a Pandemia: Metodologia, Estratégias e Resultados

PREVITALI et al. (2020) apontam que o acesso à tecnologia, bem como à alfabetização digital, demonstrou ser um elemento-chave na capacidade de lidar com os desafios impostos pela quarentena. Através da internet torna-se mais fácil manter os contatos sociais, ter acesso a uma série de serviços a distância e a informações atualizadas, um aspecto essencial nos dias atuais. As tecnologias digitais têm sido fortes aliadas no enfrentamento da solidão e do isolamento social, além de trazerem recursos para ampliar o acesso e a participação das pessoas idosas. Mesmo sendo uma ferramenta didática bastante nova para os idosos, CAMACHO (2020) destaca que esse recurso deve ser apresentado como um meio de troca de conhecimento, manutenção e facilitação do contato com o meio externo em uma época de pandemia.

Mesmo com todas as vantagens apresentadas Santos et al. (2020) destacam dificuldades de acesso devido ao custo e à dificuldade na manipulação da ferramenta. Estudos sugerem que as redes sociais e videoconferências ao vivo, individualmente ou em grupo, têm se revelado promissoras para mitigar os efeitos negativos do distanciamento social (COHEN-MANSFIELD et al., 2021; SCHWARTZ et al., 2021).

Conforme recomendações da Fundação Oswaldo Cruz (2020), ressalta-se a importância de manter a qualidade das relações já estabelecidas como forma de minimizar os efeitos do isolamento social devido à pandemia. Nesse momento, o suporte familiar e o apoio de amigos próximos podem auxiliar na manutenção do bem-estar psicológico e mental, mesmo na não presença. É preciso reforçar que os laços sociais são essenciais para incentivar os idosos a realizarem e permanecerem na atividade física (ZHONG, CHEN, TU & CONWELL, 2017), sendo indicado como um dos principais fatores de adesão à atividade física por pessoas idosas (HAUSER, GONÇALVES, MARTINS & BLES-MANN, 2014; RIBEIRO et al., 2012). A tecnologia não é uma realidade para muitos idosos, porém, com um processo de educação, é possível ensinar como processar novas informações e conhecimentos para o uso de programas e aplicativos durante as aulas.

Todas essas atividades, através da troca de experiências e orientações para uma atuação crítica e transformadora, podem ser muito importantes para manter o corpo e a mente saudáveis no processo de envelhecimento.

A seguir, alguns relatos dos alunos sobre as atividades:

“Hoje caprichei nos exercícios. Tenho dificuldade em alguns, mas a cada dia que passa eu sinto mais facilidade. A verdade é que vocês passam muita segurança para a gente. Agradeço a vocês por aliviarem este isolamento com dedicação e amor.” (Ida Batista, 82 anos)

“Ensinaamentos, incentivo e coragem para passar pela pandemia com menos estresse. Vocês nos animam em todas as fases da nossa vida.” (Rachel Filippini, 79 anos)

“Não tenho palavras para expressar a minha gratidão. Não sei o que seria de mim se vocês não aparecessem no meu caminho. Descobri tanta coisa a meu respeito que nunca havia pensado. Vocês não imaginam o bem que me fazem.” (Nilda Ribeiro, 78 anos)

“Tudo muito bom, desde a ideia, a organização, tudo. Nós fomos apenas pecinhas que vocês juntaram para criarem estes momentos tão lindos. Foi uma terapia maravilhosa. Me esforcei muito mesmo e me ocupei todos estes dias. Todos nós temos nossas histórias de vida, e com certeza hoje estamos sendo profundamente acarinhadas e respeitadas. Cada um de nós tem motivos para agradecer profundamente esse carinho. Tenho muito respeito por esse trabalho de vocês.” (Josefa Fernandes, 73 anos)

“Não deixo de fazer meus exercícios. Corro uma hora todos os dias. Temos que cuidar da nossa saúde para quando tudo isso acabar, voltarmos firmes e fortes.” (Neusa Martiena, 72 anos)

“Tive a oportunidade de fazer diversas reflexões e experimentar coisas que me desafiaram o físico e a mente. Encontramos vocês que enfaticamente dizem que podemos fazer tudo, nos corrigem de forma gentil e positiva, reafirmando em momentos oportunos ‘vocês são capazes, se esforcem, vocês podem muito mais’. Ouvir isso é muito mais do que um incentivo em vencer uma dificuldade momentânea, é mexer com a autoestima e reeducar, é a ressignificação de uma linda fase da vida. Vocês fazem a diferença na vida da gente.” (Wanderley Andrade, 66 anos)

“A companhia de vocês nas atividades para mim é uma necessidade. Que alegria fazer parte disso tudo, tendo vocês como nossas incentivadoras. Caprichei ao máximo, dentro das minhas capacidades.” (Rosa Batista, 82 anos)

“Grata por nos proporcionar esses momentos únicos. Vocês são responsáveis por toda alegria e entrosamento do nosso grupo. É uma benção fazer parte disso tudo.” (Neusa Morgado, 74 anos)

“Gostei muito de fazer os exercícios. Obrigada pelo incentivo. Fiz a caminhada por 20 minutos. O meu filho marcou o tempo para mim.”
(Nina Lima, 78 anos)

“Que sorte fazermos parte desse grupo e termos pessoas tão dedicadas e carinhosas como vocês. Gratidão.” (Maísa Gaspar, 60 anos)

“Realmente a pandemia serviu não só para nos aproximar, mas como um aprendizado através de vocês. Quanto ao uso e a exploração dos aplicativos do celular, hoje todos já conseguem fazer filmagens. Antes do recolhimento, muitos não tinham essa habilidade. Vocês foram além da ginástica e merecem nosso reconhecimento e carinho. Vocês estão abrindo horizontes na nossa vida.” (Suzete Pomar, 71 anos)

CONCLUSÃO

Conclui-se que as atividades repercutiram de forma positiva no bem-estar integral das pessoas idosas durante o período de isolamento social. Muitos foram os impactos na vida desses indivíduos durante esse momento em que sentimentos como solidão, estresse, ansiedade, tristeza, depressão, entre outros transtornos, tendem a ser despertados, além da redução nos níveis de atividade física, trazendo um alerta para o agravamento de doenças crônicas, diminuição da capacidade funcional e consequentemente impactando negativamente na qualidade de vida.

Fazem-se necessárias medidas de atuação para a saúde das pessoas idosas durante o período pandêmico, fornecendo opções para a promoção do bem-estar, possibilidades de interação social e auxílio socioafetivo. O uso das tecnologias tornou-se grande aliado nesse contexto.

Através dos depoimentos coletados ao longo do programa, participar das aulas on-line possibilitou que o isolamento social se tornasse mais ativo, e também promoveu maior interação social, tornando-se uma rede de apoio em que foi possível dividir angústias e incertezas. Manter o grupo ativo proporcionou a conexão com atividades que já eram rotineiras antes da pandemia, além de possibilitar a manutenção da capacidade funcional dos idosos, contribuindo para sua autonomia e saúde. Durante o desenvolvimento das aulas tivemos uma constante necessidade de adaptação, porém os alunos se demonstraram realizados ao se familiarizarem com novas tecnologias.

A avaliação dos alunos foi positiva, considerando os relatos de benefícios importantes para a manutenção do bem-estar, interação social, saúde física e mental, além de manter o grupo unido e engajado até que o retorno presencial fosse possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AADLANDSVIK, R. Education, poetry, and the process of growing old. *Educational Gerontology*, n. 33(8) p. 665-678, 2007.
- AMERICAN COLLEGE OF SPORT MEDICINE. *Staying physically active during the Covid-19 Pandemic*, 2020. Disponível em: <https://www.acsm.org/readresearch/newsroom/newsreleases/newsdetail/2020/03/16/staying-physically-active-during-covid-19-pandemic>. Acesso em: 3 fev. 2022.
- CAMACHO, A. C. L. F.; THIMOTEO, R. S.; SOUZA, V. M. F. Tecnologia da informação ao idoso em tempos de covid-19. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 6, p. e124963497, 2020.
- CHAABENE, H. H.; PRIESKE, O.; HERZ, M.; MORAN, J.; HOHNE, J.; KLIEGL, R.; RAMIREZ-CAMPILLO, R.; BEHM, D. G.; HORTOBAGYI, T.; GRANACHER U. Home-based exercise programmes improve physical fitness of healthy older adults: a PRISMA-compliant systematic review and meta-analysis with relevance for Covid-19, 2021. *Ageing Res. Rev.*, v. 67, May 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33571702/>. Acesso em: 3 fev. 2022.
- COHEN-MANSFIELD, J.; MUFF, A.; MESCHIANY, G.; LEV-ARI, S. Adequacy of web-based activities as a substitute for In-person activities for older persons during the COVID-19 pandemic: survey study. *J. Med. Internet. Res.*, 23(1), 2021. Acesso em: 3 fev. 2021.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. *Gymnastics for all regulations manual*: 2019 edition. Disponível em: http://fedecolgin.co/gpt/en_Gymnastics%20for%20All%20Manual,%20Edition%202019.pdf. Acesso em: 21 mar. 2022.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia de covid-19*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.
- GODOY, M. de F. G. *Criatividade e integração vital com idosos* (Dissertação de mestrado) Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 1996.
- GODOY, A. S. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. *GESTÃO. Org. – Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, Recife, v. 3, n. 2, p. 80-89. jan.-abr. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21573/18267>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- HAUSER, E.; GONÇALVES, A. K.; MARTINS, V. F.; BLESSMANN, E. J. Motivos de desistência em um programa de atividades físicas para idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 43-56, jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/21256>. Acesso em: 16 abr. 2022.

Artigo 5

Promoção do Bem-Estar para Pessoas Idosas no
 Grupo de Ginástica para Todos (GPT)
 Durante a Pandemia: Metodologia, Estratégias e Resultados

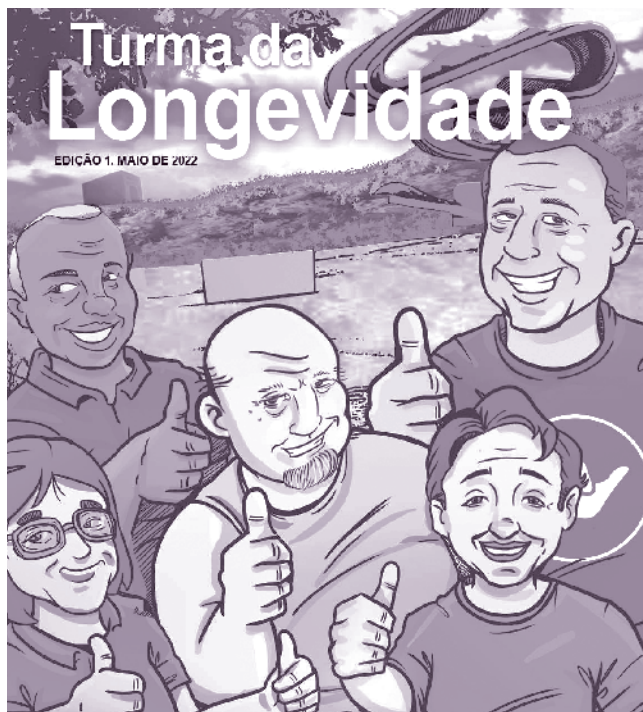
- MCDONOUGH, D. J. et al. Effects of a remote, YouTube-delivered exercise intervention on young adults' physical activity, sedentary behavior, and sleep during the COVID-19 pandemic: randomized controlled trial. *Journal of Sport and Health Science*, 2021. Disponível em: <https://search.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/en/covidwho-1327087>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MATIAS, G. H. L. et al. Repetibilidade e reprodutibilidade de um manual de exercícios físicos domiciliares. *Fisioterapia Pesquisa*, São Paulo, v. 25, p. 209-16, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fp/a/rtX8xdgQgVMQQZ5c9WrFSBs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2021.
- MATTOS, S. M. et al. Recomendações de atividade física e exercício físico durante a pandemia covid-19: revisão de escopo sobre publicações no Brasil. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, v. 25, p. 1-12, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349349748_Recomendacoes_de_atividade_fisica_e_exercicio_fisico_durante_a_pandemia_Covid19_revisao_de_escopo_sobre_publicacoes_no_Brasil. Acesso em: 16 mar. 2022.
- MEISNER, B. et al. Interdisciplinary and collaborative approaches needed to determine impact of COVID-19 on older adults and aging: CAG/ACG and CJA/RCV Joint Statement. *Canadian Journal on Aging / La Revue Canadienne Du Vieillissement*, v. 39, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32408910/>. Acesso: 2 fev. 2022.
- MENEC, V. H.; NEWALL, N. E.; MACKENZIE, C. S.; SHOOSHTARI, S.; NOWICKI, S. Examining social isolation and loneliness in combination in relation to social support and psychological distress using Canadian Longitudinal Study of Aging (CLSA) data. *PloS One*, 2020;15(3):e0230673. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0230673>. Acesso em: 30 mai. 2022.
- MENEGALDO, F. R.; BORTOLETO, M. A. C. Ginástica para todos e coletividade: nos meandros da literatura científica. *Motrivência*, v. 32, n. 61, p. 1-17, jan.-mar., 2020.
- PINTO, A. J. et al. Combating physical inactivity during the COVID-19 pandemic. *Nature Reviews Rheumatology*, 1-2. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41584-020-0427-z>. Acesso em: 22 mai. 2022.
- PREVITALI, F.; ALLEN, L. D.; VARLAMOVA, M. Not only virus spread: the diffusion of ageism during the outbreak of COVID-19. *J Aging Soc Policy*, 2020;32(4-5):506-14.
- RIBEIRO, J. A. B. et al. Adesão de idosos a programas de atividade física: motivação e significância. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 34, n. 4, p. 969-984, out.-dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v34n4/v34n4a12.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2022.
- ROYALL, D. R.; PALMER, R.; CHIODO, L. K.; POLK, M. J. Normal rates of cognitive change in successful aging: the freedom house study. *J International Neuropsychol Soc*. 2005; 11:899-909.

- SANTOS JUNIOR, V. B.; MONTEIRO, J. C. S. Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. *Revista Encantar Educação, Cultura e Sociedade*, v. 2, p. 1-15, 2020.
- SCHWARTZ, H.; HAR-NIR, I.; WENHODA, T.; HALPERIN, I. Staying physically active during the COVID-19 quarantine: exploring the feasibility of live, online, group training sessions among older adults. *Translational Behavioral Medicine*, 11(2), 314-322, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348520596_Staying_physically_active_during_the_COVID-19_quarantine_Exploring_the_feasibility_of_live_online_group_training_sessions_among_older_adults. Acesso em: 16 jun. 2022.
- SOARES, S. M. et al. Tecnologias digitais no apoio ao cuidado aos idosos em tempos da pandemia da COVID-19. In: *Enfermagem gerontológica no cuidado do idoso em tempos da covid-19*. 171 p. (Enfermagem e Pandemias, 5). Brasília, DF: Editora ABen, 2021.
- STUCK, A. E. et al. Risk factors for functional status decline in community-living elderly people: a systematic literature review. *Soc. Sci. Med.*, 1999;48(4):445-69, 6.
- TOLEDO, E.; TSUKAMOTO, M. H. C.; CARBINATTO, M. V. Fundamentos da ginástica para todos. In: NUNOMURA, Myrian (org.). *Fundamentos das ginásticas*. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, p. 21-48, 2016.
- WANG, X. et al. Bidirectional influence of the COVID-19 pandemic lockdowns on health behaviors and quality of life among Chinese adults. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2020; 17 (15).
- WILLIS, S. L. et al. Long-term effects of cognitive training on everyday functional outcomes in older adults. *Jama*, 2006; 296(23):2.805-14.
- WONG, S. Y. S. et al. Impact of COVID-19 on loneliness, mental health, and health service utilization: a prospective cohort study of older adults with multimorbidity in primary care. *British Journal of General Practice*, v. 70, n. 700, p. 817-824, 2020. Disponível em: <https://bjgp.org/content/70/700/e817.short>. Acesso em: 4 mar. 2022.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Stay physically active during self-quarantine*, 2020. Disponível em: <http://www.euro.who.int/en/health-topics/health-emergencies/coronavirusCovid19/technical-guidance/stay-physically-active-during-self-quarantine>. Acesso em: 3 fev. 2022.
- YASSUDA, M. S.; SILVA, H. S. Participação em programas para a terceira idade: impacto sobre a cognição, humor e satisfação com a vida. *Estudos de Psicologia*, 27(2), 207-214, 2010.
- ZHONG, B. L.; CHEN, S. L.; TU, X.; CONWELL, Y. Loneliness and cognitive function in older adults: Findings from the Chinese longitudinal healthy longevity survey. *The Journals of Gerontology*, series B, 72(1), 120-128, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27013536>. Acesso em: 12 mar. 2020.



PAINEL DA LONGEVIDADE

Rede Educativa para a Longevidade – Gibi *Turma da Longevidade*



Ana Bianca Flores Ciarlini

Formada em licenciatura plena em dança, especialista em gestão pública para a longevidade e pós-graduada em gestão pública. Foi coordenadora do idoso de 2017 a 2021 e, desde dezembro de 2021, é coordenadora de Políticas para a Longevidade no município de Santos, São Paulo.

Fábio Tatsubô

Produtor de histórias em quadrinhos desde 1999. Especializou-se em quadrinhos históricos e institucionais, publicando em diversas campanhas educativas, tais como erradicação do trabalho infantil e combate à exploração sexual infantojuvenil, entre outros temas. Premiado em 2000 com o Troféu HQ MIX – 500 Anos de Brasil em Quadrinhos e com dois Prêmios Angelo Agostini em 2016 e 2018.

O cenário mundial sobre o envelhecimento foi constatado na 2ª Assembleia Mundial da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada no ano de 2002, em Madri. Este evento foi considerado um marco político em resposta à revolução da longevidade, apresentou o conceito do envelhecimento ativo e elaborou um Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento.

No Brasil, a população idosa representa uma parcela de aproximadamente 18% dos habitantes, ultrapassando os 37 milhões. Porém, Santos possuiu um diferencial: os idosos representam aproximadamente 25% da população, superam o número de 100 mil, e os 60+ (idosos) ultrapassaram os adolescentes e crianças desde 2007, o que deverá ser a realidade do país somente em 2030.

A Política Pública para a Longevidade é fundamentada nas referências dispostas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Constituição da República do Brasil, na Política do Idoso, no Estatuto do Idoso, na Lei Orgânica da Assistência Social (Loas, Lei 8.742/19) e no conceito do envelhecimento ativo, idealizado e desenvolvido pelo dr. Alexandre Kalache à época em que dirigia a Unidade de Envelhecimento e Curso de Vida da Organização Mundial de Saúde (OMS).

A cidade de Santos possui uma política de atenção integral à pessoa idosa com várias ações e programas instalados em suas secretarias, coordenadas pela Secretaria de Governo (Segov), através da Coordenadora Municipal de Políticas para a Longevidade.

Santos é considerada a melhor cidade para o idoso viver por uma série de fatores: geografia, estrutura de saúde, projetos específicos para os idosos com atendimento domiciliar, com ambulatorios especializados, Vila Criativa Sênior com cursos e oficinas. A cidade oferece cursos de formação de cuidadores de idosos, além de ter criado o Conselho Municipal do Idoso e o Fundo Municipal do Idoso.

QUAL É O OBJETIVO DA REDE EDUCATIVA PARA A LONGEVIDADE?

Tem o objetivo de preparar a sociedade através da educação para a implantação de uma política pública para a longevidade, levando os conceitos revolução da longevidade e envelhecimento ativo para a rede pública de ensino, evidenciando o bem-estar biopsicossocial não só do idoso, mas de todas as faixas etárias, de forma intergeracional, focando na longevidade com qualidade de vida. Prioriza o protagonismo do idoso ativo e o cuidado e a proteção do idoso vulnerável para impactar a base familiar e a sociedade.

Em 2019, apresentamos um projeto-piloto com a temática da longevidade para a Secretaria de Educação do município de Santos, que foi aplicado em uma escola da rede municipal. Devido à grande repercussão positiva, trabalhamos na ampliação do projeto e na criação de um roteiro para levá-lo para todas as escolas, e assim surgiu o programa Rede Educativa para a Longevidade.

Em 3 de dezembro de 2021, no Paço Municipal de Santos, foram lançados o programa Rede Educativa para a Longevidade e o material didático em formato de gibi *Turma da Longevidade*, assim como a mudança da nomenclatura de Coordenadoria do Idoso para Coordenadoria de Políticas para a Longevidade, pois, a partir deste momento, a gestão pública de Santos renova o seu olhar sobre o envelhecer, entendendo que a política deverá ser ampliada e focada em todo o percurso de vida.

COMO SERÁ A IMPLANTAÇÃO DA REDE?

A Rede Educativa para a Longevidade, em 2022, será implantada em 30 escolas da rede municipal de ensino de Santos com a participação de 42 grêmios estudantis, atingindo um total de aproximadamente 12 mil alunos. Os professores das escolas municipais envolvidos no programa participarão de atividades e receberão materiais didáticos com a temática longevidade, tais como: palestras interativas, vídeos informativos e os gibis *Turma da Longevidade*.



“A arte e todas as suas diversificadas formas de expressão sempre foram as condutoras e fontes de inspiração para os meus trabalhos em diferentes fases da minha vida, onde pude materializar as minhas experiências profissionais de forma biopsicossocial e comecei a desenvolver um trabalho intergeracional por entender a importância que cada idade representa no percurso de vida do ser humano.”

Ana Bianca Ciarlini



Ficha Técnica do Gibi Turma da Longevidade

Idealização: Ana Bianca Flores Ciarlini – Coordenadoria Municipal de Políticas para a Longevidade – Segov • Articulação: Suzete Faustina dos Santos – Segov • Argumento e projeto gráfico: Fábio Tatzubô • Roteiro: Ana Bianca Flores Ciarlini – Segov e Fábio Tatzubô. Revisão: Alinimar dos Santos – Dicom/ Segov • Desenho: Helton Soares e Cacá Marszolek • Arte final: Cacá Marszolek • Cores: Aline Martins, Helton Soares e Edu P. Silva • Flat: Andressa Soares/Allan Massola (Caricatoon/RC Studio).

As escolas devolverão o conhecimento assimilado sobre a longevidade por meio de manifestações artísticas realizadas pelos alunos e família, que serão expostas ao público em uma plataforma digital para que sejam escolhidos os trabalhos mais acessados.

COMO SURTIU A IDEIA DO GIBI TURMA DA LONGEVIDADE?

A materialização do gibi *Turma da Longevidade* surgiu quando tivemos a ideia de que fosse narrada a história de cinco amigos em todo seu percurso de vida. Inspirados em características de personagens santistas, eles têm por volta de 70 anos, são seniores ativos, protagonistas da sociedade e da família e fazem parte da geração *baby boomers*, que são os nascidos até 20 anos após a Segunda Guerra Mundial. Os nomes de alguns deles referenciam personalidades históricas santistas como Pagu (Patrícia Galvão) e Bonifácio (José Bonifácio), a fim de enaltecer a cultura da cidade de Santos.

Levamos a ideia para Suzete Faustina dos Santos, que foi a articuladora do processo até chegarmos ao Fábio Tatsubô. Criamos juntos o roteiro, ele cuidou da produção e assim nasceu o gibi *Turma da Longevidade*.

As reflexões durante a pesquisa foram uma imersão de como o perfil dos idosos mudou nas últimas décadas, questionamos: comoaremos envelhecer? Como essa geração de jovens vai lidar com seus pais quando eles não tiverem a mesma capacidade física e mental? Como o mundo vai estar preparado para esta grande população de idosos?

E para contar a história destes novos idosos, numa cidade como Santos, onde nascemos, crescemos e trabalhamos, buscamos retratar pessoas que existem: a senhora japonesa que participa da Escola de Surfe, um amigo do movimento do rock, uma idosa que participou e lutou dentro dos conselhos para a melhoria dos serviços *públicos*, o proprietário da lanchonete onde almoçamos todos os dias e o pai de um amigo que tem a saúde comprometida e a família cuida com amor e dedicação. Para o jovem, nos inspiramos no filho do Fábio, que tanto ajuda a cuidar dos avós octogenários.

Com todos estes ingredientes nas mãos – cenários e personagens que existem – roteirizamos a partir dos princípios da amizade, fraternidade, companheirismo e empatia. Cinco amigos de infância se encontram mensalmente para visitar o amigo acamado, levam novidades, relembram boas memórias e interagem com o neto, mostrando os desafios desta geração e os cuidados que precisam ter para o futuro que se aproxima, afinal, o mais importante não é ter mais anos de vida, mas dar mais vida aos anos.

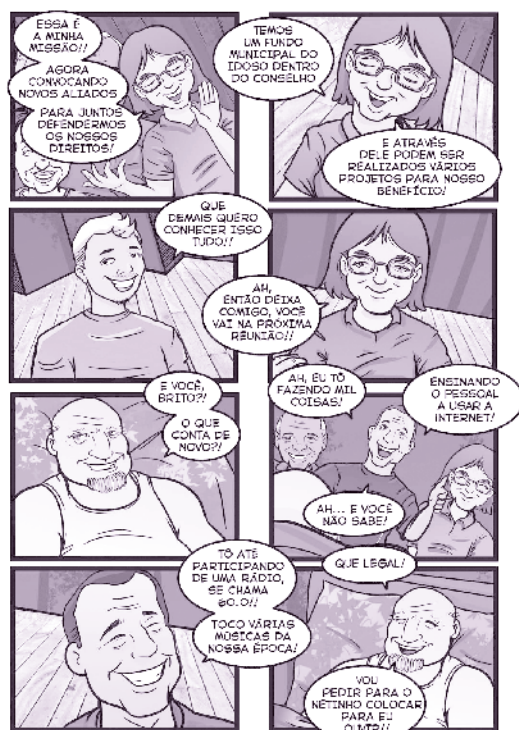


“A cidade de Santos possui uma política de atenção integral à pessoa idosa com várias ações e programas instalados em suas secretarias, coordenadas pela Secretaria de Governo (Segov), através da Coordenadora Municipal de Políticas para a Longevidade.”



“Sou filho de pais japoneses, de Okinawa. Segundo apontam, as pessoas que moram em Okinawa são as mais saudáveis e felizes do mundo, talvez pelo fato de terem um forte contato social e por se alimentarem muito bem. Na vila de Ogimi, por exemplo, 15 dos 3 mil aldeões têm mais de 100 anos e 171 têm mais de 90 anos.”

Fábio Tatsubô



Almanaque completo em:

https://www.santos.sp.gov.br/static/files_www/files/porta1_files/site/Conselhos/hq_turma_da_longevidade_final_revisado.pdf



ENTREVISTA GILBERTO NATALINI

“O envelhecimento no Brasil é muito rápido, mais rápido do que no resto do mundo. E as estruturas não estão preparadas para isso. Então, qual é nosso trabalho hoje? É prepararmos as cidades, as pessoas, a família, a sociedade para receber, e receber bem, e dar função a esses idosos que estão chegando... esse é o desafio.”



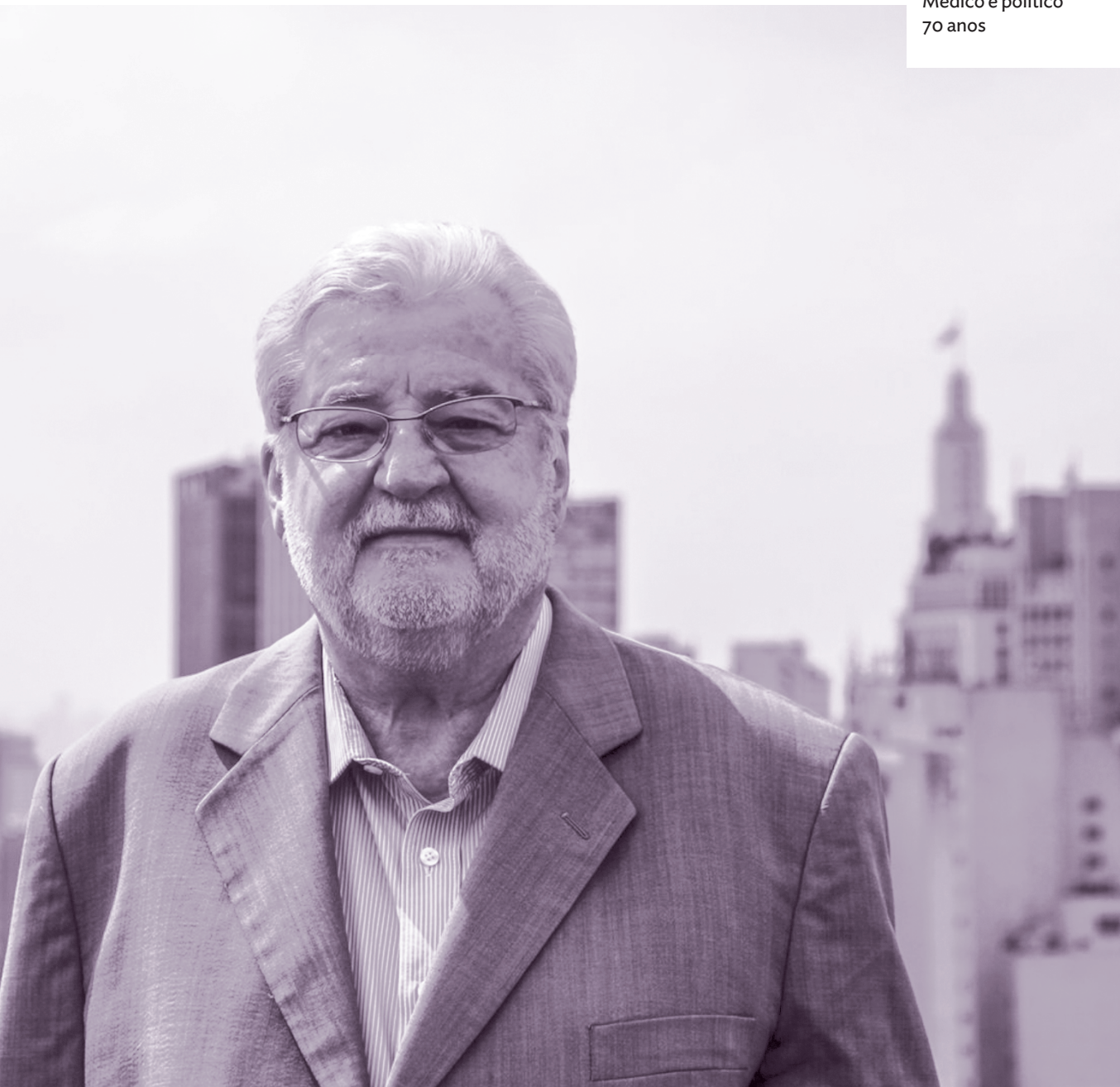
Gilberto Natalini nasceu no Rio de Janeiro. É formado em medicina e começou cedo na vida pública, engajando-se no movimento estudantil contra a ditadura militar. Aproximou-se das causas populares quando iniciou o atendimento médico voluntário que mantém em Cangaíba até hoje. Sempre colocou a política a favor da saúde e do meio ambiente. Como vereador, dedicou-se às causas das pessoas idosas e do envelhecimento ativo. Hoje em dia, Gilberto Natalini diz que não tem partido, e que a primeira bandeira da sua vida é a liberdade, a democracia.



RAIO-X

Gilberto Natalini

Médico e político
70 anos



FOTOS: ACERVO PESSOAL



Nenhum direito a menos para os idosos. Esse é o nosso lema e lutar para cumprir a legislação, para avançar. Construir um Brasil que possa receber os idosos com dignidade. Esse é o nosso trabalho.

MAIS 60: Natalini, a gente sempre começa a entrevista pedindo para a pessoa falar sobre suas origens, onde nasceu, família...

Natalini: Bom eu nasci em 1952, na cidade do Rio de Janeiro, quer dizer, sou carioca de nascimento. Meu pai chamava Urbano, minha mãe chamava Janete. Eu tenho dois irmãos, Gilson e Urbano Filho. Em 1985, casei com a Elizete e tenho dois filhos, Marina e Rafael. São meus filhos e já estão com trinta e poucos anos.

Meu pai era de São Paulo, ele era filho de um lavrador, de um camponês do café aqui do interior de São Paulo, e meu pai carregava boi de um lado para o outro, era boiadeiro. Ele foi ao estado do Rio, em Macaé, levar uma boiada e lá ele conheceu minha mãe, dona Janete, que era filha de um casal de libaneses, pequenos comerciantes ali, da serra macaense, Glicério.

MAIS 60: Que história interessante... então eles se casaram?

Natalini: Eles então se casaram, inicialmente vieram para São Paulo para trabalhar. Ai minha mãe engravidou e quando foi para eu nascer, eles vieram para o Rio. Depois, voltamos para São Paulo, viemos morar aqui em São Paulo, meu pai foi zelador de um prédio. Morei ali

até seis, sete anos e depois fomos embora para o estado do Rio. Ele foi trabalhar numa usina de açúcar lá em Campos dos Goitacazes, e ficamos lá até eu completar 15, 16 anos. Com 16 anos eu vim para São Paulo, para a casa do meu avô paterno, porque eu queria ser médico.

MAIS 60: E aí começa a sua busca para ser médico?

Natalini: Antes de completar 17 anos eu estava fazendo cursinho. Passei numa provinha que eles tinham que deu um desconto grande no curso. Aí, fiz o cursinho do Objetivo e o terceiro ano do colégio numa escola aqui no Bosque da Saúde, Conde José Vicente de Azevedo, e passei no vestibular. Estudei como um louco, sabe um louco? Como um maluco, dia e noite estudando sem parar, fim de semana também. Sabia-se muito mais aqui em São Paulo, os alunos tinham muito mais conhecimento, mas eu me esforcei. Passei, e passei na Escola Paulista de Medicina. Estudei com muita dificuldade, porque meu pai não tinha dinheiro, muita dificuldade. Comprar um livro era um sufoco. Até para sobreviver aqui em São Paulo, uma terra desconhecida.

MAIS 60: E como você conseguiu se manter?

Natalini: Eu logo consegui uma monitoria na

Farmacologia da Escola Paulista de Medicina. E como monitor, eu ganhava um salário e com aquele salário conseguia pagar as minhas despesas mínimas aqui como estudante. Depois fui para a monitoria de Patologia Clínica, na Escola Paulista, daí, no quarto ano, quinto ano, um plantãozinho, daqueles que acadêmico faz, consegui terminar o curso, prestei a residência médica, passei. Passei na Escola Paulista, passei no Servidor Municipal e passei no Iamspe¹. Eu ia fazer cirurgia e no Iamspe os residentes operavam demais, como aconteceu comigo. Daí, fiz dois anos de residência no Iamspe e saí para o mundo médico e para o mundo político social. Desde muito cedo que eu faço essa agitação psicomotora ((risos)) na área política e nunca mais parei.

MAIS 60: “Gilberto Natalini é médico. Vinculado ao SUS, atende pelo SUS, e terminará sua carreira profissional como médico do SUS.” Essa afirmação está no livro *Lutas sem Fim, 1970-2020*, que é um livro incrível sobre a sua vida. Por favor, fale sobre isso.

Natalini: Desde os cinco anos de idade eu dizia para todo mundo que eu queria ser médico. Lembro de uma vez que entrei em um ônibus, quando eu morava aqui na São João com meu pai, e tinha um guarda civil naquela época, aquela Guarda Civil que existia, de azul, né, olhei para o guarda e disse assim, eu tinha cinco, seis anos, e disse, “se um dia o senhor ficar doente, o senhor me procura porque eu vou ser médico”. ((risos)) Cinco anos, então, desde criancinha eu queria ser médico. Eu gostava de ser médico, lá

em Campos montei um laboratório de pesquisa, olha, eu pintava e bordava nessa coisa da medicina, nessa coisa científica. E aí, eu vim para cá, foi aquele susto enorme, entrei na Escola Paulista, na minha opinião, uma das melhores do Brasil.

MAIS 60: E como foi a partir da sua entrada na universidade?

Natalini: Eu fui preso várias vezes como estudante. Fiquei lá quase dois meses na mão do Ustra², que era torturador. Depois fui preso outras vezes, na luta para não privatizarem a Escola Paulista de Medicina, na luta pela liberdade dos centros acadêmicos. A gente viveu um período difícil do regime militar. E sempre lutei pela liberdade, pela democracia, junto a um grupo de amigos, de colegas de lá. Daí me formei, e decidi, desde os primeiros anos da faculdade, que eu seria médico de pobre. Eu queria tratar o povo pobre. Eu não queria me formar para ganhar dinheiro com pacientes ricos. E, para isso, eu ia ser médico do serviço público. Essa foi uma opção de vida. E assim foi. Eu me formei em dezembro de 1975, prestei vestibular para residência, passei, mas imediatamente juntei um grupo de 14 colegas médicos e estudantes dali para fazer um voluntariado médico na igreja Bom Jesus do Cangaíba. Em janeiro de 1976 nós entramos naquela igreja, no fundo daquela igreja, num pequeno ambulatório que tem lá. Eu vou lá há 47 anos.

MAIS 60: E você continua clinicando?

Natalini: Sim, tenho consultório. Eu montei um consultório em Santo Amaro para poder com-

¹ Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual, voltado para atender apenas funcionários públicos do estado de São Paulo.

² Carlos Alberto Brilhante Ustra foi chefe do DOI-Codi entre 1970 e 1974 – durante o auge da ditadura militar –, um órgão da repressão que prendeu ativistas e torturou diversos presos.

plementar, porque o sistema público, se você for viver dele somente é muito pouco. Eu trabalhei em vários hospitais do SUS aqui. Trabalhei no Regional Sul, trabalhei no Campo Limpo, em vários hospitais, em centros de saúde, atendi em prontos-socorros de bairros, a lista é enorme. E, claro, o salário do serviço público, não só para os médicos, mas para todos os profissionais, é pequeno. Em 1985 eu abri consultório aqui em Santo Amaro, onde atendo até hoje. Aposentei no serviço público, aposentei na prefeitura de São Paulo e tenho esse voluntariado lá que é o xodó da nossa vida e faz 47 anos que a gente vai lá atender de graça aquela população.

MAIS 60: Que trabalho lindo!

Natalini: Já foram 163 mil pessoas atendidas lá. Eu operei ali, no fundo daquela igreja, em torno de 3 mil pessoas. Eu uso meu tempo com quem precisa mais, quem tem como pagar os colegas atendem. Sou feliz assim. No meu consultório de Santo Amaro, para você ter uma ideia, 50% de quem eu atendo, atendo de graça, porque não tem como pagar, eu falo “deixa aí, depois Deus paga”. Tem um salário invisível aí, que a gente não sabe quanto é, que é salário de diretor de banco, que não entra como dinheiro, entra como felicidade.

MAIS 60: Natalini, por favor, conta pra gente como você começou sua carreira política.

Natalini: Minha carreira política e social, eu sempre coloco o social junto, para poder ampliar um pouco, eu comecei com 12 anos. Lá em Macaé, perto de Campos, eu tinha um tio, José Madeira, uma figura humana... Era paraplégico, muito inteligente, era de uma família rica, lá de Pernambuco e era do partido comunista. Ele era meu tio e meu padrinho inclusive, ele era um agitador. Era inconformado. Embora fosse

de uma família aristocrática, ele optou também por ajudar os camponeses pobres de Macaé. Eu andava na garupa dele e ele ia fazer as reuniões da Liga Camponesa, da reforma agrária, aquelas loucuras todas e ele me levava. Então, a gente ia por aqueles campos de Macaé fazendo as reuniões dele, na casa dele, em 1964, antes do golpe. Quando veio o golpe, ele foi preso várias vezes, torturado, e eu peguei aquele vírus da atividade social e política. Comecei e nunca mais parei. Fiz articulação no ginásio, no colégio, na faculdade, fundei a primeira Associação de Médicos Residentes no Brasil, fui o primeiro presidente e fomos para Cangaíba. O que nós fizemos em Cangaíba, no meu site tem um livro, Os Médicos de Cangaíba, que conta desse trabalho de assistência, mas principalmente de mobilização e educação popular em saúde.

MAIS 60: E, a partir disso, você não parou mais?

Natalini: Aí, eu nunca mais parei minha atividade. Bom, na prisão eu fui 17 vezes no regime militar. Eu dava trabalho para eles, eles tinham uma raiva de mim danada. Mas é porque a gente era contra aquilo, era a favor da liberdade, a favor da participação, a favor dos sindicatos livres, dos centros acadêmicos, eu era jovem, não tinha medo de nada. Depois vieram os movimentos da redemocratização, veio a luta pela anistia, o movimento contra a carestia, nós participamos de tudo isso, desde a década de 1970 até a Constituinte de 1988. Na luta pelas Diretas, eu mais um grupo aqui da zona sul mobilizamos 110 ônibus lotados de gente, e fomos para a Sé. Eu fui por algum tempo do Partido Comunista do Brasil, durante alguns anos. Aí, eu saí. Sou fundador do PSDB. Eu fiquei no PSDB mais de 30 anos. Em 2010, eu saí do PSDB e passei a ser militante do Partido Verde. Fiquei no Partido Verde até 2020 e saí. Saí numa boa, sem confusão, mas saí. Hoje,

eu não tenho partido. Hoje eu sou free lancer da agitação social e política do meu país.

MAIS 60: Você ficou cinco mandatos sucessivos como vereador de São Paulo?

Natalini: Cinco mandatos. Vou dizer para você, faço política por paixão. Para melhorar a vida dos outros. Uma vez, minha mãe perguntou “você que gosta tanto de medicina, os pacientes gostam tanto de você, por que você se mete com política?” e eu falei: “Minha mãe, na medicina eu opero um a um, eu operei 17 mil na minha carreira médica, eu opero um a um, mas na política, se eu acertar uma leizinha, posso melhorar a vida de milhões”. É no atacado, então se eu faço política é porque lá você consegue resolver o problema de uma multidão. Então ela entendeu. Ela falou: “É, você tem razão”.

MAIS 60: Você defendeu diversas pautas, principalmente da saúde e do meio ambiente, certo?

Natalini: Na verdade, a primeira bandeira de vida minha é a liberdade, a democracia. Essa é a bandeira-mãe, que eu carrego comigo. A democracia, só quem foi privado da liberdade sabe da importância que tem viver no regime da democracia, eu fui privado e sei disso. A democracia é a primeira bandeira. A segunda que eu tenho é a bandeira da saúde, porque sou médico e médico em atividade, como te falei. Foram 120 mil

atendimentos, de consultas, de pacientes e 17 mil pessoas que eu operei. Então, é uma multidão. Eu faço isso com muito carinho, entendeu? Eu me dedico muito. A política de saúde eu comecei em 1970 na Escola Paulista de Medicina para criar um sistema de saúde que atendesse o povo necessitado do Brasil. A gente conseguiu criar. O SUS é o grande plano de saúde do povo brasileiro e eu fui uma linha, um grãozinho de areia junto com toda aquela multidão de pessoas que ajudou a construir isso. Eu fui presidente do Cosems [Conselho de Secretários Municipais de Saúde] duas vezes em São Paulo e do Conasems [Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde], de 1997 a 2000. Fui secretário da saúde em Diadema e em São Lourenço.

MAIS 60: E sobre o meio ambiente?

Natalini: Na questão ambiental, desde muito cedo eu me envolvi, porque aprendi como estudante, médico, que a maioria dos agravos de saúde da vida de uma pessoa vêm do lugar em que ela mora ou dos hábitos de vida que ela tem. Essas duas coisas que fazem aparecer um câncer, aparecer um enfisema, entendeu? A pressão alta... Então, eu aprendi isso e vi que tinha que mexer com a questão ambiental. Hoje sou um ambientalista, procuro estudar, militar mais na causa. E, por último, uma bandeira que eu tenho e não largo nunca é a questão da moralidade pública. Eu sempre brinco, sou um carro velho,



Minha mãe, na medicina eu opero um a um, eu operei 17 mil na minha carreira médica, mas na política, se eu acertar uma leizinha, posso melhorar a vida de milhões.

rodado, o motor às vezes bate o pino na subida, mas não tem um arranhãozinho moral na lataria. A lataria é impecável como saiu da fábrica!

MAIS 60: Você é autor da lei que obriga a prefeitura a usar água de reúso para lavagem de feiras, parques e ruas, entre tantas outras leis. E essa lei vai ao encontro do objetivo de desenvolvimento sustentável para atingir a agenda de 2030 da ONU, não é?

Natalini: Vai. Essa lei minha é de 2004. E pegou. Eu perdi a conta. Eu contei até 2014 quantos litros de água potável a cidade economizava com a nossa lei. Eram muitos milhões de litros até 2014. Depois não contei mais, mas é uma quantidade monstruosa de metros cúbicos de água tratada que não é usada. Porque não é toda cidade do Brasil que usa água de reúso. São poucas. Então, essa lei foi a primeira que aconteceu, foi a pioneira, nós fizemos com um monte de gente, um monte de ambientalistas, e a lei está funcionando até hoje aí. Eu sou autor de 419 projetos de lei, 147 leis aprovadas. Na área ambiental tem mais de 50.

MAIS 60: Muitas leis, todas relevantes... e para as pessoas idosas?

Natalini: Para os idosos, a gente tem a lei dos cuidadores de idosos da cidade, eu tenho a lei de envelhecimento ativo, que é uma lei relevante, eu criei a Coordenadoria dos Idosos na prefeitura de São Paulo, não existia, eu que criei em 2005, eu que propus a Comissão dos Idosos da Câmara de São Paulo, que não tinha. Era uma subcomissão da Saúde, eu propus que se criasse a Comissão dos Idosos...

MAIS 60: Qual é a sua relação com a pauta da velhice? Fale sobre o que você fez como político e o que acha que precisa ser feito ainda para as pessoas idosas.

Natalini: No começo, foi mais uma questão profissional, porque lá em Cangaíba, naquele ambulatório lá que a gente atendia, 70% das pessoas eram idosas. Então a gente começava a ver que precisava ter um olhar especial para essa população. Nós criamos grupos de idosos lá, grupos de caminhadas, grupos de diabéticos e fomos aprofundando sem rigor científico, mais pelo feeling clínico. Daí, quando eu fui para a Câmara, quando eu fui para o Cosems e o Conasems, nós fizemos, mesmo como secretário de Diadema, várias iniciativas para idosos. Nos Cosems e Conasems nós fizemos várias atividades de políticas públicas de saúde voltadas para os idosos. Eu era presidente do Conselho Nacional. Eram 5.560 municípios que a gente coordenava na comissão tripartite do SUS. Então a gente agitou muito e essa questão do idoso sempre esteve na nossa pauta.

Na Câmara, criamos o Congresso do Envelhecimento Ativo do Município de São Paulo, o Programa dos Cuidadores da Cidade, fizemos um curso de cuidador na Câmara, nele já passaram quase sete mil pessoas, um curso de um dia, de iniciação para os cuidadores de idosos, junto com o grupo Apoio, a Luciana Feldman me ajudou, ajuda, é minha assessora há muitos anos, agora continua lá fazendo essa coisa toda. É um dia, é de iniciação, mas é muito bem-feito.

MAIS 60: E o que falta para esse público especificamente?

Natalini: Eu diria para você que nós vivemos um momento muito ruim para as políticas sociais. É claro que os idosos não iam ficar fora dessa situação. Agora, se a gente for pegar historicamente, avançaram bastante os benefícios para os idosos. Nós temos uma legislação muito boa. O Estatuto do Idoso é muito bom. A questão é que o problema financeiro existe e é enorme. Em vá-



Historicamente, avançaram bastante os benefícios para os idosos. Nós temos uma legislação muito boa. O Estatuto do Idoso é muito bom. A questão é que o problema financeiro existe e é enorme.

rias cidades do interior do Brasil, por exemplo, mesmo aqui em São Paulo, a família vive muitas vezes graças à aposentadoria ou àquele ganho que o idoso tem, daquele benefício social que o idoso tem, são muitas [famílias]. Aí tem uma outra questão, que é como uma parte da população vê o idoso, como um inútil, como um peso na vida da família, então o destrato ao idoso é muito grande, a violência contra o idoso é muito grande, têm índices insuportáveis. Eu acho que nós estamos em um momento de rever isso tudo, e por quê? Porque a população está envelhecendo, eu fiz 70 anos esses dias atrás, eu fiz 70 anos assim sem querer, ((risos)) sabe?

MAIS 60: Natalini, por favor, fale sobre o movimento Velhices Cidadãs (antes nomeada como Velhice Não É Doença), essa mobilização tão importante que você faz parte e foi um dos precursores...

Natalini: Eu conheci o Kalache³ na nossa militância na Câmara. Eu dei o título de Cidadão Paulistano ao Kalache. Ele teve merecidamente, porque ele é uma pessoa muito especial. Daí esse movimento foi uma faísca. Eu conheci a Lina, que trabalha com Alzheimer, conheci o Sergio Pascoal, conheci vocês do Sesc, Luciana Feldman, muita gente que participa ali, a gen-

te já se conhecia, e de repente vem esse negócio da OMS (Organização Mundial da Saúde) de querer taxar o velho como doente, daí nós nos juntamos, assim, e foi um cataclisma, fizemos uma agitação psicomotora muito grande com esse grupo Velhice Não É Doença e conseguimos reverter a decisão da OMS.

O que aconteceu com isso? Isso foi uma vitória mundial. Não foi do Brasil e nem nossa. Daí a gente se animou e falou: vamos continuar? Vamos. Então, criou-se o Coletivo Velhices Cidadãs, que tem esse nome no plural, porque a velhice não é igual, e envolve a questão da cidadania. Nenhum direito a menos para os idosos. Esse é o nosso lema e lutar para cumprir a legislação, para avançar. Construir um Brasil que possa receber os idosos com dignidade. Esse é o nosso trabalho.

MAIS 60: Vamos voltar para a questão política, porque traz uma questão social importante. A pergunta é sobre a diversidade na Câmara. Você acha que há essa diversidade de raça, idade, gênero, etnia, orientação sexual na Câmara dos Vereadores? Nós estamos nesse caminho ou ainda tem muito para fazer sobre esse assunto?

⁴ A OMS desistiu de classificar velhice como doença na nova versão CID 11 (Classificação Internacional de Doenças). Agora, no texto aprovado, a expressão “velhice” foi substituída por “envelhecimento associado a declínio na capacidade intrínseca”. O recuo do órgão acontece após pressão de organizações científicas e da sociedade civil, sobre a inclusão de “velhice” classificada como doença. Essa determinação poderia mascarar problemas de saúde e aumentar o preconceito contra as pessoas idosas.

³ Alexandre Kalache, médico especializado no estudo do envelhecimento. É presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil e ex-diretor de Longevidade da Organização Mundial da Saúde (OMS).



Natalini: Não tem representatividade a altura na Câmara Municipal de São Paulo, infelizmente, não tem. É sub-representado. Por exemplo, contam-se nos dedos os vereadores e as vereadoras negras. A questão da sexualidade, também, o número de pessoas que tem lá não representa a influência da diversidade sexual. Você sabe que quando eu estava como secretário de participação e parceria criei a Coordenadoria da Diversidade Sexual da Cidade de São Paulo, que existe até hoje e é ativa, além do primeiro Centro de Atenção à Atividade Sexual da Cidade de São Paulo. A Câmara não tem a representação que você está dizendo, a Câmara não é um espelho, é um espelho distorcido da cidade. E aí tem um outro

problema que eu tenho que falar. Às vezes, tem a pessoa, mas a pessoa não veste a camisa da causa que ela representa. Chega lá e não veste a camisa... Agora, tem lá muitos militantes agueridos, muito firmes, corajosos, que representam a questão racial, de gênero, dos movimentos de diversidade sexual, dos idosos...

MAIS 60: E o que você acha que tem que ser feito para termos mais representatividade?

Natalini: Olha, não tem governo ruim para povo organizado. Não tem governo ruim se o povo se organiza. Se não houver organização da sociedade para eleger representantes a altura, você vai estar sempre sub-representado.



Também democraticamente, eu sou muito indignado com a desigualdade social, acho que o maior problema que o Brasil tem, o maior de todos, é a diferença entre os mais ricos e os mais pobres.

MAIS 60: Para finalizar, quais são seus projetos de vida, Natalini?

Natalini: Olha, continuar o que eu sempre fiz, como aos 12 anos, como te falei. Ajudar a transformar o mundo, para que as pessoas vivam melhor. Esse é meu objetivo. De todas as maneiras que eu puder, de preferência, pacificamente. Também democraticamente, eu sou muito indignado com a desigualdade social, acho que o maior problema que o Brasil tem, o maior de todos, é a diferença entre os mais ricos e os mais pobres. Isso é vergonhoso, então, a nossa luta é distribuir um pouco de riqueza, fazer o conhecimento chegar para todo mundo, diminuir a violência, pregar a convivência pacífica entre as pessoas, respeitar as pessoas que têm mais experiência de vida, respeitar nossas crianças, está certo? Não pegar dinheiro público, não roubar do povo o que tem, botar o dinheiro para servir as pessoas, isso que me faz viver. Isso é a gasolina da minha vida. É o combustível, digamos assim, desde que eu era moleque e vou continuar assim até o último suspiro. E me sinto absolutamente bem para fazer isso. Depois de eu ter sido parlamentar cinco vezes, 20 anos que fiquei na Câmara, eu deixei a Câmara e a minha frase foi assim: “Eu não me aposentei, eu mudei de trincheira”. Essa é minha frase, continuo trabalhando, lutando, não exijo muito de mim financeiramente para viver, tenho uma vida simples, mas não me falta nada também.

MAIS 60: Natalini, muito obrigada pela entrevista.

Natalini: Eu agradeço muito, quero ser útil.



**QUADRINHOS**

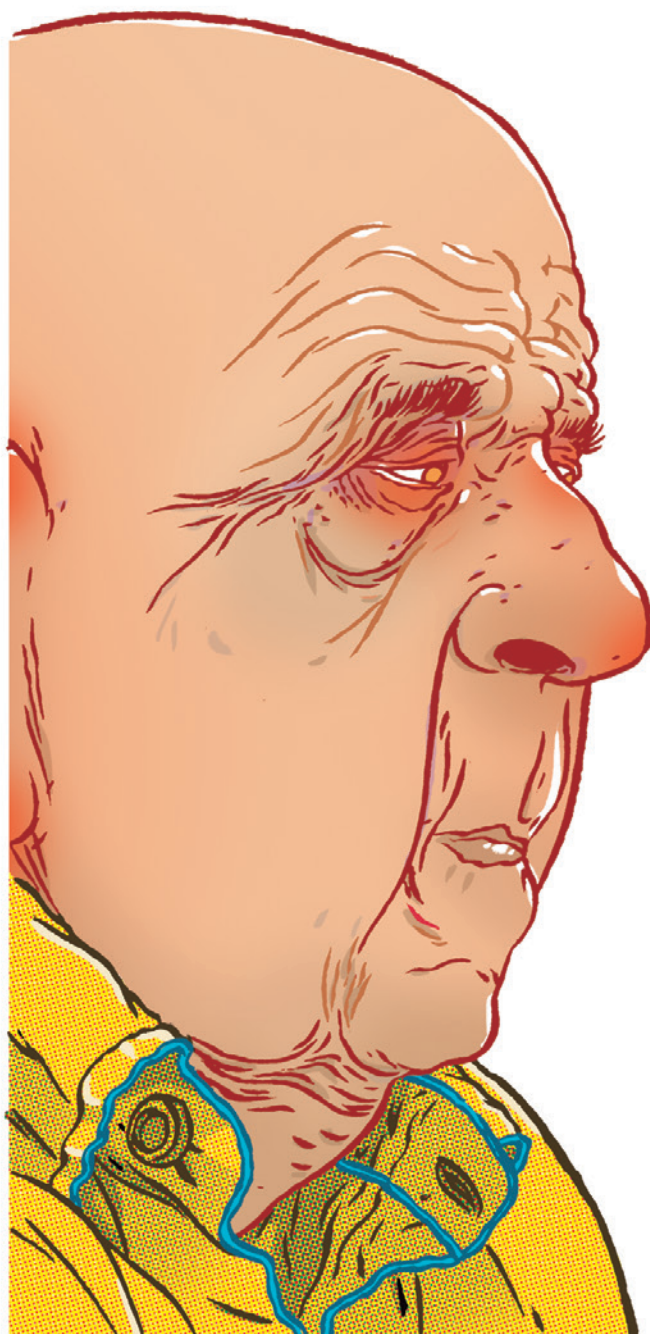
Além das palavras

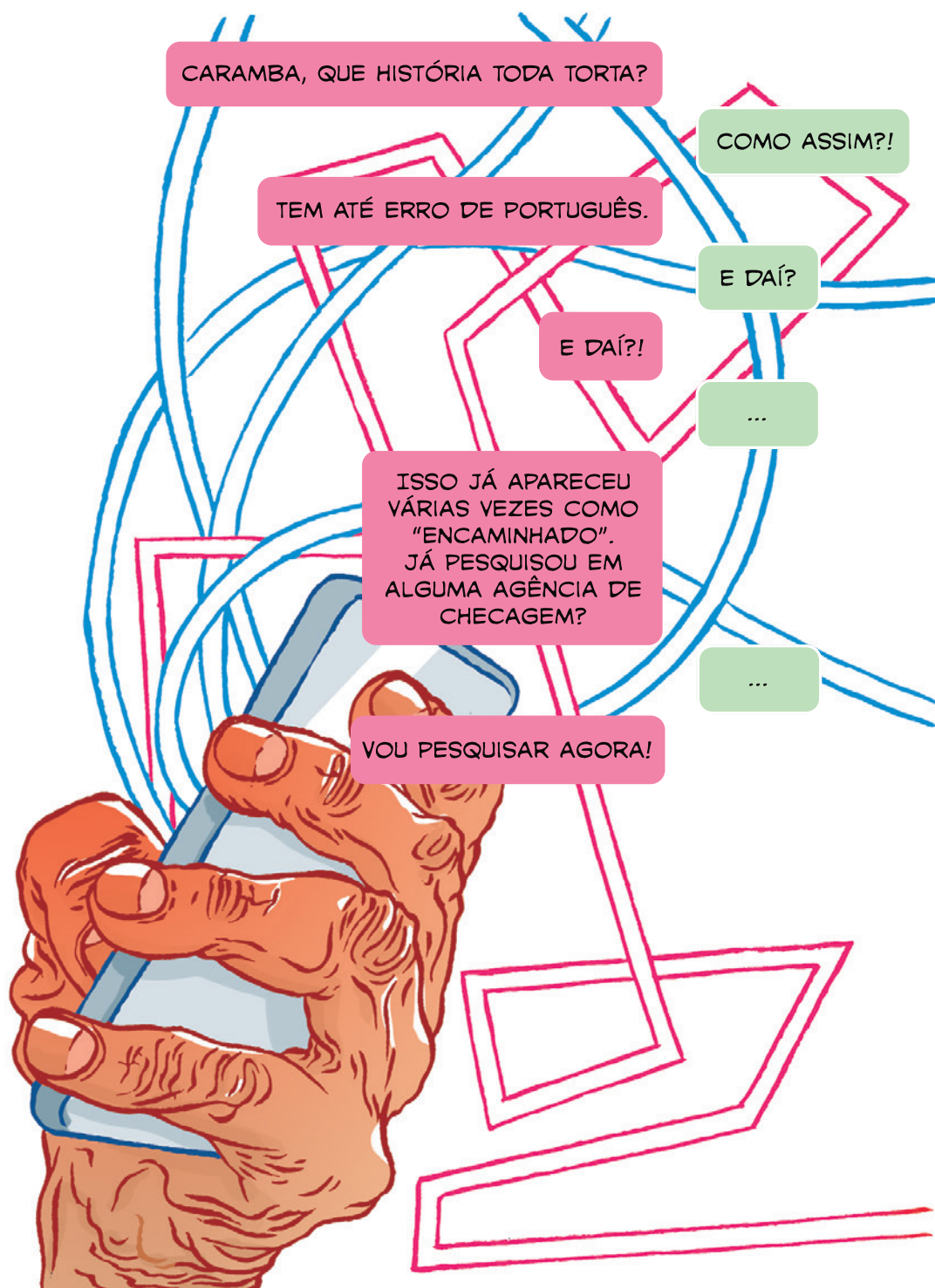
/por Luciano Salles

RAIO-X**Luciano Salles**

Ilustrador, artista e psicanalista.

Seu e-mail é: lucianosalles@me.com







Quando comecei a pensar nas ilustrações para a revista, desejava que elas dialogassem, quase que como em uma história em quadrinhos mas não com as imagens –não necessariamente–, em sequência. Mesmo que em páginas separadas, a intenção era que algo em determinada ilustração desse continuidade a uma outra, independente da página e localização que estivesse na revista.

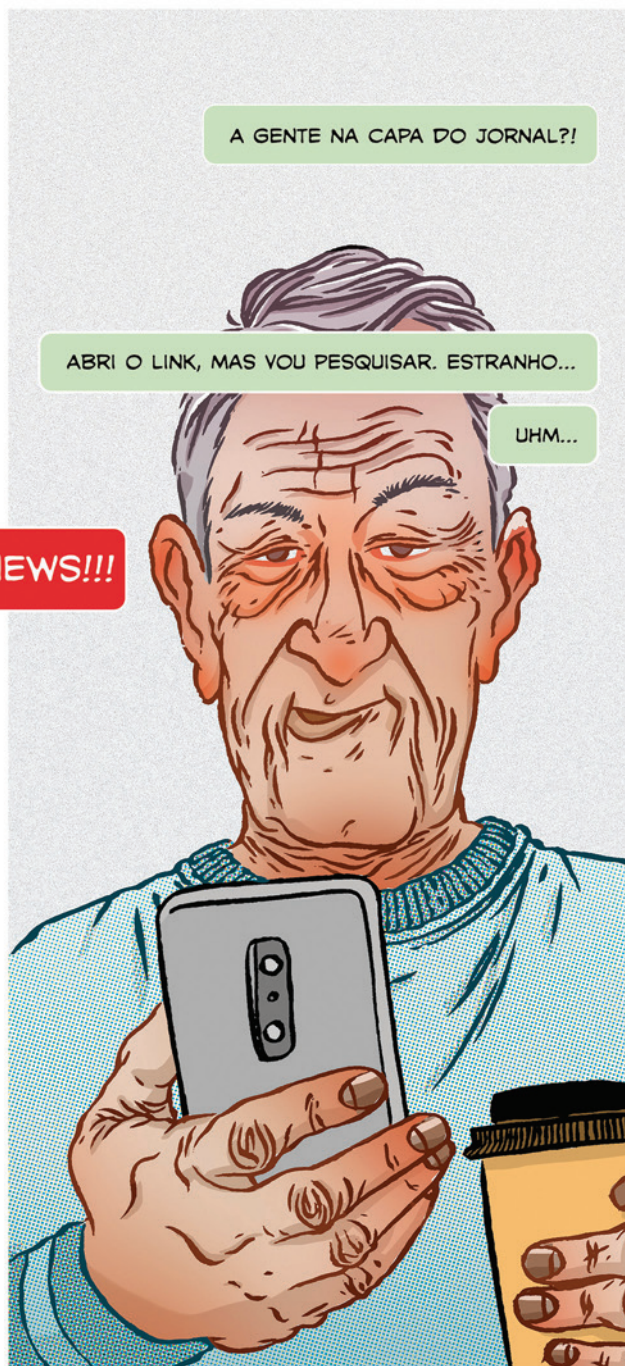
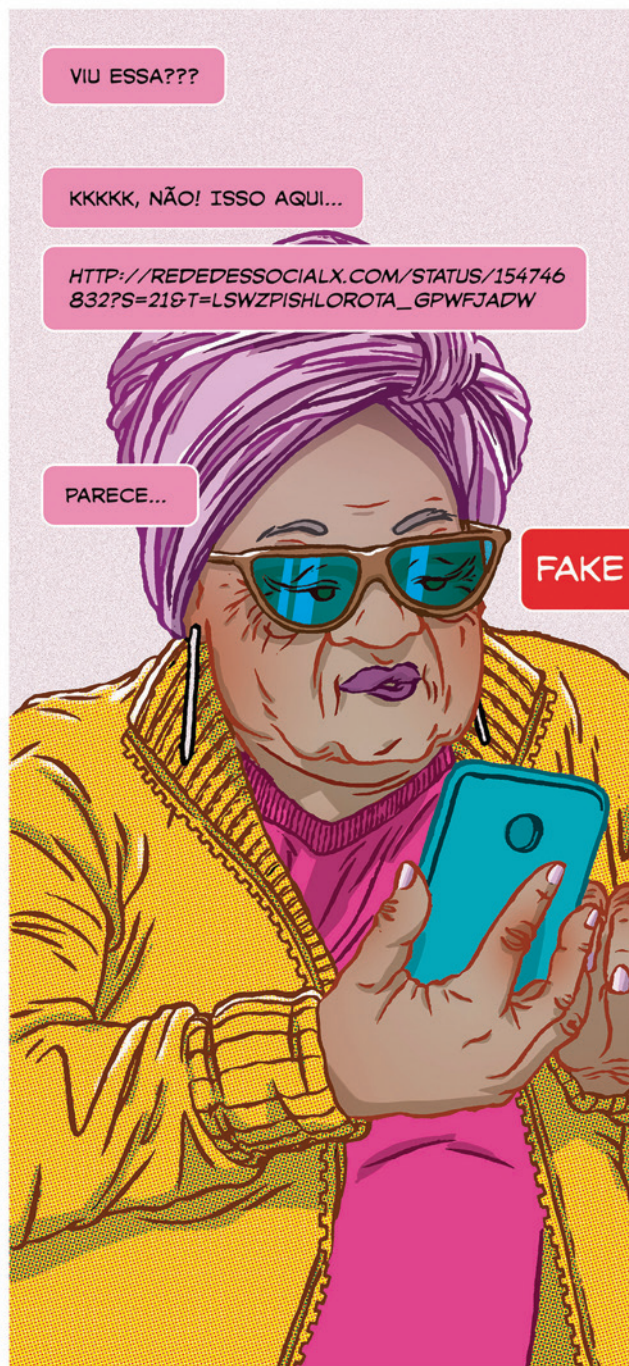
A partir dos artigos da publicação, vi a possibilidade para tal intento e assim fiz, deixando para o leitor as sensações que lhe couberem. Afinal, sempre será assim.

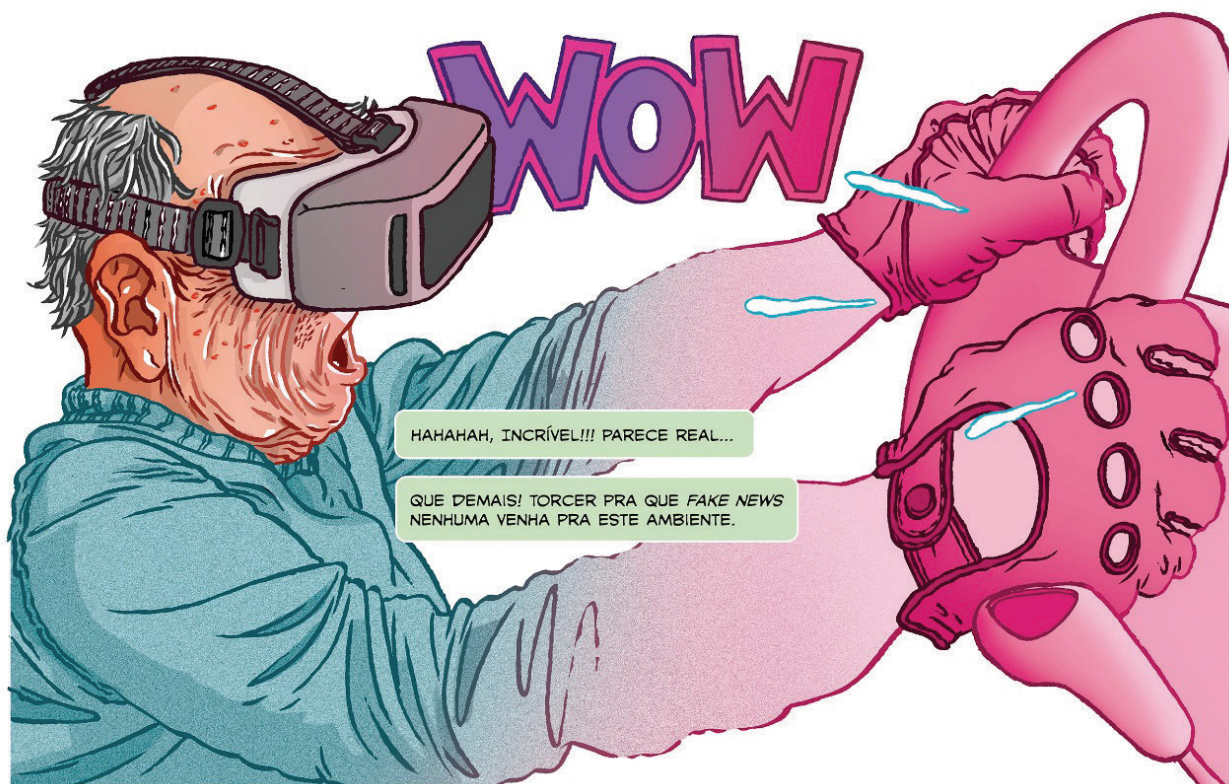
Posso articular minhas ideias e desenhos da forma que quiser mas é o(a) leitor(a) que acolhe com sua subjetividade, as imagens que dividem espaço entre as palavras.

Um texto sempre traz muito além das palavras que estão ali impressas e é aí que procuro desenvolver minhas ilustrações. No que não foi dito mas que o argumento carrega no peso de suas palavras.

Este é o caminho que gosto de trilhar para minhas ilustrações.

Luciano Salles





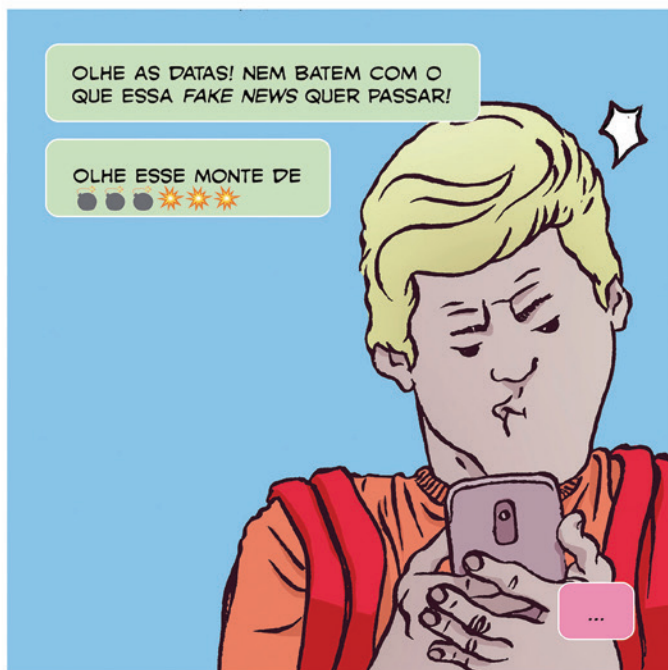
② ABERTURA DO ARTIGO

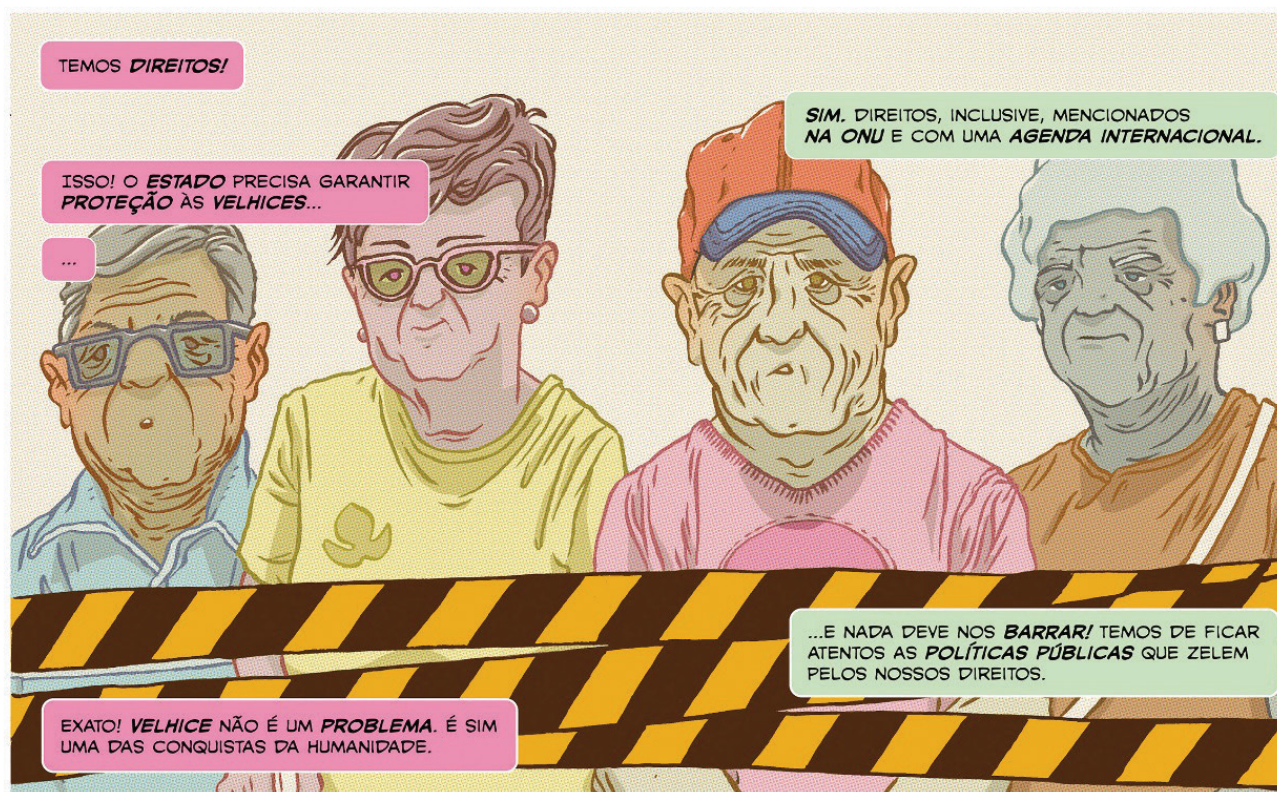
30 CM



ABERTURA DO ARTIGO:

UM SENHOR USA UM EQUIPAMENTO DE REALIDADE AUMENTADA E SE DIVERTE JOGANDO ALGO QUE SEMEJA A ALGUM JOGO DE DIREÇÃO, CORRIDA, AUTOESCOLA. OS BRÁÇOS ALONGADOS JÁ VÊ A REALIDADE AUMENTADA









PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Bloqueadas no Rolê Durante o Isolamento Social!

RAIO-X

Paula Bernardo

Mestra em educação pela Universidade de São Paulo (USP) e animadora cultural responsável pelo TSI do Sesc Jundiaí.

Silvia Morello

Pós-graduada em jornalismo pela Cásper Líbero, formada em ciências sociais pela USP, locutora de rádio e mestra de cerimônias formada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).

Pessoas idosas frequentadoras do Programa Trabalho Social com Idosos no Sesc Jundiaí (grupo ComoSomosLoucos)

Antonieta Marisa Giglio Bassan, 70 anos; Ilda Saito Obtero, 79 anos; Joana Cutelli Alves, 74 anos; Luiz Benedito de Paula Souza, 63 anos; Maria Cecília Vilela, 66 anos; Maria Lúcia Esteves de Moura, 76 anos; Maria Lúcia Fim Oliveira, 73 anos; Maria Lurdes Schneider Cavallari, 73 anos; Maria Simon Ferreira, 75 anos; e Rosalva Teixeira, 66 anos.



Não se assuste. Não apresentaremos uma manchete de jornal sobre denúncias de aglomeração na pandemia. Nem tampouco uma ocorrência policial. Este é o relato de uma experiência educativa que culminou com a bem-humorada radionovela *Bloqueadas no Rolê*, elaborada pelo grupo ComoSomosLoucos, constituído por idosas e um idoso do Programa Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc Jundiaí. O programa foi lançado em julho de 2021, sob a orientação de Silvia Morello e produção de Nathalie Delahousse¹.

O projeto, vinculado ao eixo arte e expressão do TSI, tem como diretriz a promoção da cultura do envelhecimento por meio da valorização da pessoa idosa e o seu objetivo é incentivar o protagonismo idoso.

¹ Pode ser ouvido em: <https://www.youtube.com/watch?v=BgWXmMVllpQ>.

A proposta deste relato busca dar visibilidade às falas das pessoas que participaram da avaliação da experiência na época do seu lançamento, em julho de 2021, e daquelas que aceitaram o convite para revisita-la um ano depois e refletir sobre algumas questões que foram lançadas na edição 77 da revista *Mais 60*, no artigo de De Paula e Barbalacco: *Distanciamento Físico Sim, Social, Não*, que destaca que a “(...) ação do TSI do Sesc São Paulo buscou durante o período de isolamento social superar o desafio de integrar velhos e velhas das diferentes unidades em ações on-line”.

A estratégia implicou no uso das tecnologias em favor da comunicação e continuidade do trabalho com pessoas idosas durante o período de isolamento. A ideia central partia da necessidade de pensar uma forma de permanência do contato humano, afetuosos, criativo e informativo com os grupos de TSI diante dos protocolos de saúde que sugeriam o isolamento físico e social para evitar a propagação do coronavírus.

Com a necessidade do distanciamento social, o Trabalho Social com Idosos (TSI) precisou reinventar-se com rapidez para adaptar suas atividades, ações e atitudes e, dessa forma, continuar atendendo o seu grande público. De imediato, constatou-se a necessidade de manter contato com seus participantes, fosse pelo telefone, grupos de mensagens ou encontros virtuais. Não apenas para manter as programações regulares, mas também para acompanhar da melhor forma possível a saúde dessas pessoas, bem como se tornar uma fonte confiável de informações, vista a avalanche de notícias que começaram a surgir, muitas delas falsas (DE PAULA e BARBALACCO, 2020).

A assertividade da proposta esbarrava nos desafios da inclusão e letramento digital enquanto pré-requisitos para seu desenvolvimento. E para superá-los foram realizadas várias iniciativas no Sesc São Paulo que buscavam oferecer ao público idoso oportunidades de aprendizado, desde cursos, oficinas sobre letramento digital, bate-papos sobre notícias falsas, redes sociais etc. Os educadores do Espaço de Tecnologia e Artes (ETA) no estado e na unidade de Jundiaí tiveram uma grande participação nesse processo, desenvolvendo ao longo de 2020 e 2021 cursos, *cards*, tutoriais, oficinas e bate-papos, como o projeto Letramento Digital do TSI em Jundiaí. As parcerias e os resultados foram muito promissores, mas o número de idosos interessados foi pequeno. A maioria entendia que tecnologia era uma coisa muito complicada. O grande nó da questão era justamente buscar estimular o protagonismo idoso usando uma tecnologia que não era comum em seu dia a dia, ou seja, a linguagem digital.

Surgiu outra pergunta: como promover a integração social com pessoas que tinham resistência, dificuldade, ou ainda, receio de usar as novas tecnologias? Pessoas de habilidades, saberes, referências culturais que se constituíram em um contexto em que a tecnologia não era parte da vida cotidiana, como passou a ser durante a pandemia. Para essa geração, o diálogo com linguagens, aplicativos, plataformas e redes sociais, entre outros, era uma dificuldade a ser superada.

Um dos pontos presentes no trabalho educativo do TSI do Sesc Jundiaí é justamente a constante provocação para a superação de desafios coletivos que nos tirem da nossa zona de conforto para vermos o mundo com outros olhos, vermos as pessoas com outros pontos de



ANTONIETA MARISA GIGLIO BASSAN



ILDA SAITO OBTERO



JOANA CUTELLI ALVES



LUIZ BENEDITO DE PAULA SOUZA



MARIA CECÍLIA VILELA



MARIA LÚCIA ESTEVES DE MOURA

vista, buscando experimentar novidades, explorar as possibilidades do nosso corpo e da sociedade que nos cerca. Partindo daí e do desejo de não deixar o isolamento físico distanciar corações e mentes surgiu a ideia de realizar a radionovela.

Antes da pandemia o grupo nunca tinha desenvolvido uma ação on-line. Fazíamos muitos bate-papos, passeios, oficinas, saraus, encontros dançantes, entre outras ações presenciais. Durante o isolamento social as pessoas idosas sentiam falta do ponto de encontro presencial,

do bate-papo com as amigas, do abraço afetivo e do convívio com os colegas no Sesc. Foi um exercício de aprendizagem para idosos, educadores e técnicos. Esse contexto aproximou mais ainda as equipes dos programas Esporte Idoso, Hidroginástica, Ginástica Multifuncional (GMF) e TSI, mas o número de participantes diminuiu. Mesmo assim enfrentamos o desafio com leveza, sem cobranças, com o intuito pedagógico de superar nossos limites e sair da zona de conforto.



MARIA LÚCIA FIM OLIVEIRA



MARIA LURDES SCHNEIDER CAVALLARI



MARIA SIMON FERREIRA



ROSALVA TEIXEIRA



**... enfrentamos o desafio
com leveza, sem cobranças,
com o intuito pedagógico de
superar nossos limites e sair
da zona de conforto.**

Quem vai contar essa história são as próprias idosas do ComoSomosLoucos. Após a leitura convidamos vocês, que nos leem, para refletir conosco se essa experiência deu conta de responder às perguntas acima e superar o desafio proposto com o projeto de letramento digital do TSI. Ao final, destacamos as falas das participantes sobre os aprendizados que essa experiência proporcionou.

Tudo começou com a proposta de experimentação do uso de novas tecnologias advinda dos cursos de letramento digital pro-

movido pelos educadores do ETA da unidade de Jundiaí, composta de Felipe Bojikian Calixtre, Lucas Mingoti Trabachini e Alline Juliane dos Santos (Lola).

A Rosalva, participante do TSI, nos conta o começo da aventura. Como foi essa história?

A radionovela surgiu na pandemia, período em que estávamos impossibilitados de frequentar os Pontos de Encontro do Sesc Jundiaí. Com a técnica Paula Bernardo, iniciamos encontros virtuais no aplicativo Google Meet. Foi-nos en-



Conversamos sobre os desafios da radionovela e resolvemos escrever um texto coletivo, inovador, envolvendo a questão do isolamento, com humor e trazendo a diversidade no contexto.

sinado como utilizá-lo através de reuniões sobre assuntos diversos. Tivemos acesso ao programa de rádio, de variedades do Sesc Pinheiros (Na Onda das Ondas)². A Paula nos desafiou a montarmos uma radionovela. De início, foi difícil acreditar que podia ser realizada. Porém, montamos um grupo espontâneo para treinarmos a utilização do aplicativo. A cada encontro teríamos uma nova mediadora, que enviaria o link e comandaria a reunião.

Conversamos sobre os desafios da radionovela e resolvemos escrever um texto coletivo, inovador, envolvendo a questão do isolamento, com humor e trazendo a diversidade no contexto.

Iniciamos selecionando casos engraçados envolvendo nós mesmos ou nossos próximos relacionados à pandemia. Alguns casos foram levantados e definimos qual seria o cenário em que os diálogos aconteceriam (num táxi), as personagens (duas amigas), o que pretendiam fazer (ir a um evento), outras personagens durante o trajeto e o desfecho final.

Este era o fio condutor. Convidamos um senhor para ser o motorista do táxi, que fez parte da história até o final do processo.

Foram dez encontros virtuais até o fechamento do roteiro. O texto pronto foi apresentado à Paula, que nos convidou a participar de seis oficinas de podcast com Silvia Morello, radialista, e Nathalie Delahousse, produtora cultural.

Durante as oficinas virtuais tivemos acesso a muitas informações, desde o histórico das radionovelas no Brasil, como gravar sons graves e agudos, impostação de voz, tipo de celular apropriado, editar, escolha dos fundos musicais, entre outros.

A radionovela, depois de muitos percalços, foi realizada com as vozes das personagens, gravadas cada uma em suas casas, pelo celular, em áudios enviados às especialistas, feitos e refeitos várias vezes. Elas sugeriram a divisão em duas partes com apresentação, músicas, nome da rádio, do grupo, propagandas nos intervalos e créditos finais (Rosalva Teixeira, 66 anos).

O grupo criou uma rádio fictícia chamada rádio PandeminhaeSua, escreveu o texto da radionovela *Bloqueadas no Rolê* e escolheu o nome do grupo, ComoSomosLoucos, com direito a bordão: “sabemos que somos poucos, mas como somos loucos”. Decidiram que iriam abordar a história de duas senhoras, uma branca e uma negra, de 70 anos aproximadamente, casadas, que se aventuram a sair em meio à pandemia buscando reviver momentos descontraídos com seus amigos e se deparam com imprevistos durante a viagem de táxi que se transforma numa saga bem-humorada.

2 Para saber mais sobre essa experiência do Sesc Pinheiros acessar: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/14598_NA+ONDA+DAS+ONDAS+UMA+VIAGEM+A+ERA+-DE+OURO+DO+RADIO.

Apresentamos um rap no início, músicas e comerciais durante a apresentação, obedecendo a divisão em duas partes. Ela aborda questões de gênero, racismo, amizade, respeito, pandemia, prevenção de quedas e reinvenção da vida (Rosalva Teixeira, 66 anos).

Foi criado um grupo no WhatsApp para acompanhamento das tarefas da semana, que eram discutidas nos encontros semanais. Ali, Silvia, Nathalie e Paula orientavam os próximos passos do processo. Foram mensagens, áudios e links de exemplos que procuravam orientar sem direcionar as escolhas, vejam um exemplo:

Olá, pessoal!

Tudo bem com vocês?

Acho ótima a ideia de praticar pra se familiarizar com o texto e com as emoções das falas. Vamos ver se definimos os papéis e demais afazeres até o próximo encontro. Caso alguém sinta dificuldade com a gravação ou pra saber como enviar, pode me chamar no particular também.

Estou por aqui. Até já!

(mensagem enviada via aplicativo pela Silvia Morello para encaminhar os trabalhos da semana)

O trabalho da radionovela revelou uma série de temas e questões para o desenvolvimento de ações futuras. Apesar de o texto inicial ter abordado questões tratadas em diferentes momentos do trabalho educativo, como o debate sobre diversidade, ficou claro que ainda existe precon-

ceito e dificuldade em aceitar a existência de corpos diversos. Algumas pessoas deixaram o grupo por não aceitarem a ideia de as personagens principais serem idosas homossexuais.

A construção do texto não teve intervenção nem da técnica de referência nem da radialista. Surgiu como uma tentativa de levantar os principais temas abordados nos pontos de encontro, tais como prevenção de quedas, diversidade e alegria de viver, entre outros. Mas, enfrentar o tema interpretando uma personagem homossexual a ainda gera desconforto para algumas pessoas.

Essa reação de alguns participantes nos leva a algumas interrogações: qual o caminho para a transformação dos olhares e comportamentos das pessoas idosas sobre diversidade de gênero e raça? Quais alternativas para romper o preconceito e a dificuldade em aceitar as mudanças sociais, de promover o acolhimento e respeito à diversidade? Esse debate ocorreu ao longo do processo de elaboração do programa de rádio. Foram várias conversas, mas mesmo assim alguns integrantes deixaram o grupo. Foi necessário que algumas idosas viessem para evitar as saídas e só uma pessoa voltou atrás.

As questões relacionadas às ações em rede do Sesc São Paulo, como a campanha de prevenção de quedas, surgiram no texto naturalmente e foi consenso no grupo abordá-la, bem como as questões relacionadas aos protocolos de saúde (naquela época estávamos em meio ao isolamento social).



Durante as oficinas virtuais tivemos acesso a muitas informações, desde o histórico das radionovelas no Brasil, como gravar sons graves e agudos, impostação de voz, tipo de celular apropriado, editar, escolha dos fundos musicais, entre outros.

Sobre o debate de raça foi mais fácil fazer o diálogo com o grupo em comparação com a questão de gênero. Ainda que na primeira versão do texto houvessem falas racistas, um exercício de argumentação foi suficiente para superar e corrigir as expressões. Mas, sobre a questão de gênero, as portas foram fechadas. Como podemos voltar a ele respeitosamente, uma vez que entendemos ser necessário diante deste contexto de tanta intolerância e atrocidades cometidas contra a população LGBTQIAP+? Como contribuir para que os idosos compreendam que seu tempo é o hoje e que hoje, diante das mudanças sociais, é necessário mudar falas, conceitos, atitudes e pensamentos para não reproduzir opressões? Esse com certeza é um debate que carece de novas oportunidades de abordagem junto ao público idoso.

O QUE APRENDEMOS?

Para além das questões técnicas: como gravar um áudio, como isolar o som para evitar ruídos na gravação, como ler, como interpretar o personagem, um outro legado importante foi o aprendizado sobre a construção coletiva e a mediação de um trabalho em grupo que teve conflitos, mas com um resultado que alcançou a expectativa de todos. A radialista em sua fala destaca os desafios enfrentados:

Foi o primeiro grupo de TSI com que eu trabalhei no Sesc e foi muito gratificante encontrar uma turma tão animada, criativa e disposta a aprender.

Sabíamos que a montagem de uma radionovela seria um desafio, ainda mais cumprindo todas as etapas a distância, desde a oficina introdutória em nossos encontros on-line, as gravações que cada um fez com seu próprio celular e a posterior edição, um quebra-cabeça desafiador.

Mas acredito que o resultado foi muito satisfatório e seria uma alegria reencontrar o pessoal do TSI de Jundiá para dar um novo rolê nas ondas dos podcast. Obrigada mais uma vez pela confiança e contribuição valorosa de cada um (Silvia Morello).

Mas, apesar das dificuldades, foi um trabalho divertido. A sensação, com o trabalho pronto, foi de superação de mais um desafio:

Com certeza foi algo novo e desafiador, fizemos várias reuniões pela plataforma Google Meet. Graças aos cutucões da Paula, todos foram dando o melhor de si (...). Com a orientação da Silvia e da Nathalie, escrevemos sem perceber a radionovela *Bloqueadas no Rolê*. Criamos o grupo ComoSomosLoucos e até o rap saiu com o auxílio do DJ Betão, do Sesc Pinheiros. Foi puxado, mas conseguimos. Foi uma experiência calorosa. Acredito que faríamos de novo, valeu a pena. Descobrimos talentos. Obrigada a todos (Antonietta Giglio Basan).

Nesse contexto foi importante entender que somos diferentes e aprender a respeitar essas diferenças foi um pré-requisito importante para construir coletivamente, dialogando com diversas leituras de mundo e concepções. Mais que isso, além do exercício de alteridade, saber que em grupo muitas vezes é necessário ceder para avançar:

(...) Eu lembro que a gente se encontrou várias vezes para fazer as correções, que a Silvia e a Nathalie ajudaram bastante. A gente fazia, fazia, depois fazia de novo e outra vez... O que mais ficou para mim desse grupo é que a convivência, o treino de fazer, a maneira como foi orientado dá para gente possibilidades de fazer qualquer coisa. Tivemos muito incentivo da Paula. Não podemos esquecer da Lucinha [Lúcia Fim], que teve um pa-

pel importante nisso tudo. Ela empurrava a gente, a mim pelo menos empurrou. Eu acho que teve muitas coisas positivas, e que a gente pode fazer outras coisas até. Eu não concordei com o tema na ocasião, mas isso faz parte, porque cada pessoa pensa de um jeito, a cabeça das pessoas, cada uma vai para um rumo. O meu depoimento sobre o que mais me tocou foram os encontros. A disposição de se juntar para fazer as coisas. Isso eu acho fundamental em qualquer grupo. Se não tiver essa disposição não sai nada, mas com um pouquinho de cada um dá para fazer alguma coisa (Maria Lucia Esteves).

Parecia algo impossível de alcançar, mas não foi. Sair da zona de conforto foi um exercício pedagógico que despertou afetos e desaletos, mas acima de tudo aproximou quem ficou até o fim. O resultado mexeu positivamente com a autoestima das pessoas envolvidas ao ver o retorno dos seus familiares e amigos, ao responder aos questionamentos do público, às provocações, às piadas quando a matéria sobre a radionovela saiu na TV Tem, afiliada da rede Globo na cidade³. Enfim, o grupo defendeu a radionovela e ela fez bem a quem se propôs a participar sem medos ou preconceitos. Inclusive, se sentem à vontade para repetir a dose.

Turma, fizemos uma radionovela! Sempre é tempo de aprender, né? Super parabéns à Silvia pela paciência, à Nathalie por nos coordenar, ao DJ Betão, que fez os arranjos do nosso rap, à Paula por confiar a nós esse trabalho e ao Sesc por nos proporcionar esses bons momentos. REALIZAMOS! (Lucia Fim).

³ Link da matéria: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2021/07/04/grupo-de-idosos-de-jundiai-cria-radionovela-em-formato-de-podcast.ghml>.

CONCLUSÃO

As reflexões apontadas pelo grupo indicam a importância de trabalhar habilidades específicas antes do desenvolvimento de determinadas estratégias, particularmente no uso de tecnologias e linguagens digitais com o público idoso. Revela a criatividade e dedicação de quem ficou até o fim da experiência e se dispôs sair da zona de conforto para criar, se relacionar, para construir coletivamente, administrando diversas leituras de mundo e egos. Aponta temas relevantes para trabalhos futuros, como raça, gênero, diversidade e etarismo, além de reforçar a assertividade da estratégia de usar as tecnologias durante o período de isolamento social como uma aliada do TSI.

Em conversa recente com a turma, outras pessoas que não participaram do projeto se interessaram em dar continuidade ao trabalho de letramento digital e pensar em uma continuação para a radionovela. Isso nos coloca diante de um novo desafio e, de acordo com o que vivenciamos até aqui, é possível dizer que o grupo tem todas as condições de se superar com criatividade, criticidade e bom-humor.

E vocês, leitores que leram essa narrativa, o que pensam sobre nossa experiência?

Jundiaí, junho de 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE PAULA, Gustavo Nogueira; BARBALACCO, Rosângela. Distanciamento físico, sim, social, não. *Mais 60: estudos sobre envelhecimento*. Edição do Serviço Social do Comércio, São Paulo, Sesc São Paulo, v. 31, n. 77, p. 114 a 118, ago. 2020.



HISTÓRIAS EM QUADRINHOS



RAIO-X

Fabrizio Ribeiro

Mestre em história pela
Universidade Estadual
Paulista (Unesp/Franca)
e pesquisador de acervo do
Sesc Memórias.
fabrizio.ribeiro@sescsp.org.br

Envelhecimento e Histórias em Quadrinhos

por **Fabrizio Ribeiro**



Para além do entretenimento proporcionado pela leitura de aventuras espaciais e tramas detetivescas envolvendo heróis encapuzados e superpoderosos, as histórias em quadrinhos têm o papel de nos fazer refletir acerca da realidade em que vivemos.

Temas como emigração e refúgio, combate à intolerância, respeito às diversidades, direitos das mulheres e tantos outros assuntos importantes figuram, de forma cada vez mais frequente, nas páginas dessas revistas. A questão da velhice, fundamental, sobretudo ao

pensarmos numa sociedade que envelhece – em 2050 seremos 2 bilhões de pessoas com idade superior aos 60 anos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) –, também vem sendo abordadas nas HQs.

Duas obras com essa temática foram publicadas recentemente. *Vida nas Sombras* (Conrad, 2022, tradução de Andressa Lelli, 368 páginas), com roteiro de Hiromi Goto e ilustrações de Ann Xu, e *A Obsolescência Programada dos Nossos Sentimentos* (Pipoca e Nanquim, 2022, tradução de Fernando Paz, 148 páginas), escrita por Zidrou e ilustrada por Aimée De Jongh.

A primeira conta a história de Kumiko Saito, de 76 anos, viúva, que tenta levar a vida de modo independente, sem a interferência dos familiares, enquanto lida com a proximidade da morte, representada pelas sombras mencionadas no título. A obra começa com Kumiko arrumando seus pertences e fugindo da casa de repouso escolhida para ela por suas filhas. Ao sair diz: “Nunca me senti bem aqui”. A ameaça surge logo nas primeiras páginas. A protagonista sente sua presença e, numa cena em que a morte tenta afogá-la na banheira, responde: “Eu sabia que você viria. Senti sua presença pelo lar de idosos todo. Sei que não é pessoal. Mas veio cedo demais”. Kumiko luta pela vida. Vence. E depois aprisiona a sombra num aspirador de pó.

Ativa e cheia de vontade de viver, Kumiko faz natação, compras, cozinha, usa o computador e o telefone celular, percorre longos trajetos, muitas vezes a pé. Apesar de contar com a generosidade de outros personagens, resolve as coisas do seu jeito. Sempre sozinha. Vive num apartamento, seu “cantinho próprio” como chama, com pouca mobília. Dorme no chão.

Sem revelar seu paradeiro, comunica-se pela internet com Mitsuko, uma de suas filhas, que é contrária à ideia de a mãe de morar sozinha, como ilustra o diálogo:

“Tem ideia de quantos problemas a senhora causou a todos?”

“Calma! Só estou vivendo minha vida. Só isso...”

“Esperamos mais de três anos por um lugar no Green Acres, mãe! Nunca mais vão te aceitar de volta! Sem falar na quantia que já pagamos e não vão reembolsar!”

“Nunca gostei desse nome. Parece até um lar de idosos para animais de fazenda.”

Mas Kumiko quer privacidade e pede a filha que respeite seus desejos.

Quando uma mancha escura aparece em suas costas, na altura dos ombros, resultado do seu embate com a sombra, decide ir à biblioteca pesquisar o assunto. As horas passam. Atormentada pelo agouro da morte, sai apressada, sem



A discriminação com base na idade atinge sobretudo a população idosa e segue na contramão do que a OMS entende por “envelhecimento ativo”, que visa a melhoria da qualidade de vida das pessoas à medida que envelhecem, a partir do reconhecimento dos direitos dos idosos e de princípios como autonomia, dignidade, assistência e autorrealização.

perceber que suas chaves e a carteira caíram da jaqueta, dando início a uma série de eventos determinantes para o desenrolar da história. Ao fugir, Kumiko escorrega e machuca o braço. Recusa-se a ir ao hospital. Pensa nas consequências: as filhas serão avisadas e ela perderá sua liberdade. Na sequência, já em casa, sem encontrar os remédios, se pergunta: “E se for tudo da minha cabeça? E se não houver nada no aspirador? E se for a demência chegando?”. Recorre à internet para pesquisar acerca da “perda de memória e velhice”.

Com passagens repletas de lirismo, símbolos e metáforas – e uma reviravolta que remete ao realismo fantástico nas últimas páginas –, utilizadas por Hiromi Goto e Ann Xu para reforçar o desejo da protagonista em se manter viva, a leitura de *Vida nas Sombras* é pautada pela pergunta: como enxergamos a velhice?

A Obsolescência Programada dos Nossos Sentimentos narra a história de Mediterrânea e Ulisses a partir do momento em que tomam consciência do próprio envelhecimento e da forma como lidam com essa realidade. Questões como morte, trabalho e sexualidade são abordadas com sutileza e sensibilidade pelos autores.

Mediterrânea aguarda por nove meses a morte da mãe, na expectativa de que o sofri-

mento terminasse. E quando acontece, conclui: “A morte não ama os idosos”. Com o falecimento da matriarca, ela passa a ser a mais velha da família, como lembra seu irmão, fazendo-a pensar em sua condição. Ulisses, por sua vez, depara-se com a aposentadoria compulsória aos 59 anos, como parte de um plano de “enxugamento” da empresa.

Os dois se conhecem por acaso. Mediterrânea, com 62 anos, foi modelo e chegou a posar nua para uma revista masculina. Curioso, Ulisses procura a revista num sebo. Folheia o exemplar ao encontrá-lo. Mas a nudez que a HQ nos mostra é a da personagem nos dias de hoje, quando se despe no banheiro, numa sequência de quadros que detalham o corpo idoso. “O corpo se resigna mais rápido do que a alma. O tempo o enrugou, o injuriou, o humilha... O ‘envariza’, o ‘menopausa’... O extenua, o caricaturiza... Bom jogador, o corpo acompanha. O espírito, esse é mau perdedor. Leva mais tempo pra soprar o mesmo número de velas que o corpo. Só se rende aos trancos e barrancos... Depois de revelações dolorosas... E sucessivos espantos”, reflete Mediterrânea, diante do espelho.

Começam um relacionamento amoroso. O flerte, o romantismo, o prazer. A redescoberta do sexo. E um final surpreendente.

O termo “obsolescência programada” é geralmente empregado para designar produtos e aparatos tecnológicos que, dentro da lógica do mercado, possuem tempo de funcionalidade finito, exigindo sua substituição a curto ou médio prazo. Na HQ é utilizado por Zidrou e De Jongh para questionar se emoções e paixões teriam data de validade, uma época determinada para ocorrer, isto é, na juventude, não sendo possível aos velhos sentir e desejar.

O etarismo aparece como mote nas duas histórias. Kumiko, de acordo com as filhas, não pode morar sozinha, tampouco levar a vida de forma independente. Ulisses foi dispensado do emprego e quando o antigo patrão tenta justificar a decisão, é obrigado a retrucar: “O que os outros têm são 20 anos a menos”. A discriminação com base na idade atinge sobretudo a população idosa e segue na contramão do que a OMS entende por “envelhecimento ativo”, que visa a melhoria da qualidade de vida das pessoas à medida que envelhecem, a partir do reconhecimento dos direitos dos idosos e de princípios como autonomia, dignidade, assistência e autorrealização.

Estabelecidos e garantidos esses direitos, teremos o idoso protagonista não apenas de histórias em quadrinhos, mas de sua própria história.



Estabelecidos e garantidos esses direitos, teremos o idoso protagonista não apenas de histórias em quadrinhos, mas de sua própria história.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS

REVISTA MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista *Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento* é uma publicação multidisciplinar, editada desde 1988 pelo Sesc São Paulo, de periodicidade quadrimestral e dirigida a estudantes, especialistas e interessados na área do envelhecimento. Tem como propósito estimular a reflexão e a produção intelectual no campo da gerontologia e das áreas em que o envelhecimento e a longevidade são objetos de estudo. Seu objetivo é publicar artigos de divulgação técnicos e científicos que abordem os diversos aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a comissão editorial.

- Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico: revistamais60@sescsp.org.br.
- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve-se, obrigatoriamente, informar em nota à parte sob qual forma, onde e em qual data foi publicado (revista, palestra, comunicação em congresso etc.).
- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitada a Cessão de Direitos Autorais – conforme modelo Sesc São Paulo – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do Sesc São Paulo, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal Sesc São Paulo (sescsp.org.br), aplicativo e redes sociais desta instituição.
- Os dados, bem como as interpretações dos resultados emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da comissão editorial da revista.
- Todos os artigos enviados que estiverem de acordo com as normas serão analisados pela comissão editorial, que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de o artigo ser aceito o(s) autor(es) correspondente(s) será(ão) contatado(s) por e-mail e terá(ão) direito a receber 1 (um) exemplar da edição em que seu artigo foi publicado.
- Os artigos devem apresentar uma breve nota biográfica do(s) autor(es) contendo: nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para contato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.
- Os trabalhos aceitos serão enviados à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

- Os **artigos** devem ser apresentados em extensão .doc ou .docx e devem conter entre 20.000 e 32.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, *abstract* e referências bibliográficas.

- **Categorias de artigos:** resultados de pesquisa (empírica ou teórica), relatos de experiência e revisão de literatura.

- O **resumo** deve ser estruturado e conter, nesta ordem: introdução, materiais e métodos, resultados e conclusão. Deve conter cerca de 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.

- O **abstract** deve conter cerca de 200 palavras, seguir a mesma ordem do resumo em português e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as *keywords*.

- O **artigo** deve conter: introdução; hipótese (opcional); materiais e métodos; resultados; discussão; e conclusão ou considerações finais.

- As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)**.

- A quantidade máxima é de 30 (trinta) referências bibliográficas por trabalho. Revisões de literatura poderão conter mais referências. A autenticidade das referências bibliográficas é de responsabilidade única e exclusiva dos autores.

- **Gráficos e figuras** devem ser utilizados quando houver necessidade para entendimento do texto. Constar sob a denominação “Figura” ou “Gráfico” e possuir boa qualidade técnica e artística. Devem ser enviados separadamente e ter resolução mínima de 300 dpi, tamanho mínimo de 10cm x 15cm, no formato JPG ou PDF. As imagens devem ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor. Em hipótese alguma devem ser incorporadas no próprio texto do artigo. Os gráficos devem ser enviados separadamente no formato XLS/XLSX (Microsoft Office Excel) ou PDF.

- **Tabelas ou quadros:** devem ser autoexplicativos, constar sob as denominações “Tabela” ou “Quadro” no arquivo eletrônico e ser numerados. A legenda deve acompanhar a tabela ou o quadro e ser posicionada abaixo deles. Siglas ou sinais apresentados devem estar traduzidos em nota colocada abaixo do corpo da tabela/quadro ou em sua legenda. Devem ser citados no corpo do texto, na ordem de sua numeração.

- **Fotos:** no caso de utilização de fotos (necessariamente em alta resolução, mínimo de 300 dpi), elas devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo (segundo o modelo do Sesc São Paulo). Só devem ser utilizadas quando houver necessidade para entendimento do texto.

- **A quantidade de imagens, tabelas e quadros** deve ser limitada em 4 tabelas ou quadros e 2 imagens por artigo.

- **Citações de referências bibliográficas:** no texto incluir autor, data e página (quando necessário). Ex: Segundo Silva (2019). Se a citação for entre parênteses: (SILVA, 2019). Neste último caso utilizar a fonte Arial número 10.

- As **referências** devem ser organizadas em ordem alfabética, pelo sobrenome do autor. Devem aparecer alinhadas à margem esquerda e de forma a se identificar individualmente cada documento, em espaço simples e separadas entre si com espaço de 1,5.

- **Materiais extras** do artigo podem ser aceitos para a inclusão no aplicativo do Sesc São Paulo, onde a revista também está inserida. Estão incluídos fotos e vídeos em boa resolução e com as devidas autorizações de uso de imagem. Formato das imagens: JPEG, PNG, PDF e TIFF. Vídeos: MPEG4, MP4 e MOV. Áudios: MP3. Também são passíveis de aceitação conteúdos incorporados do YouTube, desde que haja autorização do responsável da conta para sua divulgação.

Em caso de dúvida, entre em contato pelo e-mail: revistamais60@sescsp.org.br.



O Sesc – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio, serviços e turismo, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O Sesc de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o Sesc São Paulo conta com uma rede de 40 unidades, disseminadas pela capital, grande São Paulo, litoral e interior do estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

CONSELHO REGIONAL DO SESC – 2022-2026

Presidente Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional Danilo Santos de Miranda

Membros Efetivos Benedito Toso de Arruda, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, José Roberto Pena, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo Cesar Garcia Lopes, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva, Valterli Martinez, Vanderlei Barbosa dos Santos

Membros Suplentes Aguinaldo Rodrigues da Silva, Aldo Minchillo, Antônio Cozzi Junior, Antonio Di Girolamo, Antonio Fojo Costa, Antonio Geraldo Giannini, Arnaldo Odlevati Junior, Célio Simões Cerri, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vilter Croqui Marcondes, Vitor Fernandes, William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Membros Efetivos Abram Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior, Rubens Torres Medrano

Membros Suplentes Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Marcelo Braga, Vicente Amato Sobrinho

NESTA EDIÇÃO:

No artigo principal, a pesquisadora Áurea Soares Barroso faz uma leitura histórica sobre direitos humanos, normativas e planos de ação sobre envelhecimento no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização dos Estados Americanos (OEA), das quais o Brasil é signatário. O artista e psicanalista Luciano Salles dialoga com o assunto por meio das suas ilustrações.

O artigo *A Pessoa Idosa no Combate às Notícias Falsas (Fake News): Uma Questão que Envolve a Todos Nós*, escrito por Lina Menezes, apresenta o papel das pessoas idosas como protagonistas na desconstrução das *fake news* e no combate ao etarismo.

Artigos que também compõem esta edição:

Ageing in Place – Envelhecimento em Casa e na Comunidade; A Experiência Virtual de um Grupo de Idosos da Baixada Fluminense no Contexto de Isolamento Social; Rede Educativa para a Longevidade – Gibi Turma da Longevidade; e Promoção do Bem-Estar Integral para Pessoas Idosas no Grupo de Ginástica para Todos (GPT) Durante a Pandemia: Metodologia, Estratégias e Resultados.

O médico, político e apoiador das causas das pessoas idosas e do envelhecimento ativo Gilberto Natalini é o entrevistado desta edição.

O Painel de Experiências, intitulado *Bloqueadas no Rolê Durante o Isolamento Social!* conta a história da criação de uma radionovela elaborada por pessoas idosas participantes do Programa Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc Jundiá.

Envelhecimento e Histórias em Quadrinhos é o título da resenha que apresenta duas obras publicadas recentemente sobre o contexto da velhice: *Vida nas Sombras* (Conrad, 2022) e *A Obsolescência Programada dos Nossos Sentimentos* (Pipoca e Nanquim, 2022).

sescsp.org.br



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em

